

## EXISTE CULTURA PARA SALVAR O INVERNO ?

— Página 17 —



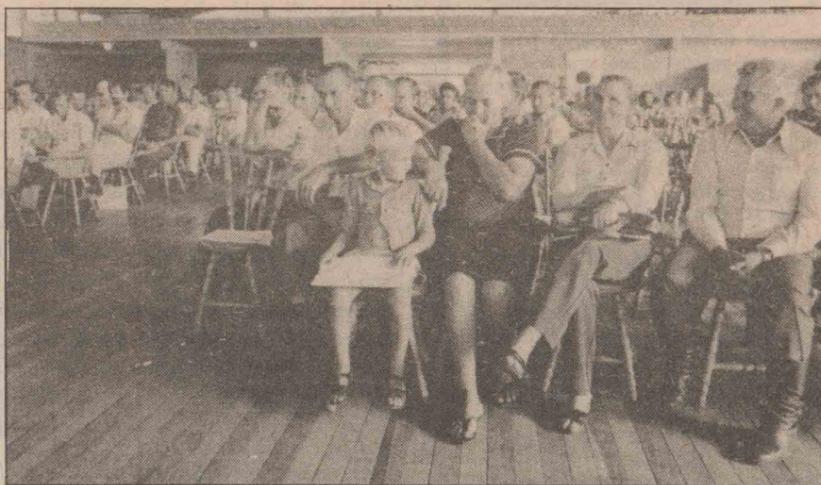
## OUTRO ANO OUTRA SECA

— Última página —



## UM CHOQUE NO MERCADO

— Página 9 —



Assembléia

## O TESTE DOS REPRESENTANTES

— Página 14 —

COOPERATIVA REGIONAL  
TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, esquina  
Porto Alegre - Caixa Postal 111  
IJUÍ - RS  
GERAL - PABX 332-1549

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA Nº 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

#### ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-Presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues  
Borges, Nelcy Rospide Nunes, Luis  
Régis do Amaral, Werner Ervin Wag-  
ner, Eduardo Augusto de Menezes,  
Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto,  
Bruno Eisele.

Conselheiros (Efetivos):

Alberto Sabo, Erni Schünemann,  
Egon Eickoff, Telmo Rovero Ross,  
Joaquim Stefanello.

Conselheiros (Suplentes):

Alfredo Driemeyer, Reinhold Luiz  
Kommers, Ido Marx Weiller, João  
Telló, Arnaldo Hermann, José Carlos  
Vione.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Dair Fischer, Eloy Milton Frantz, Ál-  
varo Darci Contri.

Conselho Fiscal (Suplentes):

Dari Bandeira, Antoninho Boiarski  
Lopes, Avelino Righi.

Capacidade em Armazenagem:

IJUÍ (Sede) . . . . .	164.000 t
Ajuricaba . . . . .	33.000 t
Augusto Pestana . . . . .	33.000 t
Chiapetta . . . . .	60.000 t
Cel. Bicaco . . . . .	40.000 t
Sto. Augusto . . . . .	77.000 t
Tenente Portela . . . . .	60.800 t
Vila Jóia . . . . .	67.000 t
Esq. Umbú (Sto. Aug.) . . . . .	50.000 t
Rio Grande . . . . .	220.000 t
Dom Pedrito . . . . .	48.000 t
Maracajú . . . . .	84.000 t
Sidrolândia . . . . .	52.000 t
Rio Brilhante . . . . .	84.000 t
Dourados . . . . .	60.000 t



**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao qua-  
dro social, autoridades, universidades  
e técnicos do setor, no país e exterior.  
Nossa tiragem, 18.500 exemplares.

Associado  
da ABERJE



Associado da

**AJOCOOP**  
Associação dos Amigos e Servidores de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e  
Documentos do município de Ijuí,  
sob n. 9. Certificado de marca de  
propriedade industrial M/C11 n.  
022.775 de 13.11.1973 e figurativa  
M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

#### REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes  
Dária C. de Brum Lucchese  
Moisés Mendes

Correspondente no MS:

Lorena Ely Fischer

Composto no Jornal da Manhã, Ijuí, e  
impresso no Jornal do Comércio,  
Porto Alegre.

## Ao leitor

Já faz anos que, a cada inverno, uma dúvida volta ao pensamento dos agricultores gaúchos: e agora, plantar o quê? Uma resposta segura para esta pergunta é coisa que pouca gente se atreve a dar. E, mesmo quando há uma resposta, quem escuta não a leva a sério. É, a situação do inverno parece estar num beco sem saída.

Na verdade, uma solução não vai aparecer de uma hora para a outra. E nem a solução será igual para todos os produtores. O que já se tem certo é que produzir grãos se torna cada vez mais difícil. Pelo menos com este sistema de produção que estamos há anos adotando: trigo em cima de trigo, trigo depois da soja, soja depois do trigo... São poucos ainda os produtores que arriscam o plantio de outras culturas, como a cevada, o centeio, a linhaça, aveia, colza... É claro que este número vem aumentando de ano para ano. Só que nem estes produtores têm clareza sobre o que fazer daqui para a frente e o que pode acontecer.

Na matéria que publicamos a partir da página 17, tentamos fazer um apanhado das culturas de inverno. Produtores já experientes contam o que conhecem de cada planta. Os técnicos, por outro lado, procuram dar uma orientação específica sobre estas culturas. Eles fazem ainda uma análise bem curta da situação que se vive no inverno de hoje e procuram apontar algumas saídas.

Continuar assim como está, onde nem a ilusão mais com o trigo ninguém tem, é difícil de admitir. Trocar o trigo por outra planta também não vai ser solução. Daqui a poucos anos estaremos com o mesmo problema. Quem sabe, então, se aproveite melhor a estrutura de cada propriedade rural, se procure soluções que sirvam para a propriedade como um todo, respeitando suas características e as de seu homem? A proposta dos técnicos da cooperativa é exatamente esta:

Ao mesmo tempo em que se segue as condições de produção que o clima nos está permitindo — mais favorável ao cultivo de pastagens, de massa verde do que de grão — se procure também melhorar o que nos resta de solo. Analise bem esta proposta lendo a matéria "E agora, plantar o quê?"

Outro ano, outra seca. Mais uma vez o sol castigou a produção de uma vasta região do Rio Grande do Sul.

## Do leitor

### BANDEIRA E LUTA

Estamos recebendo há algum tempo este jornal e assim, recebendo informações valiosas para uma visão de contexto social de nossa região missioneira. No nosso trabalho pastoral precisamos examinar detidamente todas as propostas e realidades que são oferecidas ao nosso agricultor. Isso para não ficar falando bobagens no púlpito da Igreja ou deixando de falar aquilo que o povo está sofrendo e precisando no momento.

Desta forma, a gente está tendo no Cotrijornal uma boa informação quanto ao que as cooperativas estão fazendo ou querem fazer. De nossa parte, achamos que as lideranças nas cooperativas deveriam ser muito mais agressivas diante da política agrícola nacional. Creio que as cooperativas não estão usando seu poder de pressão conferido pelo grande número de associados e que deveria ser usado mais nas reivindicações diante das autoridades. Estão se michando ou é cumplicidade mesmo?

Neste sentido continuamos esperando pelo Cotrijornal e desejamos que Deus abençoe a todos os que fazem do cooperativismo uma bandeira de luta social e por mais justiça entre todos os brasileiros.

Pastor Arnoldo Maedche

Santo Ângelo - RS

### ENSINANDO

Sou tecnólogo em "Administração Rural" e tenho minha própria granja on-

de procuro integrar agricultura com pecuária e posso garantir-lhes que aproveitei muito dos ensinamentos aprendidos no Cotrijornal. Por isso, quero enviar meus cumprimentos pelo trabalho, procurando manter sempre o agricultor bem informado. Minha esposa, que é professora, gosta muito das reportagens sobre Educação, que saem no Caderno Especial, em convênio com a Fidene.

Como o recado está dado, ainda quero dizer que tenho muito prazer em continuar sendo um leitor assíduo deste jornal.

Olímpio José Kappes

Não Me Toque - RS

### CONSCIENTIZAÇÃO

Estou muito satisfeito em receber neste sertão o Cotrijornal. A região daqui é totalmente rural ainda e os problemas que a gente enfrenta estão diretamente relacionados aos lavradores, terra, plantio, colheita, chuvas, comercialização, armazenagem. Temas que este jornal diseca muito bem. Parabéns pelo grau de conscientização.

Hermes Miolla

Distrito de Buritirama - Barra - BA

### LEITOR EFETIVO

Graças ao caráter eminentemente informativo que caracteriza o Cotrijornal, não podemos ignorar o prestígio que o mesmo vem tendo.

Em algumas oportunidades, tive o

Vamos produzir menos soja, menos feijão, menos leite, menos carne... Veja na última página os prejuízos que mais esta seca está trazendo para muitos produtores.

A entrada da Cotrijornal na comercialização de cebola na região de Rio Grande e São José do Norte conseguiu movimentar bastante o mercado para esta cultura. A partir da página 9 estamos contando o que está sendo feito pela cooperativa naquela área e quais são as condições de vida e produção dos agricultores da zona da cebola.

Muitos produtores não colheram trigo na safra passada e também nem vão receber o Proagro para cobrir os prejuízos com a planta. A gritaria está sendo grande pelas colônias. A confusão não é de hoje. Ela começou com as vistorias de lavouras depois da frustração do trigo. As estimativas de colheita não deram sempre certo e ainda, em muitos casos, a medição da lavoura apontou uma área menor do que a financiada. A questão está se encaminhando para uma solução, mas o certo é que a acusação de fraude é, na grande maioria das vezes, completamente infundada. O movimento contra as medidas de punição aos produtores envolvidos está sendo liderado pelos sindicatos de trabalhadores rurais. Eles procuram o esclarecimento da situação, para que não sejam injustamente punidos aqueles produtores que, comprovadamente, não agiram de má-fé. Leia na página 4.

A última Assembléia da Cooperativa, realizada no final de março, foi o grande teste para a estrutura do poder. Desta vez se colocou na prática — e de uma maneira mais ampla — a experiência que vem sendo desenvolvida desde 1979, quando aconteceram as primeiras eleições de representantes. Na Assembléia apenas os representantes tiveram direito a voto, assumindo os riscos de um acordo com todo o quadro social. Ali valeu a representatividade efetiva de cada unidade da Cotrijornal, superando as dificuldades de toda área de ação da Cooperativa — de Dom Pedrito até o Mato Grosso do Sul — poder se manifestar fisicamente na Assembléia. Veja como tudo ocorreu, lendo as páginas centrais.

prazer de ler este jornal e, agora, venho, se possível, ingerir no quadro de "leitores efetivos". "Se possível", porque gostaria de receber uma assinatura do jornal.

Francisco José Rigatto

Dourados - Mato Grosso do Sul

### INFORMAÇÕES E ASSINATURAS

Solicito informações a respeito do Cotrijornal. Tenho lido este jornal e gostei muito dos assuntos abordados. Como trabalho na Cooperativa Agropecuária Mouraoense Ltda. "COAMO", na área de Crédito Rural e me interessa muito por assuntos ligados ao setor (li no Cotrijornal matérias interessantes e importantes para quem opera com agricultura e agropecuária) gostaria de receber todos os jornais deste órgão, seja através de assinatura ou números avulsos.

Na certeza de contar com sua valiosa atenção e colaboração, atentamente, agradeço.

Cláudio Vieira de Godoy

Campo Mourão - PR

Estou freqüentando o Curso Técnico em Agropecuária do Colégio Presidente Getúlio Vargas de Três de Maio e por isso, venho solicitar exemplares informativos da Cooperativa, pois através deste jornal, poderei ampliar meus conhecimentos regionais de empregos de técnicas.

Derli Orlando Beyer

Três de Maio - RS



# AUMENTO MAIOR DO QUE PARECE

Que o dinheiro para a agricultura ficou mais caro, a partir deste ano, todo mundo sabe. O que não ficou bem claro, até agora, foi o real aumento nos custos dessas verbas oferecidas aos produtores através do crédito rural. Numa observação bem simples, de comparação dos juros do ano passado com os que vigoram agora, a diferença já é notada. Mas num exame mais fundo o susto é maior, como mostra um trabalho realizado pelo Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí.

Com as mudanças no crédito rural, anunciadas no dia 18 de dezembro do ano passado, depois de uma reunião do Conselho Monetário Nacional, os juros para custeio da agricultura foram unificados em 45 por cento. O enquadramento dos produtores também não ficou o mesmo: os minis e pequenos permaneceram numa mesma faixa, mas os médios e grandes, que antes eram englobados, foram separados. O crédito passou então a ser concedido com 100 por cento do VBC para minis e pequenos; 80 por cento para os médios; e 60 por cento para os grandes.

Num cálculo simples, considerando apenas o aumento nas taxas de juro, dá para ver que o salto de 24 para 45 por cento (no caso dos minis e pequenos) representou um encarecimento de 87,5 por cento

para os produtores. E o aumento de 33 para 45 por cento (agora no caso dos médios e grandes) deixou o dinheiro 36,4 por cento mais caro. Essa é uma constatação bem elementar, baseada apenas nas taxas, como ressalta o João Valmir Cezimbra Lopes, que coordenou esse trabalho.

## NEM TUDO É TÃO SIMPLES

Mas seria só isso que o produtor deveria verificar, para medir os novos preços do dinheiro? O trabalho do Departamento mostra que não. Os financiamentos não ficaram mais caros apenas por causa das novas taxas, mas também porque a partir deste ano os fertilizantes passaram a ter juros. Até o ano passado esse ítem dos componentes do custeio tinha juro zero, era totalmente subsidiado.

Agora, os fertilizantes passam a ter o mesmo juro de 45 por cento, e para este detalhe é que se deve atentar. De acordo com o que vinha sendo constatado, os fertilizantes tinham uma participação de em média 40 por cento na composição do custeio da lavoura de trigo. Quer dizer que o produtor pagava juros, na verdade, sobre os 60 por cento restantes. Sendo assim, excluindo os fertilizantes, o juro era de 14,40 por cento para minis e pequenos, e de 19,80 por cento para médios e grandes (veja a tabela).

## HORA DE FAZER COMPARAÇÕES

Feita a projeção, a partir dessas taxas de juro, sem contar o fertilizante subsidiado, chega-se à outra conclusão: o dinheiro ficou 212,5 por cento mais caro para minis e pequenos produtores, e encaixou 142 por cento para os médios e 158 por cento para os grandes. Nessas projeções, são levados em conta os percentuais do volume de recursos a ser recebido dentro de cada faixa, de acordo com o enquadramento do produtor. São consideradas também as verbas que médios e grandes terão que tomar a taxa de mercado, para cobrir as parcelas que não são cobertas pelo crédito rural subsidiado.

Pegando-se o VBC do trigo deste ano, de Cr\$ 17.800,00, para uma faixa de produtividade de 1.001 a 1.200 quilos por hectare, as diferenças ficam mais evidentes. Se este fosse o valor da safra do ano passado, os minis e pequenos produtores teriam como juro anual Cr\$ 4.272,00, considerando-se a taxa de 24 por cento ao ano.

## DIFERENÇA SEM FERTILIZANTES

Mas se for excluído o percentual sobre o fertilizante, o juro ficaria, na verdade, em Cr\$ 2.563,20. Para médios e grandes, numa taxa de 33 por cento, o juro seria de Cr\$ 5.874,00 com fertilizantes, ou de Cr\$ 3.524,00 sem fertilizantes. Nesses exemplos, os valores com juro sobre fertilizantes são citados apenas para comparações. O raciocínio válido é o que obedece a isenção do juro sobre esse componente, pois os cálculos consideram a situação existente até o ano passado.

Este ano o quadro é bem diferente. O mesmo valor, de Cr\$ 17.800,00, para minis e pequenos, teria como juro ao ano uma soma

de Cr\$ 8.010,00. É aí que fica bem caracterizado o aumento de 212,5 por cento no custo do dinheiro. Para os médios, o juro chega a Cr\$ 6.408,00; e para os grandes, Cr\$ 4.806,00. As parcelas referentes aos juros dos médios e grandes é inferior à dos minis e pequenos porque eles receberão menores recursos. Os médios e grandes terão então que somar a essas parcelas, para complementar custos com juros, o dinheiro tomado para complementar o custeio a taxas de mercado, se for o caso.

## PROAGRO TAMBÉM TEM NOVIDADES

O Departamento também calculou a cobertura do Proagro, reduzida este ano de 80 para 70 por cento. Os minis e pequenos terão, na atual safra de trigo, cobertura de Cr\$ 12.460,00 (70 por cento do VBC), e ficarão com uma parcela de Cr\$ 5.340,00 a descoberto. Os médios ficarão com cobertura de também Cr\$ 12.460,00, e terão Cr\$ 1.780,00 sem cobertura.

Os grandes ficarão numa situação curiosa. Eles pegarão 60 por cento do VBC, e a cobertura do Proagro seria superior ao valor da verba financiada: o produtor receberá Cr\$ 10.680,00, e a cobertura é, na verdade, de Cr\$ 12.460,00. Isso acontece porque o Proagro será concedido sobre o VBC, e não sobre o valor financiado. Assim, os médios, caso dispensem a aplicação de recursos próprios, terão, na realidade, cobertura de 90 por cento da verba recebida. Os grandes, nesta mesma situação, ficarão com cobertura de 100 por cento. É claro que o Proagro se modifica para os médios e grandes produtores se eles empregarem recursos próprios na formação da lavoura. O certo é que os mini e pequenos agricultores receberão garantia para apenas 70 por cento do financiamento.

# O que falta é dinheiro

O custo do dinheiro ficou mais alto também para os investimentos, de acordo com as mesmas resoluções tomadas dia 18 de dezembro. Mas esse encarecimento retraiu os produtores? O chefe da Carteira de Crédito Rural do Banco do Brasil de Ijuí, Gilberto Garcez, assegura que hoje há mais falta de recursos do que vontade do produtor em investir. Em síntese, segundo ele, o que falta é dinheiro para liberar financiamentos já contratados.

Pequenas máquinas e equipamentos, implementos movidos com tração animal, reformas e outros pequenos investimentos podem ser financiados hoje com juros de 45 por cento. Também ficam com juros de 45 por cento, na mesma faixa dos custeios, as máquinas nacionais a motor, mas que tenham combustível nacional. Está fora, portanto, todo

maquinário que utilize derivados de petróleo importado, como o diesel.

## "ESTOURADA"

Para esses casos, há um limite a ser financiado, e que é de 100 MVRs (Maior Valor de Referência), que totaliza hoje Cr\$ 299.610,00. Os investimentos com valores superiores a este ficam com juro de mercado, a taxa de 73,8 por cento. Estariam, dentro dessa última faixa, os tratores e automotri- zes, mas o Banco do Brasil nem está operando com esses recursos, por falta de verbas. As aplicações da agência de Ijuí estão, segundo Garcez, dentro do limite máximo permitido.

Mas a dotação está "estourada" só por enquanto. Em julho, com a movimentação do dinheiro da safra da soja, a situação poderá se normalizar. É

uma previsão do chefe da Carteira de Crédito Rural, que acredita que a liberação dos financiamentos contratados acontecerá a partir daquele mês, inclusive para máquinas pesadas.

Uma coisa, no entanto, é quase certa: poucos serão os produtores que pegarão 100 por cento do valor do investimento. A maioria vem preferindo financiar parte dos recursos, por causa dos altos juros. Garcez lembra que até o ano passa-

do isso não acontecia, e até as amortizações iam a cinco, seis anos. Agora, dependendo do porte do produtor, há quem

amortize o empréstimo em um ano. O Banco, por sua vez, dá atualmente um prazo máximo de três anos.

## COMO FICA A COBERTURA DO PROAGRO

Produtor Parcelas	Mini e pequeno VBC integral	Médio 80% do VBC	Grande 60% do VBC
Financiamento a receber	Cr\$ 17.800,00	Cr\$ 14.240,00	Cr\$ 10.680,00
Cobertura do VBC: 70%	Cr\$ 12.460,00	Cr\$ 12.460,00	Cr\$ 10.680,00
Parte não coberta: 30%	Cr\$ 5.340,00	Cr\$ 1.780,00	- o -

## A PROGRESSÃO DAS TAXAS DE JURO

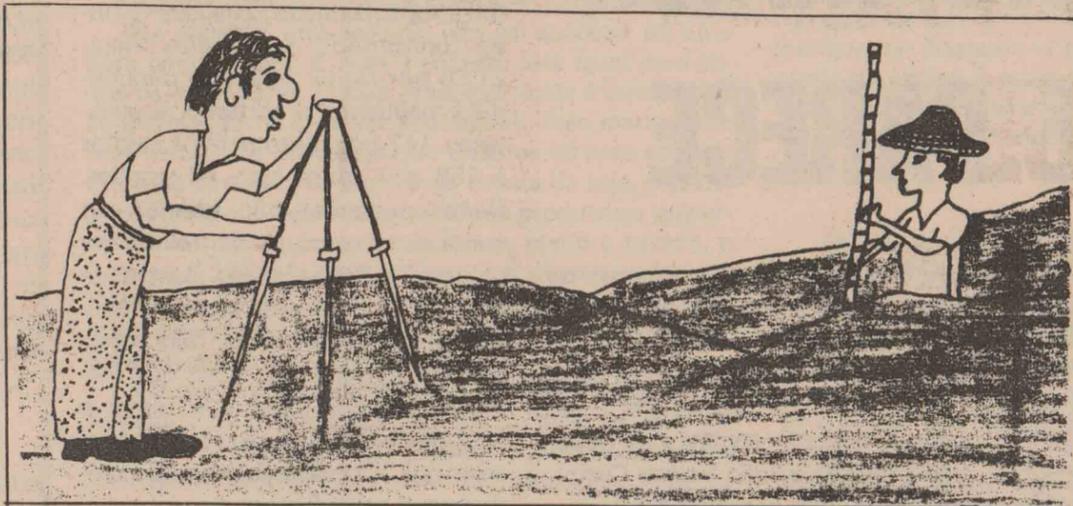
Produtor	1980			1981		
	Taxas de juro	Fertilizante	Sem juro do fertilizante	Juros	Fertilizante	Aumento com fertilizante
Mini	24%	Isento	14,40%	45%	45%	212,5%
Pequeno	24%	Isento	14,40%	45%	45%	212,5%
Médio	33%	Isento	19,80%	45%	45%	142 %
Grande	33%	Isento	19,80%	45%	45%	158 %

# SEM TRIGO E SEM PROAGRO

Uma medida adotada pelo Banco Central, no ano passado, está alarmando os produtores gaúchos. A situação é tão confusa que até parece um pesadelo, como dizem os agricultores. Tudo porque, através da medição das lavouras de trigo e aveia da última safra, foi constatado que centenas de áreas tinham extensões que não conferiam com as declaradas ao Banco do Brasil. E agora uma nova acusação é apontada em direção ao produtor, que se vê denunciado como autor de uma fraude que não cometeu.

As medições, que provocaram esse pesadelo, foram realizadas pelos meses de setembro a novembro. Foi tudo de surpresa, porque até então somente eram verificadas todas as lavouras com mais de 200 hectares e 10 por cento das áreas inferiores 200 hectares. Mas somente passavam pela verificação, feita por empresas credenciadas pelo Banco do Brasil, as áreas cujos proprietários queriam Proagro. Desta vez, as medições foram mais longe, e pegaram as lavouras que tiveram aumento de 15 por cento em relação à safra anterior, as com mais de 200 hectares e 10 por cento das demais com menos de 200 hectares.

Nunca essa fiscalização foi tão rigorosa. Mas não é bem disso que os agricultores se queixam. Eles indagam é sobre os critérios dessa verificação. Só em Ijuí, essa batida inesperada resultou numa lista de 307



produtores fichados como maus aplicadores dos recursos liberados para formação das lavouras. De acordo com o Banco do Brasil, esses produtores terão que explicar agora porque suas lavouras têm uma área menor que a declarada quando da contratação dos custeios. A acusação contra eles é a de que, por causa dessa redução, fica caracterizada a aplicação de apenas parte do financiamento.

#### AS PENALIDADES

Estão enquadrados como maus clientes os agricultores que, na hora da confrontação das medições, tiveram suas lavouras reduzidas em mais de 10 por cento na área. E as penas previstas contra eles são bastante severas. O produtor pode perder o direito ao Proagro, ter que devolver a verba referente à área que o Banco

do Brasil diz não ter sido plantada, ficar sem o subsídio do adubo sem juros e até ser afastado do crédito rural. Além disso, o agricultor fichado como mau cliente pagará juro sobre o financiamento recebido, até que o caso seja resolvido. Também poderão pegar algumas dessas penalidades os produtores que fizeram estimativas de colheitas que depois não se confirmaram.

O chefe da Carteira de Crédito Rural do Banco do Brasil de Ijuí, Gilberto de Moraes Garcez, acha que a coisa está bem complicada para o lado do agricultor, mas tem uma certeza: "Dá pra contar nos dedos os que agiram com má fé". E essa certeza pode ajudar um pouco, na hora de decidir os casos? Parece que não ajuda muito, segundo o próprio Garcez. Para ele, o que interessa é que o agricultor pegou financiamento para uma determinada área. Se essa área não foi plantada, é porque houve desrespeito às normas estabelecidas.

#### E TEM A SOJA

Só que a ameaça das medições não vai parar por aí, nas lavouras de trigo e aveia do ano passado. O Banco do Brasil também andou medindo lavouras de soja com mais de 200 hectares e todas as que tiveram aumento de 15 por cento em relação à safra anterior. E tudo isso antes de qualquer pedido

de Proagro, para fazer a tal confrontação. O pior é que também na soja tudo vai se repetir, pois algumas áreas apresentaram redução. Mas o número de produtores implicados é bem menor que os envolvidos na confusão das medições das culturas de inverno.

#### VÃO A BRASÍLIA

Depois de muita reunião, os produtores já têm uma posição diante da situação criada. As lideranças rurais estão trabalhando em conjunto para preparar a defesa do pessoal, e isso vem acontecendo em Ijuí, onde os dois sindicatos rurais, dos trabalhadores e dos empregadores, tomaram algumas decisões em conjunto. A principal delas é a de que uma comissão deve ir a Brasília, para audiências com dirigentes do Banco Central e com o ministro da Agricultura.

Para Reinhold Kommers, presidente do Sindicato Rural Patronal de Ijuí, essa é a melhor saída no momento, pois os recursos encaminhados individualmente a Brasília não sensibilizaram ninguém. "O produtor está ferido em sua dignidade, ao perceber que é taxado de desonesto", afirma seu Kommers, lembrando que "há uns 20 ou 30 anos que vem se plantando trigo com as mesmas técnicas, e agora somos pegos de surpresa". Ele também se mostra surpreso com o fato de que tanta gente esteja sendo

acusada, e pergunta: "É possível que tantos tenham cometido a mesma fraude?"

#### UM BOLETIM

Além das posições tomadas em conjunto, os produtores decidiram também informar bem a categoria sobre o que está acontecendo. Foi isso o que fez a regional da Fetag dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais da região de Ijuí, que distribuiu um boletim especial sobre as medições. Nesse trabalho, consta tudo o que vem sendo feito nessas averiguações, as conseqüências da medida determinada pelo Banco Central e a defesa dos agricultores.

O boletim lembra que ninguém pretende proteger os que comprovadamente agiram de má fé, mas sim evitar que se cometa muitas injustiças.

Para o STR, está bem claro que o produtor nunca pensou em plantar considerando a área da lavoura, mas sim por saco de planta. Além disso, na última safra foram usadas sementes com 70 por cento de germinação, por falta de grãos com 80 por cento, e tudo foi permitido até por órgãos oficiais. Agora, no entanto, o Banco do Brasil também diz que vai punir os produtores que fizeram estimativas erradas de produção. E isso é outra coisa que preocupa o pessoal, mesmo que muitas sementes do Paraná tenham vindo com a recomendação de que fossem usados 20 por cento a mais.

Outras conclusões que constam do boletim: com a acusação todos os agricultores, e não só os denunciados, estão sendo atingidos; é a classe que está em julgamento; e o pior de tudo é a frustração da pessoa, "que vai perdendo o ânimo de continuar trabalhando". O boletim lembra ainda que não se deve esquecer da vinculação disso tudo com a política agrícola atual, mal defendida e elaborada sem a participação do produtor.

## CARGUINHA PESADA.



### A NOVA PICK-UP FIAT TRANSPORTA MEIA TONELADA.

Chegou a nova Pick-up Fiat. Agora com a capacidade aumentada, carrega 1/2 tonelada. Tem a agilidade e todas as outras qualidades dos veículos da linha Fiat.

É prática. No compartimento de carga você pode levar tudo o que precisar. Além disso ela tem a porta traseira basculante, o que permite acomodar maiores volumes e facilita o transporte de objetos longos.

É versátil. As dimensões externas fazem da Pick-up Fiat o transporte ideal para as áreas urbanas. E sua suspensão

redimensionada permite que ela enfrente com tranquilidade as estradas e os terrenos difíceis da área rural.

É confortável. Banco anatômico, teto forrado, painel em material antichoque com instrumentos de leitura fácil.

É econômico. Com seu moderno motor 1.300 cc a gasolina ou a álcool, a Pick-up Fiat apresenta ótima economia e excelente desempenho. Resultado da tecnologia Fiat, reconhecida em todo o mundo.

Passa numa concessionária para conhecer a nova Pick-up Fiat.



Fiorino Pick-up

## As instruções não chegaram

Uma notícia vem sendo divulgada desde 10 de abril, e anuncia uma decisão para o caso do Proagro. O Ministério da Agricultura teria chegado à conclusão de que, no caso das medições, os produtores terão que cobrir a parte não plantada da lavoura. Quer dizer que o Proagro só indenizaria as áreas que, segundo o Banco do Brasil, teriam sido mesmo plantadas. Mas isso é notícia, que ainda anda pela imprensa, sem que exista ainda instrução oficial nas agências do Banco do Brasil.

Enquanto as instruções não chegam, os sindicatos de Ajuricaba, Ijuí, Augusto Pestana e mais o Sindicato Patronal Rural de Ijuí, aguardam outras informações que pediram ao Banco do Brasil, para ficarem mais a par da situação.

Eles querem saber o seguinte: número de lavouras financiadas, número de solicitações de Proagro, número de lavouras medidas, a diferença média das reduções das lavouras acusadas pelas medições, e mais o número de Proagros indeferidos. As informações são solicitadas levando em conta as lavouras de trigo e aveia.

Para os sindicatos, além de aguardar as instruções sobre essa medida que teria sido tomada pelo Ministério, é preciso levar em conta que a decisão parece que atinge só os casos de medição. É preciso saber agora de que forma virão as instruções ao Banco do Brasil, e como ficarão os agricultores que ficaram sem Proagro por causa de estimativas de produção não confirmadas.

# MUITOS PAGAM PELO QUE NÃO DEVEM

"Se não vier o Proagro, eu garanto: não planto mais trigo, porque não vou ficar tirando dinheiro do soja pra pagar o que não ganhei no inverno". O desabafo do seu Luiz Kowaleski, que tem lavouras nas linhas 4 e 5 Leste, em Ijuí, resume toda a indignação dos produtores acusados de desviarem recursos destinados à lavoura. Na medição das áreas, foi constatado que suas lavouras tiveram uma redução de 12 por cento. E por que isso teria acontecido?

Seu Luiz acha que há uma explicação bem simples. Ele vem aumentando ano a ano a quantidade de semente usada na lavoura. Em 78, ele usava 55 grãos por metro, e no ano passado utilizou 71, tudo por recomendação técnica. Que quer dizer que só aí, no aumento da quantidade dos grãos, já deu para acontecer uma boa encolhida na área. Mas para o banco, isso não interessa, como ele lembra: "Só que é preciso dizer que nós sabemos mesmo é trabalhar, não entendemos dessas confusões todas que se criam, das normas e das confrontações que acontecem sem aviso nenhum".

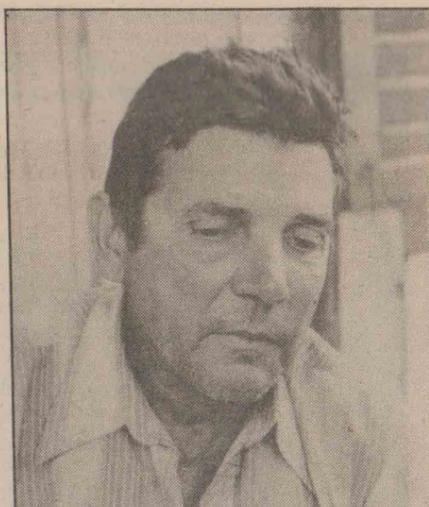
O caso de seu Luiz é complicado. Se não sair o Proagro, ele vai ter que tirar mais de Cr\$ 430 mil da soja para pagar o banco, pois seu trigo não deu um por um, foi frustrado mesmo. Para ele, a situação parece que começou a piorar para o agricultor "depois que começaram a aparecer esses tais de pacotes, que não ajudam em nada". Seu Luiz também se queixa da amostragem de 10 por cento dos produtores, pois assim fica parecendo que só os vistoriados é que devem pagar pelo que na verdade não cometeram.

## PIOR É A ACUSAÇÃO

Outro agricultor de Ijuí, o seu Mariano Piasecki, da Linha 8 Leste, terá que pagar menos, talvez uns Cr\$ 30 mil, se não ganhar Proagro. Mas é muito para quem não se preocupa só com o dinheiro, mas também com a gravidade da acusação. Ele pegou financiamento para 12 hectares, e na hora da medição foi surpreendido com uma redução de 18,54 por cento na área. Ele também vem aumentando o volume de sementes, e no ano passado plantou 74 grãos por metro. Teve ano que seu Mariano cobriu toda a área e ainda sobrou semente de trigo, mas



Luiz Kowaleski: não planto mais

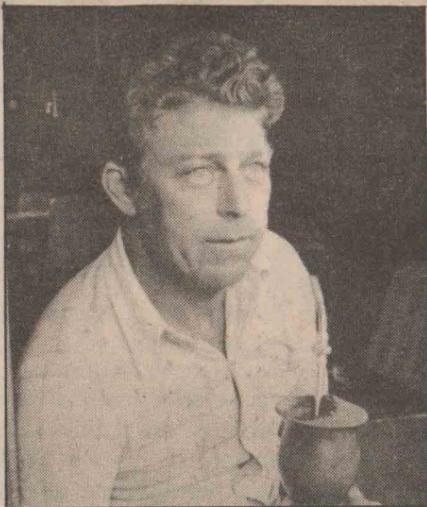


Otávio Sangiogo: alguém comeu

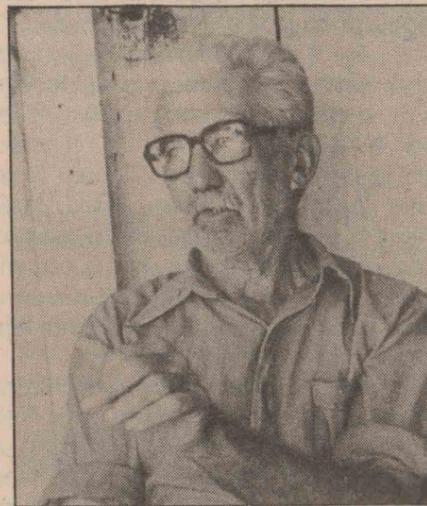
desta vez a lavoura encolheu. O pior é que ele anda adoentado, e agora surge essa história para complicar ainda mais sua saúde.

Em Tenente Portela, Ivo Pedro Moresco, da localidade de Lajeado Machado, acha que o problema todo é de desconfiança, "pois parece que já não se confia no agricultor". Ele tirou financiamento para 90 hectares, e na medição a área ficou em 79,5 hectares, ou seja, com uns 12 por cento a menos. Ivo acredita que a medição não foi bem feita, mas até já pagou ao banco a parte que ficou sem cobertura por causa da redução na área. "O gerente disse que eu deveria pagar, ou teria mais correção monetária, e eu já comprometi mais de Cr\$ 451 mil da safra da soja".

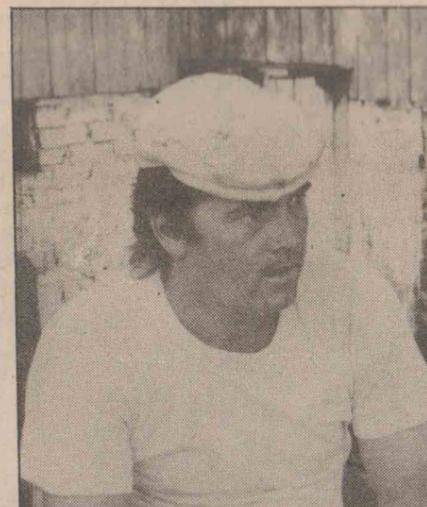
"Fiquei meio alérgico com banco", diz o Ivo, que pretende deixar os financiamentos de lado: "É brabo a gente dizer que dessa água não se bebe mais, mas eu acho difícil voltar a recorrer a banco". Só irá



Delarmando Portolan: causa de todos



Ângelo Gondolo: falta experiência



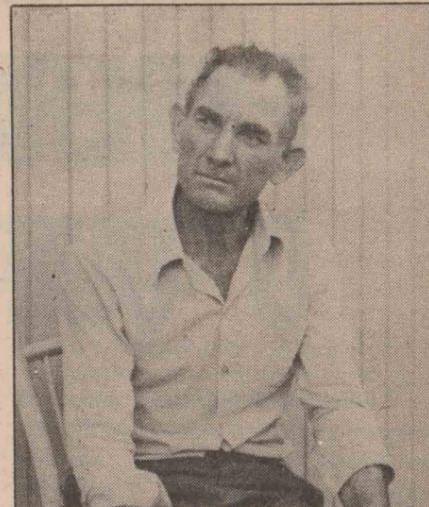
Ivo Moresco: alérgico com banco

plantar um pouquinho de trigo, "para garantir a farinha pros filhos", e pretende reduzir a área de soja, pois terá que usar apenas recursos próprios.

## A CAUSA É DE TODOS

Delarmando Portolan, de São Pedro, também em Tenente Portela, está entre os que ficarão sem Proagro, mesmo sem a medição da lavoura. No seu caso, houve indeferimento após a vistoria, como aconteceu com mais de 40 produtores do município. Seu Delarmando acha que essa história toda deve ser bem explicada: "Só espero que tudo isso não fique atrás do toco. Toda a opinião pública deve ficar sabendo mesmo o que aconteceu para o agricultor estar sendo acusado". Ele terá que devolver uns Cr\$ 160 mil ao banco, e espera uma solução em conjunto: "Não penso só na minha causa, mas também na dos outros que vão pagar pelo que não estão devendo".

A lavoura do seu Ângelo Gon-



Mariano Piasecki: acusação grave

dolo, da Linha São João, em Chiapetta, deu uma encolhida bem grande depois da medição: passou de 18 para 12,5 hectares. Ele desconfia que os medidores não pegaram toda a área, e até pensa que seja possível que sua lavoura não tenha os hectares da escritura: "Faltar um hectare, meio hectare de lavoura, é coisa que acontece, porque nunca vai se graduar a semeadeira que dê bem certo. Sempre faltá ou sobra um pouco. Mas o que eu ia ganhar desviando cinco ou seis bolsas de semente?"

Seu Ângelo também estranha que os medidores tenham entrado sem mais nem menos na lavoura. "A gente é muito sem experiência. Quando chega um cara assim, tem que ter autorização por escrito. Vem dois ou três marginal por aqui e a gente dá confiança. Quando a gente vai no banco tem que levar tudo que é papel, que senão não atendem". Ele desconfia que esse pessoal não mediu uns seis hectares, ao lado da casa.

## E ONDE ESTÁ O TRIGO?

Para o seu Otávio Sangiogo, da Linha 24, em Ajuricaba, o problema é com a estimativa de produção não confirmada. Ele financiou 27 hectares, e um técnico da Agrocolmeia fez uma previsão de 12 mil quilos, mas a colheita foi só de 8 mil e pouco. A vistoria foi feita numa época em que estava sendo colhida uma das lavouras, mas depois choveu alguns dias. Teve ainda a geada e a planta sofreu do mal do pé.

Seu Otávio também ficou sentido, ao saber que não receberia o Proagro, porque fez o repasse na cooperativa e quem vistoriou a lavoura foi um técnico de um escritório. Esse mesmo escritório encaminhou uma carta ao Banco Central, contando o que acontecera, mas não deu em nada. Ele pediu ainda que o escritório contasse "onde foi o trigo". É seu Otávio quem fala:

— Perco o Proagro e mais Cr\$ 10 mil, se for o caso, mas vou incomodar bastante esse pessoal. Deus o livre se é justo isso aí. Que me digam onde está o trigo. Alguém comeu? Se é trigo bom, ainda acredito que dá para calcular rendimento, mas trigo morto de geada acho difícil. Isso aí está ficando é meio enjoado. O negócio é não plantar mais financiado e deixar de lado essas bobagens.

# EXPERIÊNCIA É O QUE NÃO FALTA

Diversos produtores sul-mato-grossenses estão procurando reduzir os gastos e aumentar os lucros usando adubação orgânica em suas lavouras. De experiência em experiência vão tentando aumentar os níveis de fertilidade do solo.

Não é de hoje que o seu José Francisco de Souza anda trabalhando com esterco na adubação orgânica enriquecida com fosfato. A primeira experiência do seu José, que planta 550 hectares em Ponta Porã — no Mato Grosso do Sul — aconteceu em 1977. Foi quando adquiriu, na cidade paulista de Passos, umas 50 toneladas de esterco puro. Ele mesmo é quem conta a sua experiência:

— Naquele tempo, corrigi uma área aproximadamente de 300 hectares, usando uma calcariadeira normal e logo após fazendo a incorporação do esterco. No primeiro plantio não usei fertilizante químico. Fiz tudo isso em terras arenosas, com Ph baixo, de 4,8. Logo após usei calcário, conforme exigia a análise, e plantei a variedade Santa Rosa. A minha produtividade média foi de 19,6 sacas por hectare.

A partir dessa experiência com o esterco, e levando em conta o alto custo dos produtos químicos, é que o seu José começou a "jogar meio a meio". Ou seja, numa recomendação de 250 quilos da fórmula 0-30-15, hoje ele está usando apenas 150 quilos. O restante é complementado com 200 quilos de esterco de galinha já enriquecido com fósforo natural, que já compra industrializado.

— Faço adubação talvez melhor, assim desse jeito e os resultados têm comprovado. Com isso, tenho economizado, em média, 40 por cento dos gastos que normalmente eu faria com a lavoura. Uma das outras vantagens é de que o nosso solo foi trabalhado ao longo dos anos na base do fogo, não apresentando nenhuma matéria

orgânica. Através do esterco acredito que aos poucos eu esteja devolvendo ao solo um teor de matéria orgânica necessária à manutenção da cultura.

O esterco que o seu José vem adquirindo já vem industrializado.

Ele é apanhado nas granjas, depois é moído, tratado, corrigido. Assim, o esterco não corre o risco de levar invasoras para a cultura. O esterco já vem pronto, basta apenas espalhar pela lavoura. Mas o seu José, lembra que apesar de usar o esterco industrializado na lavoura há bastante tempo, ainda existem alguns pontos inconvenientes. Ele é quem fala desses aspectos negativos:

— Eu ainda não fiz uma cultura só com o adubo orgânico, pois levo em conta que o teor de fósforo é muito baixo. Para alcançar um teor desejado, principalmente na cultura da soja, teria de jogar com um volume mais alto, com uma plantadeira

convencional e assim mesmo, não conseguiria. Para facilitar esse volume é que faço essa incorporação com fertilizantes químicos.

## O BARATO

O seu José diz que uma das vantagens da utilização do esterco é o preço, que ainda anda barato. Em Ponta Porã, por exemplo, o seu José conta que o esterco deve andar custando uns Cr\$ 12 mil a tonelada, com um frete variando em torno de Cr\$ 1.600,00 a Cr\$ 2.500,00, comparando ao preço de fertilizante químico isto dá ao produtor uma economia de 40 por cento:

— Se eu fosse colocar, hoje, 250 quilos de adubo químico por hectare, me custaria em média Cr\$ 6.500,00. Então jogo apenas 150 e já ganho 100 quilos. Pondo em cima mais 200 quilos de esterco, daria Cr\$ 2.600,00. Com toda essa adubação, são 350 quilos de fertilizantes

e não mais 250 quilos. Com isso, empato os gastos. Quando o negócio é mais apertado, economizo mais um pouquinho, sem contudo influenciar a minha produtividade.

— Uso esse sistema em toda a minha área e sou o maior produtor de amendoim do Estado. Na minha última produção, colhi 277 sacos por hectare (cada saco é de 25 quilos) em 150 hectares plantado. Já no próximo ano quero ver se planto uns 300 hectares só com amendoim.

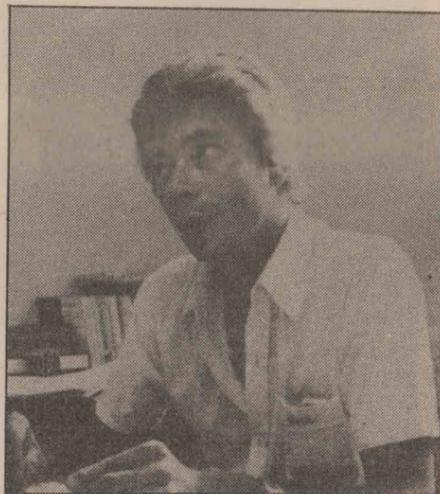
## VAI FALTAR ESTERCO

Quando moravam em São Paulo, na cidade de Cruzália, o seu Giacomo Zandonadi costumava usar o esterco de galinha na lavoura de soja e de algodão. Agora que está morando em Itaporã, este é o primeiro ano em que usa esse sistema na lavoura. Diz ele que foi muito bem:

— Tive muito proveito, mais do que com o adubo químico, além de ser muito mais barato. O custo de produção diminuiu bastante onde apliquei o adubo orgânico, e a produção aumentou em 30 por cento.

Na primeira experiência com adubo orgânico, em terras mato-grossenses, o seu Giacomo usou 11 mil quilos de esterco ensacado, ao preço de Cr\$ 40 mil. Mas garante que a partir do momento que todo o mundo descobrir a utilidade do adubo orgânico, não vai existir esterco que chegue. O esterco que anda usando na lavoura não é industrializado, mas comenta que já ouviu falar de um tal de adubo que andam fazendo por aí.

— Não sei se vai aprovar. É in-



José de Souza: jogar meio a meio



Giacomo Zandonadi: o custo diminui

## Usar esterco nem sempre é mais barato

Com a alta acentuada nos preços dos fertilizantes químicos, nestes últimos anos, volta a preocupação é o interesse pelos adubos orgânicos — os restos de animais e vegetais, destacando-se principalmente o esterco.

Estes adubos apresentam uma série de vantagens e também desvantagens em relação à adubação química.

Entre as vantagens podemos citar:

a) São uma fonte importante de nutrientes para as plantas, tendo a vantagem de reter estes nutrientes contra a lavagem pelas águas da chuva. Eles só são liberados gradual e lentamente, de tal forma que as plantas possam aproveitá-los.

b) Durante a sua decomposição no solo, os adubos orgânicos liberam gás carbônico e alguns ácidos orgânicos que ajudam a dissolver certos minerais do solo, liberando, assim, mais nutrientes para a planta.

c) Por aumentarem o teor de matéria orgânica também melhoram a estrutura do solo. Com isto provocam: uma maior re-

tenção dos nutrientes contra a lavagem pelas águas; uma maior absorção e retenção da água, permitindo inclusive que as culturas resistam mais à seca; uma melhor aeração (mais ar) no solo, o que é fundamental para as raízes e micro-organismos.

A matéria orgânica funciona, desta forma, como reserva de nutrientes do solo, tendo um efeito que dura por vários anos, e como melhoradora das propriedades físicas, químicas e biológicas do solo.

### LIMITAÇÕES

Por outro lado, a adubação orgânica apresenta sérias limitações de ordem prática e econômica. Seguramente ela só será viável — pelo menos economicamente — em pequenas propriedades que explorem alguma criação animal ou façam confinamento.

O esterco de aves, por exemplo, que é um dos estercos mais ricos em nutrientes, tem na sua composição em torno de 2 por cento de Nitrogênio, 2 por cento de Fósforo e 1 por cento de Potássio. Logo, para

substituir 250 quilos de um fertilizante 5-30-15, por exemplo, se considerarmos os elementos Fósforo e Potássio, são necessários 3.750 quilos de esterco de galinha. Já para substituir o Nitrogênio seriam necessários 625 quilos.

Se quisermos efetivamente obter a mesma produtividade já no primeiro ano, estas quantidades deveriam ser aumentada, pois é bastante lenta a liberação destes nutrientes no solo.

Considerando que o quilo de esterco de galinha vem sendo comercializado a Cr\$ 15,00 aproximadamente, sua utilização como fonte de nutrientes vegetais é totalmente anti-econômica. Basta fazer uma comparação:

— 250 quilos por hectare de Adubo 5-30-15 a Cr\$ 28,00 o quilo dá um total de Cr\$ 7 mil.

— 3.750 quilos de esterco de aves a Cr\$ 15,00 o quilo dá Cr\$ 56.250,00.

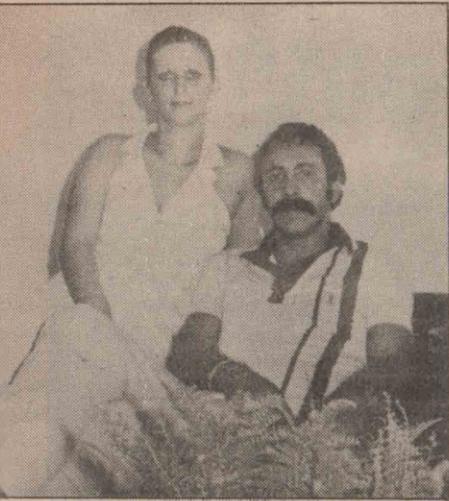
Isto somente quanto ao custo dos produtores. Se considerarmos ainda que, no lugar de 250 quilos de fertilizante químico

será necessário carregar, transportar, descarregar e distribuir na lavoura os 3.750 quilos de esterco, a diferença é maior. Isto elevará em pelo menos 15 vezes as despesas de frete e mão-de-obra.

Outra séria limitação é a dificuldade de dispor de material suficiente. Um exemplo: os municípios da região Pioneira da Cotrijuí somam cerca de 1 milhão e 200 mil hectares. Para adubar 50 por cento desta área com esterco de galinha seriam necessários anualmente em torno de 2 milhões e 250 mil toneladas. O fertilizante químico, para esta mesma área, seria de 150 mil toneladas. Mais uma vez ficam evidentes as dificuldades e custo de transporte e aplicação deste produto.

### UM ALERTA

A verdade é que o adubo orgânico, seja ele qual for, não deve jamais ser desperdiçado. Há necessidade, entretanto, de que o produtor seja alertado e conheça as reais vantagens de sua utilização. Quando é necessária sua aquisição e transporte a mé-



Aldalberto Quevedo: diferença grande industrializado, mas é feito de matéria orgânica.

Apesar de andar bastante entusiasmado com os resultados do esterco na lavoura, seu Giacomo ainda tem uma preocupação: será que sempre vai encontrar esterco de galinha à venda? Se não encontrar mais, a solução é voltar para o adubo químico.

Nesse primeiro ano de experiências, seu Giacomo espalhou uma média de 3 mil quilos de esterco por alqueire. Já no próximo ano, pretende colocar entre 1.500 a 2 mil quilos, pois a vantagem da adubação orgânica é de que permanece muito mais tempo no solo, "até quase três anos".

— Não é como o adubo químico, que se renova a cada safra, apesar de apresentar Ph de 4,5 a 5.

**DIFERENÇA MUITO GRANDE**

Em Dourados, na Fazenda Paradoiro, distrito de Picadinha, o seu Adalberto Alves de Quevedo também já anda fazendo algumas experiências com o adubo orgânico. Ele pegou uma área de mais ou menos 50 hectares e plantou soja, utilizando-se do adubo químico misturado ao adubo orgânico. Noutra área de 30 hectares, só utilizou o adubo orgânico, numa média de 350 a 400 quilos por hectare.

Mesmo sem ter feito a colheita nesta parte onde andou fazendo os experimentos, o seu Adalberto diz

que deu para notar alguma diferença muito grande na germinação. Ele conta como fez a plantação.

— As duas áreas foram plantadas no mesmo dia. A que foi plantada com adubo orgânico germinou primeiro e a própria cana da soja veio mais viçosa.

Bem na época da formação de grãos houve a falta de chuva, e foi aí que deu para notar uma diferença maior. A soja plantada com adubo orgânico não foi prejudicada e não sofreu queda de vagens. Com o adubo químico, acontece a formação de um pito na parte do caule da soja, onde dá a formação de 7 a 8 vagens.

E depois tem outra coisa, que segundo fala o seu Adalberto, compensa bastante: é o custo de produção. Em termos de preço, ele constatou que a diferença do adubo químico para o orgânico foi de Cr\$ . . . . . 22.500,00, posto na lavoura.

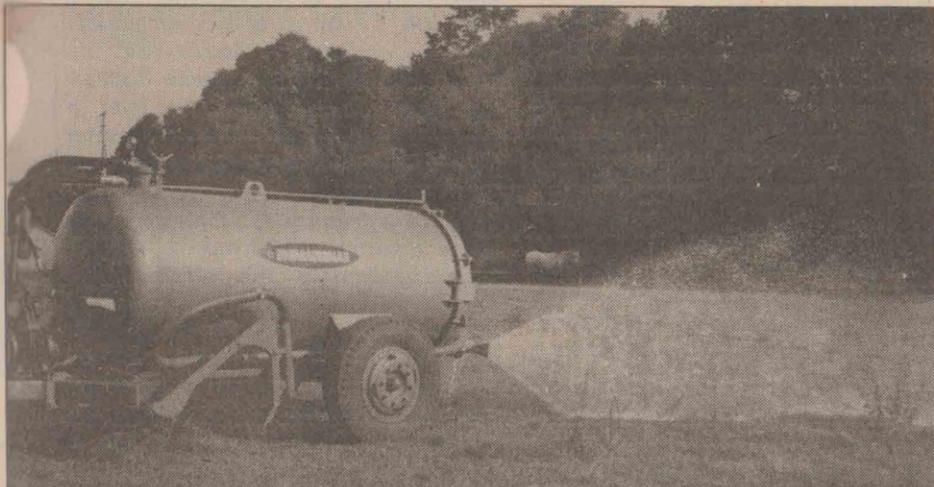
**ARRISCAR NAS EXPERIÊNCIAS**

Só o que falta é crença por parte da maioria dos produtores, no sucesso do adubo orgânico. Seu Adalberto lamenta que o agricultor, influenciado pelos concorrentes, não acredite e nem se arrisque a uma experiência. O agricultor, segundo explica, precisa comprar o produto certo:

— Tem gente que diz que pesquisa é com a Embrapa, mas eu não fui lá perguntar nada e tenho certeza que vou sair muito bem na área onde usei o produto. Decidi de última hora aumentar a adubação da área e fazer a mistura dos dois adubos.

A intenção do seu Adalberto, para o próximo ano, é aumentar a área misturando o adubo químico com o adubo orgânico, "fazendo quase que uma adubação intensiva dentro do próprio sistema".

O que os produtores que estão usando adubo orgânico puro, industrializado ou misturado com o químico, dizem é que está na hora de reduzir os custos e aumentar o lucro, "de qualquer maneira".



O uso do esterco deve ser concentrado em parte da propriedade

dia e longa distância, dificilmente seu uso será econômico. Quando o produto é oriundo da própria propriedade, não implicando em despesas extras de transporte e mão-de-obra contratada, sua utilização seria um desperdício injustificável.

Para obter os benefícios que traz o adubo orgânico, o produtor deve concen-

trar o uso do esterco em parte de sua propriedade a cada ano. Depois que a última parcela receber o produto, deve voltar à primeira parcela e repetir todo processo. A literatura técnica considera 10 toneladas de esterco uma leve aplicação. Normalmente, as quantidades recomendadas variam de 10 a 50 toneladas por hectare.

\* Rivaldo é agrônomo do Departamento Técnico da Cotrijuí.

**Previdência**

**O PROJETO DEVE SAIR DA GAVETA**

Os dirigentes de sindicatos de trabalhadores rurais do Estado voltaram meio decepcionados e abatidos de Passo Fundo, no dia 13 de abril, depois de mais uma audiência com o ministro da Previdência e Assistência Social. Eles foram lembrar ao ministro que muitas reivindicações encaminhadas pelos produtores — e entregues pessoalmente a Jair Soares, dia 30 de janeiro em Brasília — até hoje não tiveram uma resposta. E, desta vez, saíram de novo sem receber muita atenção.

Foram 35 os dirigentes rurais que estiveram com o ministro em Passo Fundo, além do vice-presidente da FETAG, Egídio Pinheiro, e o pessoal da Comissão Estadual da Previdência. Eles voltaram a falar nos apelos que os agricultores vêm fazendo há bastante tempo, para que seja melhorado o atendimento médico-hospitalar; para que os benefícios da Previdência sejam estendidos às suas famílias; e para que as modificações previstas no sistema previdenciário não impliquem em aumento nas contribuições.

Quando da audiência de janeiro, ficou acertado que um técnico do Ministério viria a Porto Alegre para tratar do assunto, mas esse emissário até hoje não apareceu. Agora, em Passo Fundo, Jair Soares voltou a dizer que só os gaúchos estão descontentes com as mudanças previstas na Previdência para o homem do campo.

**UM PRAZO**

Outra opinião do ministro é de que as lideranças gaúchas estão meio desinformadas sobre as modificações. Mas segundo Carlos Karlinski, coordenador da re-

gional da FETAG em Ijuí, para todos os dirigentes sindicais está tudo muito claro, e isso vem sendo dito a Jair Soares. O que vai acontecer é que o agricultor terá uma dupla tributação como contribuinte. A atual contribuição, de 2,5 por cento sobre a produção, vai passar para 3 por cento, e ainda vai existir um desconto de 8 por cento sobre o salário mínimo, para cada pessoa da família que quiser contar com atendimento previdenciário.

Num novo documento entregue a Jair Soares, é lembrado o apelo dos agricultores, para que o atendimento ao produtor seja equiparado ao dos trabalhadores urbanos. Também recorda o que aconteceu até gora, e dá um prazo ao ministro, para que ele se manifeste até o final de abril. Depois disso, haverá uma reunião no início de maio em Porto Alegre, e será definida a forma de mobilização do pessoal, pois o documento faz questão de dizer que "os trabalhadores rurais deste Estado esperam impacientes as soluções reivindicadas e estão cansados de pedir favores".

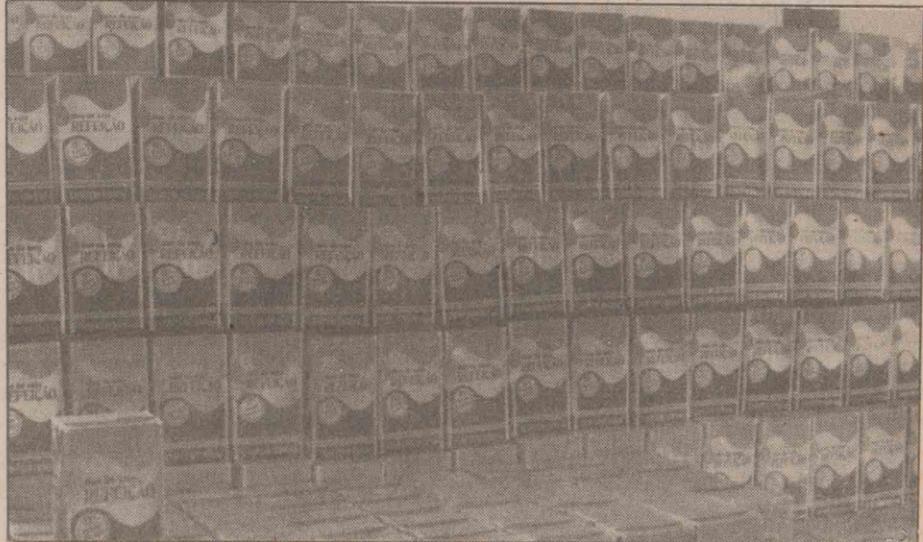
O pior de tudo é que o ante-projeto, que prevê as modificações com aumento nas contribuições, está arquivado desde novembro. Para os dirigentes rurais, esse ante-projeto deve mesmo voltar à discussão, mas para que seja alterado, e não para ir à votação no Congresso como está. Os agricultores acham que a contribuição só deve ser aumentada se ficar provado que a atual não é suficiente para assegurar assistência ao homem do campo. Essa é a preocupação: que o projeto saia da gaveta e vá para o Congresso antes de serem ouvidas as sugestões dos maiores interessados no assunto, os agricultores.

**Refeição: mais óleo**

A Cotrijuí está lançando no mercado consumidor um novo óleo de soja. É o Refeição. Como novidades eles traz uma embalagem diferente da convencional, pois é fabricado em papelão, com um litro de óleo, e vendido ao mesmo preço das latas de 900 mililitros.

A embalagem é chamada de tetra-pak, e vem sendo bastante

usada para o acondicionamento de leite longa-vida (que tem durabilidade de seis meses). O uso desta embalagem barateia bastante os custos em comparação às latas de folhas de flandres. Isto vai permitir sua comercialização, mesmo com 11% a mais de óleo, ao mesmo preço das latas convencionais.



Mais óleo ao mesmo preço das latas convencionais

# O ARROZ PERDE TERRENO

Não é por menos que orizicultores de todo o País aprovem documento contendo graves denúncias contra a má administração econômica brasileira; que produtores de uma região catarinense — Vale do Itapocú — assinem e entreguem um manifesto durante o V Congresso Nacional do Arroz, realizado de 17 a 20 de março, em Balneário de Camboriú — SC, onde até Governadores e autoridades ligadas aos Governos municipais e estaduais, revelem descontentamento com a área federal.

No Mato Grosso do Sul a situação não é diferente, ainda mais em se tratando de produção de arroz. O descontentamento dos produtores com as medidas econômicas adotadas recentemente, e que refletem negativamente no meio rural, é generalizada. Apesar de ser um Estado potencialmente rico e com áreas para expansão agrícola, somente a soja vem aumentando sua área de plantio. O arroz, de sequeiro e de várzea, vem reduzindo de área a cada ano que passa.

## "COM ESSE PREÇO NÃO DÁ"

Essa afirmação é bastante comum entre os produtores de arroz (ou daqueles que abandonaram essa cultura), como Zeno Facchin, gaúcho de Santa Maria, associado à COTRIJUI, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, onde até 78, plantava 1.500 hectares de arroz sequeiro. "Ainda no ano passado", disse Facchin, "plantei 50 sacas de arroz, mas a colheita frustou e o preço desanimou". Ele agora está plantando apenas soja numa área de 450 hectares, "pois o preço do arroz deste ano é o mesmo do ano passado". Facchin conta ainda que vários plantadores de arroz do município de Rio Brilhante (onde arrenda uma fazenda) deixaram de cultivar o arroz.

Facchin enumera outros fatores desestimuladores como: importação de arroz na época da colheita no Brasil; liberação de verbas para custeio somente depois de efetuado o plantio; o preço mínimo somente é anunciado pouco antes da colheita e é insatisfatório; preços de máquinas e insumos exorbitantes.

O que fazer? "O jeito é reduzir área de plantio, reduzir ganhos pessoais e, conseqüentemente, reduzir as despesas e não assumir novos compromissos".

## ARROZ: REDUZINDO ÁREAS

Segundo informações do GCEA — Grupo de Estudos de Estatísticas Agropecuárias do Mato Grosso do Sul, que reúne órgãos como CFP, GEPA, SEPLAN e Banco do Brasil — em dezembro passado a área estadual com arroz era de aproximadamente 465 mil hectares e, já em janeiro diminuiu mais 44.581 hectares. Hoje está com pouco mais de 400 mil hectares, cuja produção prevista era de 533.637 mil toneladas. Mas tem que ser tomado em conta que em 1976, a área ocupada com arroz no Mato Grosso do

Sul era de 1.026,6 milhão de hectares, isto é, a redução de área com arroz, até 1981, chegou em 60%. Mas a soja, no mesmo período, cresceu de 191 mil hectares para mais de 800 mil hectares.

## O REGIME DESESTIMULA O LUCRO

O arroz sequeiro, no entender de José Marques de Souza, diretor da ABEPA — Associação Brasileira de Empresas de Planejamento Agrícola, de Campo Grande, — não pode desaparecer. E a cultura mais indicada depois da derrubada do cerrado, mesmo com o preço desestimulante, que não cobriu 50% da inflação dos últimos três anos. O produto é de alto risco, até mesmo para as empresas de planejamento agrícola, já que os produtores não conseguem financiamentos e não planejam a plantação como nos anos anteriores.

Para Edson Rodrigues dos Santos, sócio de José Marques, o mais interessante é que o maior estoque de arroz está nas mãos do Governo que ainda importa o produto da Tailândia, justamente nas épocas de safra. E conclui com tristeza: "A filosofia do regime capitalista é o lucro.



De 1976 para cá, a área de arroz diminuiu 60 por cento

Mas o próprio regime está desestimulando o produtor e deixando de obter lucros".

Eles sugerem que o Governo Federal, considerando que no Mato Grosso do Sul a colheita do arroz começa bem mais cedo, interfira no mercado, comprando a produção, através dos EGF e AGF, impedindo a ação de intermediários.

Mas nem todos os orizicultores estão descontentes. Produtores do município de Brasilândia estão satisfeitos com o preço do arroz. O motivo é simples. Brasilândia fica localizada na divisa com São Paulo e os compradores daquele estado estão pagando cerca de 1 mil cruzeiros por saca de 60 quilos, enquanto que o Governo Federal está pagando apenas Cr\$ 765,90 por saca de 60 kg, arroz tipo 1 (com 13% de umidade).

Mas isso é uma exceção que não vai

perdurar, um privilégio segundo o produtor Osmar Hack, que planta arroz em 300 hectares numa fazenda arrendada em Siderolândia. Ele já plantava, anos atrás, mais de 600 hectares. "No ano que vem vou encerrar minhas atividades com arroz", acentua, afirmando que vai investir em milho e soja, que dão maior garantia.

Para Hack, "se o governo desse condições financeiras e se nossos produtos fosse vendidos a preços compatíveis, acredito que o agricultor, dentro de quatro a cinco anos, estará independente de banco". Ele acha, ainda, que não compensa reduzir a área para se obter maior produtividade, pois "de 73 para cá o índice de produtividade de arroz vem diminuindo gradativamente". Nem sequer acredita no arroz de várzea devido o tipo do solo existente no Mato Grosso do Sul, que "não é tão produtivo como a terra do sul do País".

## Os problemas no Congresso

*Orizicultores de todas as partes do País, com representações mais expressivas dos Estados maiores produtores e, ao total, somando aproximadamente 600 pessoas, reuniram-se no Balneário de Camboriú — Santa Catarina — no período de 17 a 20 de março, durante o V CONGRESSO NACIONAL DO ARROZ. No final deste encontro como fruto de acirradas discussões, apresentações de teses e moções, surgiu um documento: Carta do Balneário Camboriú. Ali são colocados os problemas que a agricultura brasileira vem enfrentando, denunciadas omissões da administração federal, principalmente da área econômica e feita uma série de reivindicações.*

*Entre os pronunciamentos ou proposições feitas no Congresso do Arroz, os que mais se destacaram, considerando a importância do pronunciamento, do Governador do Estado de Goiás, Ary Ribeiro Valadão e um manifesto de orizicultores, assinado por mais de 1.200 produtores, que fizeram uma relação de problemas acompanhada por outra, de reivindicações às autoridades competentes.*

### O MEDO DA FOME E A AGRICULTURA EM PERIGO

*Em seu discurso, o Governador de Goiás lembrou o descompasso entre o crescimento aritmético da produção de alimentos, por um lado e, por outro lado, um irrefreável crescimento geométrico das populações a serem alimentadas, sobretudo na Ásia, na África e na América*

*Latina. Valadão ainda chamou atenção para duas questões: "A primeira de ordem política: é que se avizinha um período de fome e intranquilidade social, principalmente nos países em desenvolvimento; a segunda, de ordem estritamente econômica: é a que assumirão um papel de excepcional influência no cenário mundial os países dotados de forte estrutura de produção de alimentos, capazes de atender essa demanda, particularmente de cereais".*

*Os orizicultores do Vale do Itapocú — SC, por sua vez, manifestaram-se sobre a contribuição que o produtor tem dado ao desenvolvimento do País; o êxodo rural; carência de previdência social ao meio rural; descapitalização das cooperativas; falta de armazéns; juros elevados; carência de preços mínimos justos; preços exorbitantes de insumos; falta de oferta e procura no setor agrícola; que o atual seguro é garantia ao banco e não ao agricultor; etc.*

*Na pauta de reivindicações, algumas delas são: liberação integral de verbas para comercialização da produção com juros compatíveis; reestudo dos juros vigentes; instituição de coordenação monetária para preços mínimos; fiscalização e controle dos preços de insumos; suspensão imediata da importação em plena safra nacional; crédito para investimento; instalação de unidades de secagem e armazenagem; prorrogação de prazos de pagamentos das dívidas; previdência social ao meio rural; reestudo do Proagro e maior atendimento aos apelos das bases.*

### FALTA POLÍTICA AGRÍCOLA

*No documento final do V CONGRESSO NACIONAL DO ARROZ, foram enumerados 19 itens apontando os problemas e preocupações do setor agrícola, principalmente da produção de arroz. Ele traz ainda um adendo solicitando extensão da jurisdição do Projeto Sertanejo à toda a região caracterizada como o Nordeste e utilização, pelo Governo Federal, dos mecanismos disponíveis para aproveitamento de todo o potencial hídrico dos rios permanentes do Nordeste, para assentamento de um projeto de irrigação.*

*Os congressistas aprovaram, de forma unânime, a sustentação da preocupação quanto ao "insuportável impacto inflacionário, pelo qual a agricultura não é responsável; o gravíssimo problema da balança de pagamentos; a queda de preços dos produtos agrícolas e matérias-primas nos mercados externos; a preocupante crise energética"; a falsa e decantada prioridade agrícola proposta pelo Governo Federal, "com fatos e providências que são insofismáveis condições"; a inexistência de uma política agrícola consistente e definida; a falta de uma política de preços mínimos; o descontentamento dos VBCs concedidos para financiamento de custeio; a incompreensão quanto ao critério de classificação do arroz; a necessidade de amortização dos EGFs e prorrogação dos respectivos vencimentos.*

# CORRERIAS E IMPROVISAÇÕES

Correrias, improvisações, boatos e uma euforia que o pessoal não experimentava há bastante tempo. Foi assim, até com bastante alarde, que a entrada da Cotrijuí na área da cebola conseguiu movimentar os produtores dos municípios de São José do Norte e Rio Grande. A correria ficou por conta dos agricultores que procuravam entregar suas safras. As improvisações foram feitas pelo pessoal da própria Cotrijuí, ainda meio desajeitados para a função. E os boatos andaram de boca em boca, espalhando exportações que na verdade não iriam acontecer.

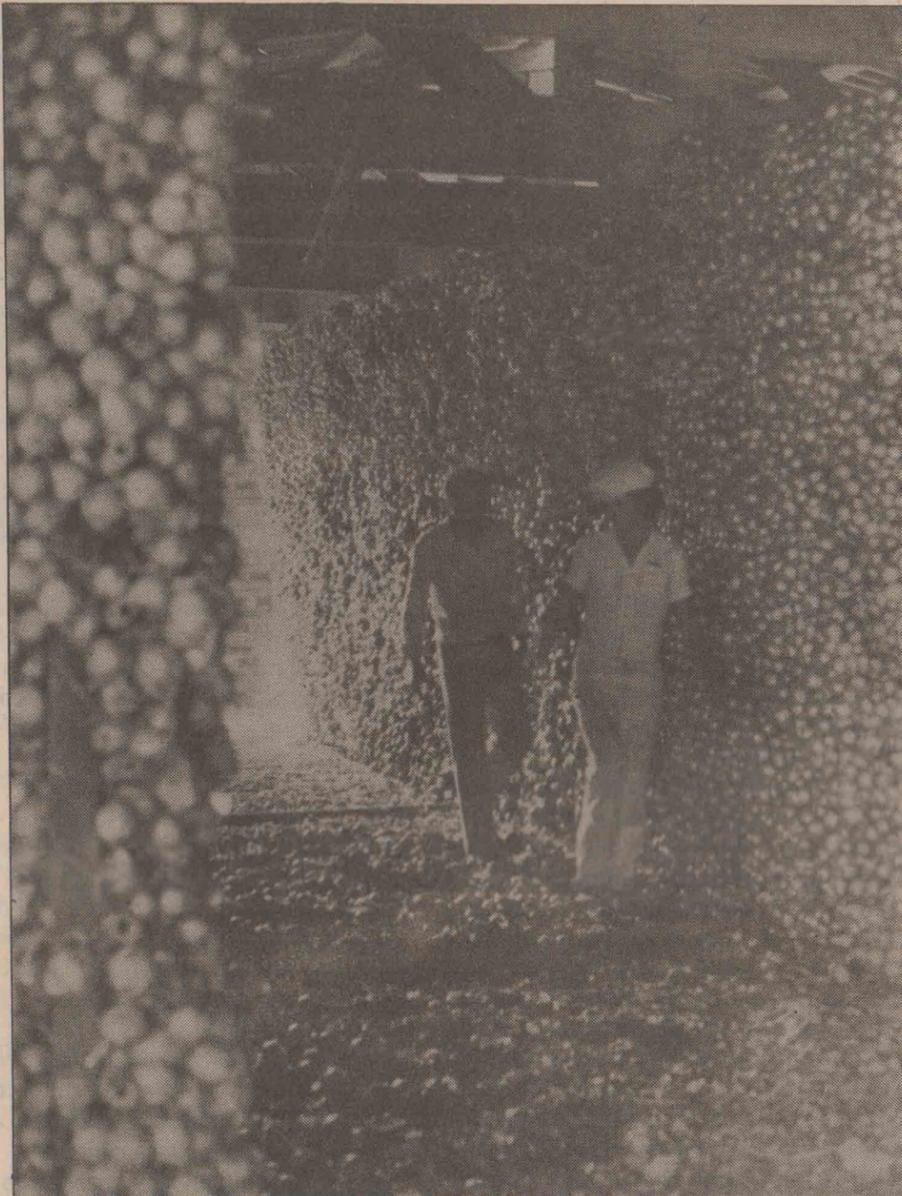
Mas o entusiasmo foi a consequência maior de toda essa movimentação iniciada mesmo em fevereiro, e que vinha sendo preparada há mais tempo. Essa euforia pode ser bem explicada, porque não estava nada fácil a comercialização da safra. Cerca de 100 mil toneladas de cebola ficaram praticamente sem compradores e, em decorrência disso, sem preço. Os especuladores controlavam a situação e as previsões eram de que a cebola iria apodrecer nos galpões.

A decisão da Cotrijuí provocou um choque no mercado, como dizem os próprios produtores. O quilo da cebola — que não tem um preço mínimo fixado pelo Governo — estava sendo comprado por alguns intermediários a Cr\$ 7,00 e até Cr\$ 4,00. De repente saltou para Cr\$ 16,00. Tudo isso porque assim que iniciaram as inscrições para recebimento de parte da safra, a Cooperativa deu um adiantamento de Cr\$ 8,00 por quilo. A antecipação era superior à média de preço que os atravessadores andavam oferecendo.

## TROPEÇANDO E APRENDENDO

Para conseguir levar adiante os seus planos, e dar um susto nos intermediários que adiavam as compras à espera de preços ainda mais baixos, a Cooperativa montou um esquema de emergência. O trabalho começou a envolver desde o superintendente da Cotrijuí e diretor regional de Rio Grande, Clóvis Adriano Farina, e o administrador do terminal Luiz Fogliatto, Bolívar de Souza Lima, até os dirigentes de sindicatos, técnicos, classificadores, funcionários de escritório. Em pouco tempo, uma equipe de 23 pessoas estava montada.

Tropeçando nas barreiras que iam surgindo, essa equipe foi aprendendo muita coisa, levantando cedo e dormindo tarde. O agrônomo Gonçalo Manuel Lyster Franco David era, entre todos, o que menos dificuldades enfrentava. Há cinco



anos, Gonçalo veio de Angola (uma ex-colônia portuguesa na África), fez o curso de agronomia no Rio de Janeiro e vinha visitando os produtores há um ano. Mas ele admite que só conhecia a cebola "no prato mesmo", quando assumiu a coordenação do trabalho.

Também foram deslocados para a zona da cebola o técnico agrícola Nestor Schoffer e o comunicador João Frantz, ambos de Augusto Pestana. A linha de frente da equipe contou ainda, por algum tempo, com outro comunicador, o Athos Marangon, de Tenente Portela, o funcionário da indústria de óleos de Ijuí, Arno Feye, e com funcionários da unidade de Rio Grande. Eles pouco conheciam a região, e no início chegaram a percorrer as estradas de banhado e areia de São José do Norte com um fusca. A tentativa não deu certo, e a equipe ganhou um jipe, para localizar agricultores que nem sempre eram encontrados com facilidade.

## NA ZONA DO ATRAVESSADOR

No dia 10 de fevereiro foi iniciada a assinatura dos contratos. Es-

se trabalho teve a ajuda dos sindicatos de trabalhadores rurais das duas cidades, pois ao mesmo tempo eram encaminhados os papéis para que os produtores se associassem à Cooperativa. E no começo de março teve início o recebimento da cebola, num depósito improvisado nas instalações da indústria de óleos de Rio Grande, e em São José num galpão alugado bem no centro da área utilizada pelos atravessadores para estocagem da cebola comprada.

Nos fins de março, o movimento de recebimento foi encerrado, mas o trabalho não vai parar. Pelo contrário, como diz o Gonçalo, é agora que a Cooperativa entrará firme na área da cebola. Nos dois municípios, há uns 10 mil produtores dedicados ao plantio dessa cultura, praticamente sem assistência técnica.

O atendimento é feito apenas por um agrônomo da Emater em Rio Grande e um técnico agrícola do mesmo órgão em São José do Norte. Além disso, os produtores andavam desiludidos com as tentativas de organização de uma entidade que cuidasse da comercialização das safras, pois duas experiências, nos

últimos anos, não deram resultado nenhum.

## RISCOS SÃO BEM CALCULADOS

Para o diretor da Cotrijuí em Rio Grande, são essas experiências frustradas, que fazem com que os produtores ainda estejam meio desconfiados com o sistema cooperativista, o principal obstáculo a se enfrentar. Depois, pela ordem de importância dos problemas, ele cita as dificuldades de comercialização e deficiências de transporte, principalmente em São José. Farina lembra que São José, que não conta nem com eletrificação rural, está no extremo de um país continental, e deve escoar sua safra durante um período muito curto.

Ele acha que com a entrada da Cotrijuí nessa área, a Cooperativa pode retribuir em parte o apoio que vem recebendo das comunidades dos dois municípios. Isto porque até agora a Cotrijuí se dedicara às atividades portuárias, no início, e depois à indústria de óleos, sem cuidar de questões relacionadas com a produção naquela zona do Estado. Segundo Farina, a Cooperativa calculou os riscos dessa iniciativa, e pouco a pouco irá eliminando os erros do aprendizado deste ano, baseado em improvisações.

## DISCUTIR ALTERNATIVAS

A Cotrijuí não realizou nenhum grande investimento para o início da lida com a cebola. O pessoal mobilizado foi apenas remanejado, com o aproveitamento inclusive da mão-de-obra ociosa no momento. Ele não crê que essa decisão, de auxiliar os produtores de São José e Rio Grande a resolver seus problemas, seja mal interpretada. Para ele, o crescimento da cooperativa, em termos de novas áreas, é perfeitamente normal, e explica:

— Temos meios de calcular os riscos de qualquer nova iniciativa, e contrabalançar possíveis resultados adversos. E temos que ter a coragem de recuar, sempre que isso nada resultar em favor dos produtores a quem se pretendeu atingir.

Farina acha que, daqui pra frente, a Cotrijuí poderá motivar os produtores de cebola a discutir novas alternativas, na busca da diversificação de culturas. Por enquanto, é possível avaliar apenas os primeiros resultados dessa nova função. Até o final de março tinham sido recebidas pela Cooperativa, em São José e Rio Grande, umas duas mil toneladas e meia de cebola. E 455 produtores tinham encaminhado propostas, para se integrar ao quadro social da Cotrijuí.





# CEBOLA POR TUDO QUANTO É CANTO

A casa de madeira já era pequena e ficou menor ainda. A varanda, com uns quatro metros de largura por cinco de comprimento, foi tomada pela cebola. Só assim é que o seu Pedro Fermino Teixeira conseguiu armazenar a safra de 5 mil quilos. Faltou espaço para a estocagem, mas este ano sobrou um pouco de alegria para seu Pedro, um dos quase 3 mil plantadores de cebola de São José do Norte.

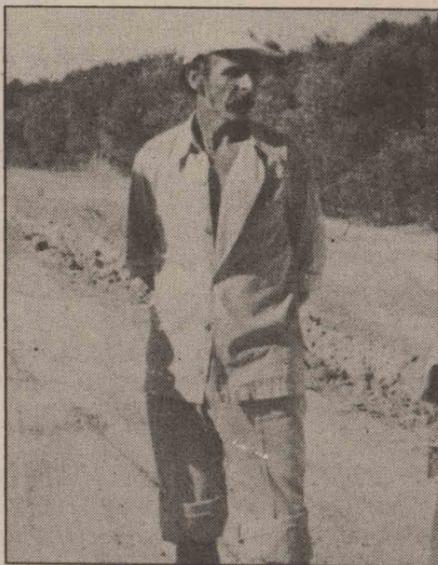
Empolgado com a entrada da Cotrijuí na comercialização, ele tinha outro motivo para, depois de muito tempo, não andar muito abatido. Seu Pedro conseguiu um pedaço de seis hectares de terra, há pouco mais de um ano, e agora está certo de que a família de nove filhos continuará por perto. A terra, a cerca de 3 quilômetros da cidade, é na verdade um areial, onde ele colheu sua primeira safra como único dono da produção.

Os seis hectares estavam desocupados, e foram conseguidos como cumprimento de promessa feita por um político. Três dos filhos também arranjaram um pedaço de terra numa área próxima. Um presente bem grande para uma família que perambulou bastante, pois seu Pedro já foi pedreiro, pescador e agregado, como vinha fazendo nos últimos 14 anos. Ele entremeava uma coisa com a outra, dependendo da ocasião. É ele quem conta:

— Analisei daqui, analisei dali, e decidi entregar a safra pra Cotrijuí. O que está faltando mesmo é preço pra cebola e um pouco de organização. A safra, de início, é tirar o atravessador do caminho.

## CONSOLO: A FAMÍLIA NÃO SE EXTRAIA

Seu Pedro envolve toda a família na lida com a cebola, e esse é um dos consolos para quem vive da cultura: o plantio, a colheita, a primeira classificação, a estocagem, tudo isso impede que os filhos se extraiam. É por isso também que as mulheres en-



Pedro: duas vezes alegre

tendem tanto de cebola quanto os homens, como acontece com dona Teresinha, esposa do seu Adelfrio da Silva Lemos.

O casal tem 15 hectares, e desta área ocupa 3 hectares com a cebola. Este ano, eles acham que devem ter colhido uns 20 mil quilos. Se a safra fosse boa, teria dado uns 10 mil quilos a mais, mas as pestes atacaram a lavoura. Só que as doenças não são a única preocupação de dona Teresinha, que anda alarmada com o aumento dos juros para a agricultura:

— A gente planta, colhe e depois vai ver não tem nenhuma recompensa. Agora vai ficar pior, com os juros de 45 por cento. Se a Cotrijuí não aparece, todo mundo estava fraccassado.

O certo, no entanto, é que eles não pensam em deixar a cebola de lado. Seu Adelfrio já andou tentando plantar feijão, milho e até batata, pensando em produzir para vender, mas não deu em nada. Além dos problemas com a terra, falta assistência técnica, e o casal acha que nada rende mais que a cebola, apesar dos problemas que acontecem. Agora, segundo dona Teresinha, a solução parece que está sendo encontrada:

— Eu já disse pra ele (o marido)



Na maioria das vezes, a família inteira lida com a cebola

se associar logo na Cotrijuí. Vamos ver como é mesmo que se faz, como é que funciona a cooperativa. Eu acho que essa é a saída.

## OS PEQUENOS É QUE VÃO GARANTIR

Assim como dona Teresinha, tem muita gente em São José do Norte que não sabe como é que uma cooperativa funciona, se só coloca a safra, se presta assistência. Essa dúvida andava rondando a cabeça do Waldir Moraes da Silva, que planta 2,5 hectares com cebola, numa área total de 12,5 hectares. Mas de uma coisa o Waldir tinha certeza, logo que o mercado começou a reagir:

— Quem vai sustentar este esquema é o pequeno. Ele é quem vai entregar para a cooperativa, fazendo com que os preços melhorem e os atravessadores não fiquem de donos do mercado. Mas os grandes também devem dar força, e não entregar por fora pra pegar o dinheiro logo.

Waldir foi criado no meio da cebola, como a maioria dos agricultores do município, e acha que este seria o pior ano, pois a lavoura não apresentou bons rendimentos. O excesso de chuvas deixou a cebola com a casca um pouco frouxa, sem resistência para ficar muito tempo arma-

zenada, por causa da umidade.

— Eu mesmo perdi muita cebola que apodreceu. Se os preços continuassem baixos, com o intermediário pressionando o agricultor, tudo iria apodrecer.

## AVENTURA: VIAJAR DE BOJURU A CIDADE

Em situação bem pior que o pessoal que tem lavoura perto de São José, estavam os produtores que ficam mais no fundo do município. Em Bojuru, uma localidade uns 80 quilômetros da cidade, sempre que inicia uma viagem para São José o agricultor não sabe quando voltará.

Bojuru está no fundo do município (veja o mapa na página ao lado), que é cortado por uma estrada em construção há mais de 20 anos, e que nunca é concluída. Dessa estrada, a RS-101, saem os atalhos de areia e banhada. As vezes os produtores deixam Bojuru para tentar vender a cebola na cidade, e acabam ficando uma semana de um lado pra outro, em São José, sem dinheiro e sem ter onde ficar. Qualquer chuva torna a estrada intransitável, e nos atalhos nem os tratores às vezes conseguem passar.

## UMA LAVOURA TAMBÉM PARA OS GRANDES

E em Rio Grande a situação é diferente? Em pouca coisa, mas todos admitem que ali não há tantas dificuldades com estradas. Na verdade, a diferença principal está no fato de que em São José do Norte a grande maioria do pessoal do interior sobrevive com o dinheiro ganho com essa cultura, enquanto que em Rio Grande já há diversificação. Outro detalhe está na estrutura fundiária: São José tem muito mais minifúndio.

Isso não quer dizer que os grandes proprietários também não invistam na cebola. O médico Plínio Ruas, que chegou à região há 14 anos, para organizar o Funrural em



Adelfrio e Teresinha: nada rende mais



Waldir: o pequeno sustenta



Plínio: buscar saídas

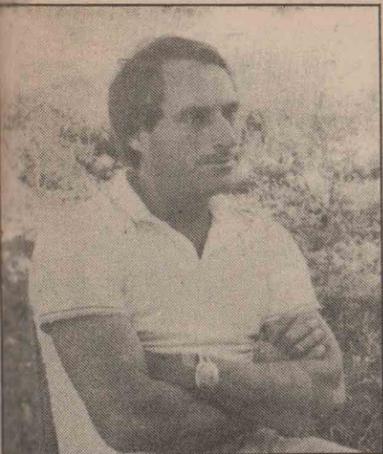


# São José é uma tira de terra

São José do Norte está num dos pontos geográficos mais acidentados do Estado. O município, capital nacional da cebola, é uma restinga, uma tira de terra entre o mar e a Lagoa dos Patos (veja no mapa o espaço pontilhado). Nessa tira há areia, banhados e muito barro, além de pequenas lagoas. A RS-101, que corta o município, passa pela cidade de Mostardas até a RS-40, que liga Viamão ao litoral. É uma estrada em construção desde 1967.

A RS-40 é a rodovia asfaltada mais próxima, por terra, mas pra se chegar lá não é nada fácil. São uns 260 quilômetros, da cidade de São José até o asfalto. Por isso, o escoamento das safras é feito geralmente por barcas, até Rio Grande. A produção vem do interior até a cidade, e dali segue em embarcações até o porto de Rio Grande, numa travessia de 20 a 30 minutos. Essa travessia também é feita por caíques (pequenos barcos) ou embarcações maiores que levam passageiros, de meia em meia hora, de uma cidade à outra.

São José está praticamente ilhada, durante o ano todo, e mais ainda no inverno, pois são poucos os que enfrentam a RS-101 em dia de chuva. As lideranças do município já andam meio cansadas de tanto reclamar a conclusão dessa rodovia, que é chamada de "Estrada da Cebola". No início de abril, o governo andou anunciando que vai reiniciar as obras, com parte dos Cr\$ 5 bilhões liberados de Brasília para esse setor. O pessoal espera que desta vez a RS-101 seja finalmente concluída.



Adelço: lida com a matemática



Antônio e Jandira: a quitanda dá mais

São José, acabou ficando e se transformou em mais um plantador da principal cultura do município. Ele tem 780 hectares de terra em São José e em Pinheiro Machado, mas reside em Rio Grande, onde conhece a realidade dos produtores como poucos, pois sempre esteve em contato com o pessoal.

Plínio plantou 30 hectares de cebola em São José, e mais 6 para produção de sementes em Pinheiro Machado. Ele diz, com um pouco de orgulho, que foi um dos propagandistas da mecanização da lavoura na região, pois muita gente duvidava que a cebola pudesse ser plantada em lavouras preparadas com o uso de tratores. Nas duas propriedades, Plínio procura utilizar as terras da melhor maneira possível, diversificando, experimentando novas alternativas.

Pensando em reduzir a área destinada à cebola, por causa dos custos, o médico acha que a lavoura deve encontrar meio depressa duas saídas: aprimorar a qualidade das sementes, para que a cebola conquiste compradores, e tentar a industrialização ou pelo menos o beneficiamento. Segundo ele, a cebola pode ser desidratada, para que tenha maior duração. Isso beneficiaria os próprios consumidores e, principalmente, os produtores, que teriam garantia de mercado e poderiam continuar na atividade, "pois nada apresenta tão alto rendimento na lavoura como a cebola".

## CONTAS E PERGUNTAS: COMPENSA MESMO?

Que o rendimento é alto, disso ninguém duvida, mas já há quem ande fazendo cálculos para saber se a compensação financeira existe mesmo. É o caso do seu João Antônio Soira, de Rio Grande, que planta há 34 anos. Para 2 hectares, que é a parte que ele cuida (o resto fica por conta dos filhos), ele gastou 7 quilos de semente a Cr\$ 2 mil o quilo; 40 sacas de adubo a Cr\$ 750,00 cada uma; 4 caminhões de esterco a Cr\$ 3 mil cada; mais Cr\$ 5 mil de herbicidas; Cr\$ 1.500,00 de inseticidas; Cr\$ 15 mil com o trator emprestado; e Cr\$ 6 mil com diaristas. Só aí, a despesa, sem incluir outros gastos, chega a Cr\$ 82 mil.

Contando que ele possa ter colhido 20 mil quilos nos dois hectares, e que o preço final chegue a Cr\$ . . . 20,00, ele conseguiria 400 mil cruzeiros. Parece muito dinheiro, mas seu João assegura que não é. E os des-

contos, e os juro, e a cebola que apodrece? E, na verdade, ele acha que não colheu 20 mil quilos, e talvez o preço final nem chegue a Cr\$ . . . 20,00. É por isso que a família do seu João se dedica com afinco à produção de hortigranjeiros. Seu João explica:

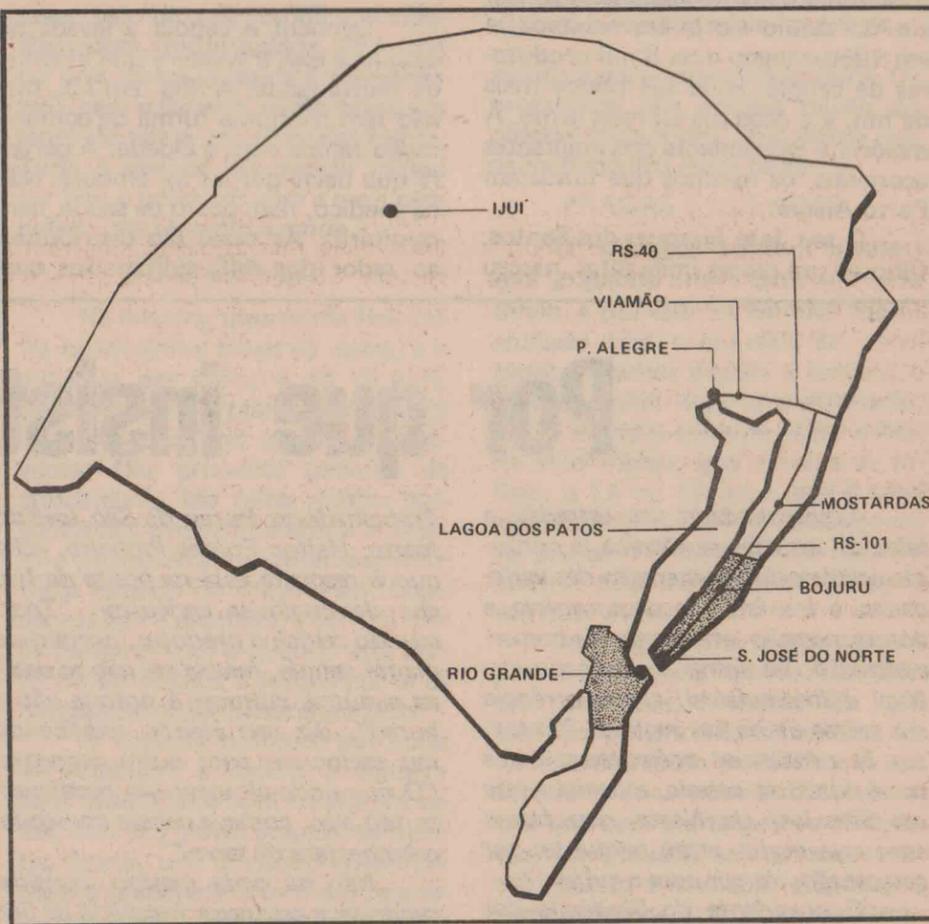
— A quitanda dá muito mais que a cebola. Eu faço Cr\$ 5 mil por semana, vendendo de tudo na feira, em Cassino, no inverno e no verão. Este ano vou plantar menos cebola e fazer mais quitanda. Se plantar só cebola, dependendo do lucrinho que ela deixa, o agricultor morre de fome.

Para reduzir os custos com a cebola, seu João já encontrou umas saídas, principalmente na adubação, pois a lavoura exige adubo aos montes. Ele descobriu que os resíduos da soja, que não chegam a ir para industrialização, são bons fertilizantes. Por isso, de vez em quando ele vai ao terminal e enche uma carroça com restos de soja. A mulher dele, dona Jandira, que foi quem ensinou seu João a plantar cebola, acha que essa é a saída. Ela também ajuda nas contas e na lavoura, e anda meio apavorada com os resultados desses cálculos.

## É PRECISO EVITAR A CONCORRÊNCIA

Adelço Ferreira de Lemos, que tem 5 hectares de cebola numa área total de 13 hectares em Rio Grande, às vezes também lida com a matemática e está certo de que o custo da produção, nesta safra, foi de Cr\$ . . . 7,00 por quilo. Só que Adelço, ao contrário da grande maioria, não esquece de plantar milho, feijão e até melancia, ocupando toda a terra disponível. E ele ainda arrenda outros 54 hectares, ocupados com a criação de gado e outras culturas, pois entende que viver só da cebola não é possível.

Adelço tem uma preocupação: o estímulo ao plantio da cebola em outras regiões e até em outros Estados, através da distribuição de sementes. Ele acha que isso pode inflacionar o mercado, com excesso de oferta, aumentando a concorrência que a produção gaúcha sofre das safras de outras zonas produtoras. Para o agricultor, o que interesse mesmo no momento é tratar da comercialização, "que parece que agora vai dar certo, e assegurar um pouco de assistência técnica ao produtor, pois tem gente que não acredita nisso, mas eu acredito".



PRODUÇÃO DE CEBOLA EM RIO GRANDE E SÃO JOSÉ DO NORTE

ANOS	ÁREA COLHIDA (Hectares)		PRODUÇÃO (Toneladas)		RENDIMENTOS (Quilos por hectare)	
	R. Grande	S. J. Norte	R. Grande	S. J. Norte	R. Grande	S. J. Norte
1970	2.450	4.000	22.050	36.000	9.000	9.000
1971	2.800	3.700	23.772	33.300	8.490	9.000
1972	2.800	3.500	28.000	18.000	10.000	5.143
1973	3.880	4.600	31.800	36.800	8.196	8.000
1974	2.600	3.586	22.021	25.013	8.469	6.975
1975	2.850	3.723	24.870	27.073	8.726	7.271
1976	3.185	3.200	24.379	27.200	7.654	8.500
1977	3.300	4.426	27.200	30.072	8.242	6.794
1978	2.872	3.975	18.076	19.040	6.293	4.789
1979	2.840	4.200	21.584	31.500	7.600	7.500
1980	2.840	4.200	22.720	33.600	8.000	8.000

Fonte da informação: IBGE-GCEA/RS



O DESAFIO  
DA CEBOLA

# NA ILHA É TUDO MAIS DIFÍCIL

O café da manhã é servido às 6 horas; o almoço às 9; o café da tarde às 12 horas; a janta às 3 da tarde; e o café da noite às 7 horas. Os horários das refeições, servidas em pequenos intervalos, são uma das coisas que surpreendem quem chega a Ilha dos Marinheiros pela primeira vez. Ela é a maior das muitas ilhas quase grudadas a Rio Grande, e dali sai boa parte da produção de cebola do município.

Foi o trabalho puxado, na produção de tudo que é tipo de alimento, que obrigou os primeiros habitantes da ilha a comerem tanto. No início do século ela já era habitada, e em 1956 chegou a ter 8 mil produtores de cebola. Hoje são pouco mais de mil, e a cada dia sai mais gente. A maioria é descendente dos imigrantes açorianos, os mesmos que fundaram Porto Alegre.

O seu José Marques dos Santos, filho de um desses imigrantes, nasceu

na ilha, casou ali com dona Enilda e ali também nasceram 9 dos 10 filhos do casal. Destes, apenas um deixou a ilha, e os outros querem ficar lá mesmo, como diz Antônio, de 27 anos, "porque a cidade não se conhece bem mesmo, e o que a gente não conhece não atrai tanto". A família planta cebola e outros hortigranjeiros, que Antônio vende no mercado público em Rio Grande, fazendo a travessia de 20 minutos, pela Lagoa dos Patos, num caíque a motor.

## CAÍQUE LEVA TUDO

Também a cebola é levada no caíque, e essa travessia é que incomoda muita gente. A ilha tem luz, mas não tem nenhuma forma de comunicação rápida com a cidade. A parteira que havia por ali foi embora. Não há médico, nem posto de saúde, nem cemitério. As casas são distribuídas ao redor dos 449 quilômetros qua-



Toda família de José Marques dos Santos está envolvida com a cebola

drados da ilha, que só tem terra e vegetação numa faixa de uns 200 metros de largura, costeando a margem. No centro só há areia. Há bolichos de longe em longe, nessa faixa habitada, e igrejas, salões de festa e escolas com até a 4ª série do 1º Grau. As missas são rezadas uma a cada mês.

Mas a cebola também anda descreditada por ali. O seu Ernesto Simões Neto, que plantou 2 hectares nessa safra, acha que "analisando bem, o hortigranjeiro dá mais". Além do custo da lavoura, tem os gastos com o transporte de barco. A cada viagem um caíque gasta uns quatro litros de gasolina ou dois de óleo. Há algum tempo, o governo andou tentando fazer uma ligação por aterro até a ilha do Leonídio, que fica ao lado, mas a água levou tudo. Da ilha do Leonídio, os agricultores poderiam pegar a estrada para a Quinta,

uma localidade de perto, fazendo uma volta de 60 quilômetros para chegar a Rio Grande.

O gasto com combustível seria maior, e o pessoal desaprovou a idéia antes que ela pudesse dar certo. Eles querem é uma ligação direta com Rio Grande, que também não é fácil. Por causa dessas dificuldades, da distância da ilha e da falta de comunicação, é que outro morador, o seu João das Neves, decidiu sair de onde estava. Ele nasceu ali, está com 63 anos, e deixou o lugar onde nasceu, na outra ponta da ilha, pra ficar mais perto de Rio Grande e fugir do tal aterro.

— Não sei se foi cisma, mas estava com medo do tal aterro, que podia estragar a terra. Agora eu arrendo este pedaço (uns 2 hectares) por Cr\$ 6 mil por ano. Nunca pensei em sair daqui, mesmo que hoje se veja que tudo é mais difícil. Antes não tinha estrada na ilha, mas nós é que levávamos

## Por que insistir na cebola?

*A precariedade das estradas, a falta de assistência técnica, a confusão criada pela degeneração das variedades, a inexistência de pesquisas, a desorganização em termos de comercialização das safras, o mercado instável e imprevisível, a concorrência das safras de outras regiões. São tantos os problemas enfrentados pelos produtores de cebola, especialmente em São José do Norte, que fazem com que muita gente pergunte: por que, então, insistir com a cultura?*

O presidente do Sindicato dos

*Trabalhadores Rurais de São José do Norte, Heitor Fontes Pinheiro, acha que a resposta está na ponta da língua de qualquer agricultor. "Todo mundo critica o produtor, porque ele planta cebola, mas se ele não se dedica a outras culturas é porque não é burro", diz seu Heitor, explicando seu raciocínio com outra pergunta: "O que pode alcançar um rendimento tão alto, como a cebola consegue, num hectare de terra?"*

*Não há nada mesmo, considerando-se a estrutura fundiária de São*

*José do Norte. Mas a resposta pode ir mais longe, segundo o professor Gazil Brasil Machado, citado entre as pessoas que mais entendem de cebola no Estado. Para o professor, o que se precisa hoje é contornar os problemas enfrentados pelos produtores, e analisar mais a fundo a evolução da lavoura, antes de se querer simplesmente fazer mudanças.*

### QUALIDADE

*Gazil recorda que a cebola foi introduzida no Estado no século passado, pelos imigrantes açorianos, e já em 1844 eram exportadas 15 mil arrobas para o norte do país. No início de 1900, a cultura passa de produto de subsistência para mercadoria que atrai compradores. Por volta de 1950 é que a cebola dá um salto importante, com a entrada dos "exportadores" paulistas no mercado. Esses exportadores, como ainda hoje são chamados os grandes atacadistas, contribuíram para causar parte dos problemas que a lavoura enfrenta hoje.*

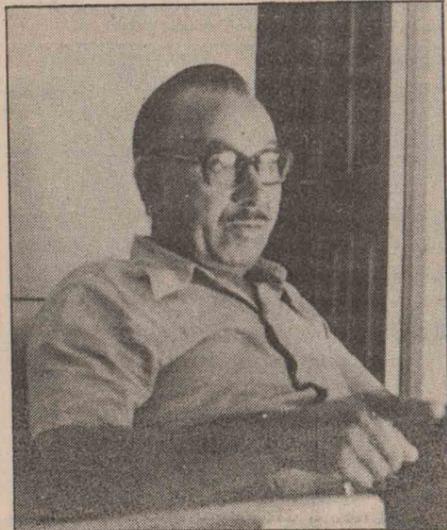
*Segundo Gazil, com o aumento do movimento de compras, o produtor deixou meio de lado o controle da qualidade. Hoje há cinco variedades sendo plantadas em São José e Rio Grande, mas fica cada vez mais*

*difícil de se saber quais eram as características originais desses tipos de cebola. Essa mistura atrapalha muito, e é agravada com a falta de pesquisas, de apoio oficial. O Estado não dispõe de técnicos especialistas nessa área.*

### ASSISTÊNCIA

*Heitor Pinheiro, presidente do STR de São José há 18 anos, diz por sua vez que a assistência técnica já ajudaria bastante, no encaminhamento de solução para boa parte dos obstáculos hoje existentes. Com oito ou 10 técnicos no município, a situação seria pelo menos amenizada. Anos atrás, o sindicato chegou a contratar um profissional para prestar esse serviço, mas não teve recursos para mantê-lo.*

*Para seu Heitor, isso não é, no entanto, a pior coisa no momento. De nada adiantará pensar em assistência, se falta estrutura para garantir a permanência do produtor na atividade. E o que está faltando, principalmente, são melhorias nas estradas. Ele diz até que com as estradas apenas remediadas, inclusive a tal RS-101, a situação se modificaria. "Como pensar em produzir hortigranjeiros e plantar outras culturas,*



Heitor, agricultor, não é burro



Gazil: contornar antes de mudar



O DESAFIO DA CEBOLA

# Uma planta complicada

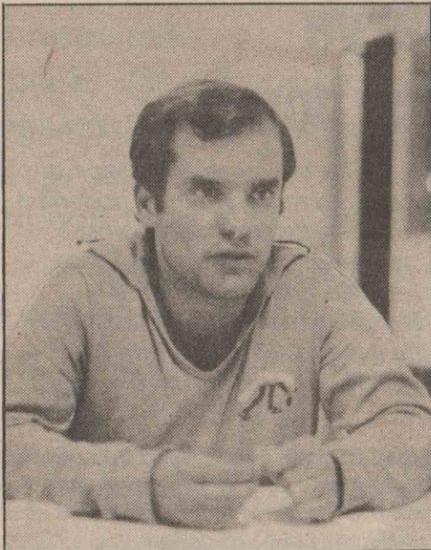
Uma cultura aparentemente fácil, porque dificilmente atinge grandes quebras, a cebola é, ao contrário, uma planta complicada, principalmente quando começa a degenerar, com a mistura de variedades. O agrônomo Gonçalo David já conhece alguns segredos do plantio em São José do Norte e Rio Grande, mesmo que, desde a implantação da lavoura, muitas mudanças tenham acontecido.

Na região, o plantio geralmente acontece em maio e pode ir até julho. São formados viveiros, com o agricultor utilizando uma garrafa para jogar as sementes. É preciso ter habilidade, para que as sementes saiam pelo bico da garrafa e se espalhem com uniformidade. Com um ou dois meses, a muda é transplantada para a lavoura, cortando-se um terço da raiz e um terço das folhas. Tudo é manual: ao mesmo tempo em que o produtor abre a cova com o dedo, ele replanta a muda.

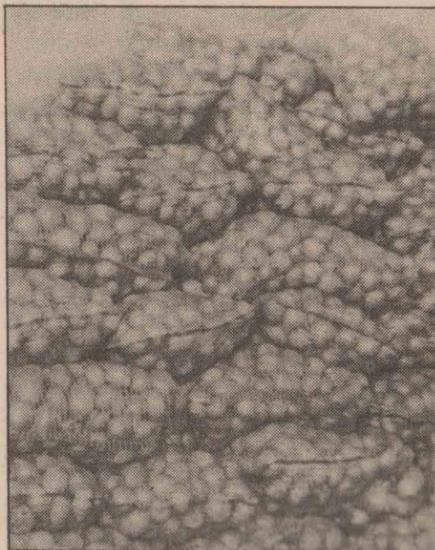
## FRIO E CALOR

Na lavoura, uma muda fica uns 10 centímetros longe da outra; e a distância das linhas é de 10 a 15 centímetros. A planta precisa de muito cuidado no viveiro e na lavoura. Nas primeiras semanas de crescimento, são feitas muitas pulverizações contra doenças, e o viveiro é protegido com capim seco contra o excesso de chuva e sol. Logo depois que é plantada, a cultura exige bastante frio, e quando está perto de ser colhida é favorecida se as temperaturas permanecerem altas.

A colheita acontece por volta de novembro a janeiro, e também aqui tudo é feito com a mão. Há casos, mas são muito poucos, de plantio direto, sem o uso do viveiro. A terra é preparada com trator, e a se-



Gonçalo e alguns segredos



O armazenamento é ponto importante

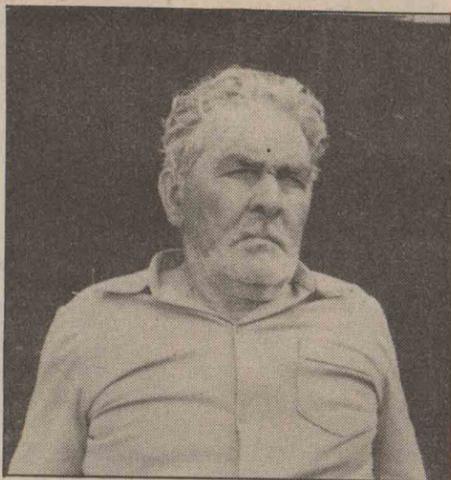
mente jogada direto na lavoura. Os produtores não gostam muito do plantio feito assim, pois dizem que os rendimentos caem bastante.

## PRAGAS E DOENÇAS

O Gonçalo lembra também que a cebola cresce bem em terra limpa, e por isso há também muito cuidado com o controle de insetos. Muitas doenças atacam a lavoura, e podem acabar com uma plantação. Entre as mais comuns estão o Mal de Sete Voltas, que enrosca as folhas; a Lã ou Lãzinha, que é uma penugem muita temida que aparece na planta; e a Mela, que dá mais no viveiro, deixando a cebola como se estivesse melada.

As pragas mais comuns são o piolho e a lagarta rosada. Além desses problemas, Gonçalo diz que também podem prejudicar uma lavoura a adubação mal feita e o uso incorreto dos venenos. Ele constatou que tem muita gente na região que não recebeu nenhuma orientação quanto à adubação e aplicação dos defensivos. O STR de Rio Grande tem ajudado um pouco com a distribuição de folhetos sobre o assunto.

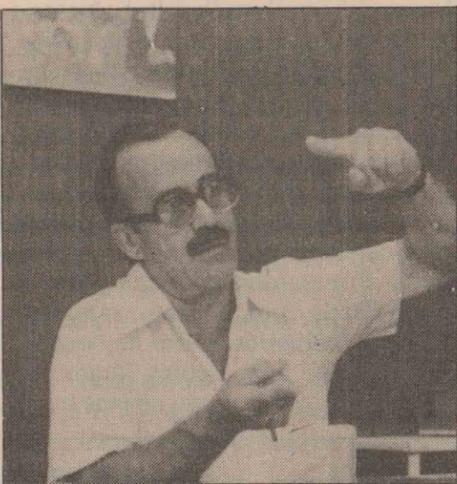
Depois de colhida, a cebola ainda fica de 3 a 5 dias na lavoura, no início do processo de "cura". A armazenagem em galpões é feita de várias formas: em varas colocadas horizontalmente uma sobre a outra, onde a cebola é suspensa em molhos, atada pela rama; nos rieiros, que são pilhas arrumadas em forma de pirâmide; ou esparramada no próprio chão, depois de classificada. A cebola mal armazenada pode dar grandes prejuízos. A previsão é de que a produção atual deverá agüentar a estocagem só até agosto, por causa do excesso de umidade.



João das Neves: cisma com o aterro

to, para consultar em Rio Grande. O que ainda mantém o pessoal por ali é a pesca, que dá trabalho mas também pode render um bom dinheiro. Só da cebola, ninguém iria viver. É como diz o seu José: "A cebola está a preço de banana". E seu Ernesto faz uma previsão: "Dentro de três, quatro anos, vai ter pouca gente por aqui".

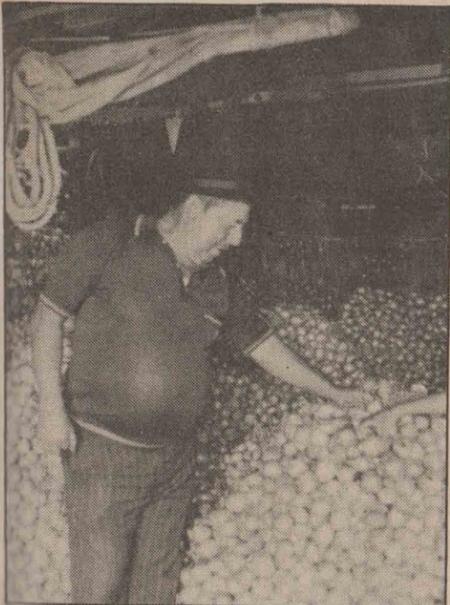
Cada família da ilha tem uma faixa de terra de uns 20 metros de largura por 150 ou 200 metros de comprimento. O solo é muito fértil, mas a terra é pouca para se pensar em culturas que possam ser mais rentáveis. O pior é que, ao mesmo tempo que sai produtor, chega gente da cidade, para comprar "chacrinhas" de fim de semana. Eles temem que o lugar se urbanize, se transforme numa vila cheia de veranistas. E aí sim, a ilha, onde todo mundo se conhece, vai perder quase tudo o que ganhou nesses anos todos.



Quessada: falta pesquisa

mental é voltar à pesquisa". Seu Arnaldo diz, baseado em constatações que vêm sendo feitas, que a "Jubileu", uma das principais variedades, está hoje com apenas 40 por cento de suas características.

Segundo ele, a cebola deve envolver mais de 3 mil produtores em Rio Grande, a maioria trabalhando em regime de economia familiar, como acontece em São José do Norte. Seu Arnaldo acredita que boa parte desse pessoal poderá entrar firme na produção de hortigranjeiros e outras culturas, mas faz uma observação: "Primeiro temos que pensar no que pode ser plantado e vendido, na recuperação das estradas e outros detalhes. Não existe outra região melhor no país, para hortigranjeiros, do que esta aqui".



Ernesto Simões analisa os gastos

mos a produção daqui pra todo o lado. Agora, com as estradas asfaltadas, a produção de fora é que vem pra essa região. Deu tudo ao contrário.

## A PREÇO DE BANANA

Isso é que magoa os moradores da Ilha dos Marinheiros. Até uns anos atrás, saía dali cebola e outros produtos até para o Norte do país. Hoje, os atravessadores aparecem com ofertas de preços sempre inferiores aos pagos na cidade. O seu João lembra que no seu tempo de rapaz a travessia era feita em barco a vela, "e ninguém se queixava tanto como agora".

Para dona Enilda, é mesmo de se queixar. Ela sofre do coração, e já teve que atravessar a lagoa de caíque às 11 horas da noite, com dor no pei-

se não há como escoar as safras?", ele pergunta. Está provado que em São José dá de tudo, mas falta muito para o produtor se arriscar, pois aí também conta a desorganização para comercializar o que possa vir a ser plantado.

## DESCRENTE

Mas se as autoridades não dão atenção para essas e outras reivindicações mais simples, como a recuperação das estradas, o que poderá ser mudado? Seu Heitor anda meio descrente, mas acredita que a entrada da Cotrijuí vai dar motivação. São José tem umas 2.500 propriedades, mas a lida da cebola envolve mais de 7 mil produtores, entre os donos das terras, agregados, parceiros e trabalhadores rurais.

Quase todo esse pessoal planta cebola e vive também da pesca. A grande maioria explora áreas de 4 a 15 hectares, em parcerias, e só os médios e grandes diversificam a produção, especialmente com a criação de gado. Seu Heitor assegura: "Se dessem condições, São José do Norte entupiria o Estado com todo tipo de produção".

## PESQUISA

Em Rio Grande, o desânimo também só foi esquecido um pouco com a movimentação criada pela Cotrijuí. Arnaldo dos Santos Quessada, que preside o STR há 19 anos e é vereador do PDS, acha que "o funda-

# UM TESTE

A primeira grande experiência da estrutura do poder

A forma de realização da última Assembléia da Cooperativa, realizada dia 30 de março em Ijuí, pode ser encarada como um pacto de ação — um acordo — entre os representantes e o quadro social da Cooperativa. Apenas os representantes votaram durante a Assembléia, mesmo que os demais associados presentes pudessem participar ativamente na discussão dos assuntos levantados. Foi uma Assembléia para aprovação de balanço, renovação de 2/3 do Conselho Fiscal, destinação das sobras do exercício e autorização para o Conselho de Administração comprar ou vender bens imóveis, participar da Cooperativa Central de Hortigranjeiros, etc.

A definição de que apenas os representantes votariam em Assembléia com este teor, foi tomada no Seminário Central de associados que antecedeu a realização da última eleição dos representantes. Qualquer associado, porém, não perderia o direito de voto nos casos de eleição do Conselho de Administração e diretoria executiva. Mesmo que o assunto já tivesse, então, sido bastante clareado, foi novamente proposto na abertura da assembléia, sendo aprovado pelos que dela participaram (leia na matéria ao lado).

## DISCUSSÃO DO BALANÇO

O primeiro item que entrou em discussão foi o balanço e o relatório da diretoria. Estes trabalhos foram conduzidos pelo associado Nelson Dias Netto, de Maracaju, eleito para presidir a assembléia. Antes da aprovação do balanço foram pedidos vários esclarecimentos, tanto pelos representantes como pelos demais associados. Uma das questões foi o prejuízo de Cr\$ 83,5 milhões trazido pela soja no Mato Grosso do Sul. Ela foi esclarecida pelo superintendente Clóvis Adriano Farina:

— O prejuízo se deve a sérios

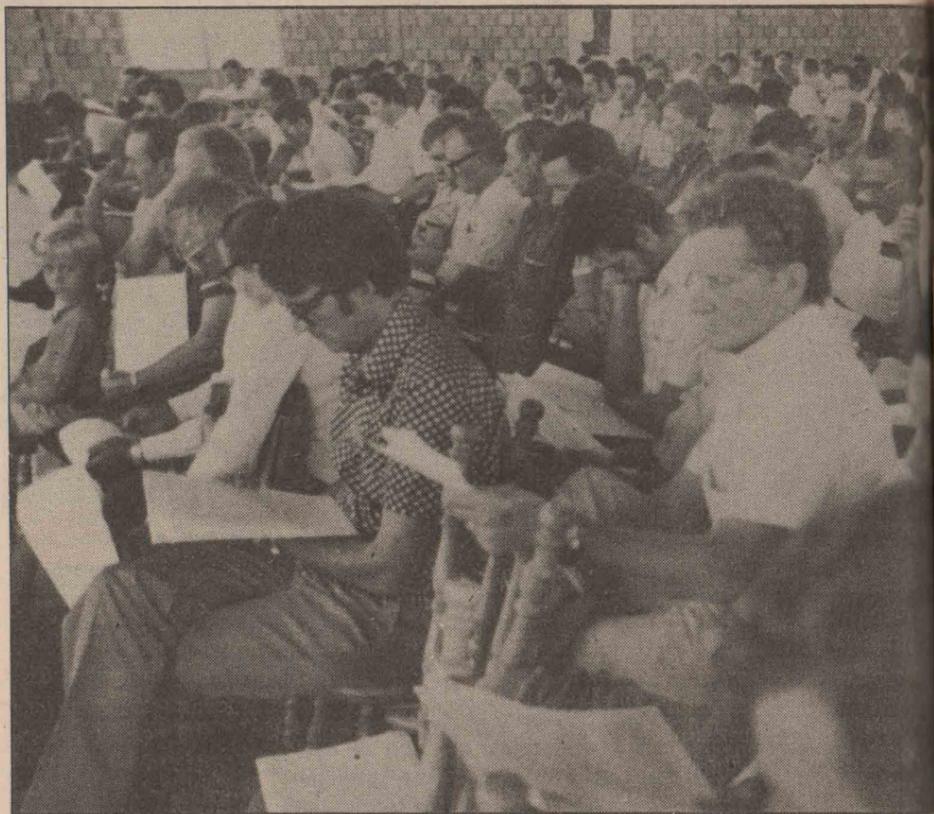
problemas de armazenagem nas unidades da região. Com isto o grão ardeu, perdendo capacidade de produção de óleo e proteínas. No Rio Grande do Sul também acontecem estes problemas, mas como temos indústrias próprias o prejuízo fica absorvido por nossas indústrias. No Mato Grosso nós comercializamos com outras indústrias e por esta razão ele fica mais visível. Em algumas entregas a quebra foi de até 7 por cento no peso. Os problemas de armazenagem são uma decorrência da safra muito úmida e de nossos esquemas de armazenagem e secagem, que não estavam a altura da safra colhida.

Outra pergunta foi sobre o prejuízo do leite e se existe lucro para a Cooperativa na comercialização efetuada pela Central (CCGL). Ilgenritz esclareceu que tanto a Cotrijuí como as demais cooperativas associadas à Central não recebem nada da CCGL. Ela participa investindo capital na Central. A CCGL, que atua apenas há três anos, está em fase de expansão para só mais tarde proporcionar algum retorno às 32 cooperativas associadas. Parte dos débitos existentes com leite são provenientes dos investimentos realizados na construção de postos de recebimento e resfriamento em Ajuricaba e em Santo Augusto.

Se falou também em sêmen, que devido ao pouco movimento na Região Pioneira apresentou resultado negativo no balanço; em comercialização de suínos (a Cooperativa já está recebendo de 3.000 a 4.000 suínos por mês) e de despesas com venda de milho. Neste caso houve uma transferência de produto do Mato Grosso para o Rio Grande (onde foi aproveitado na fábrica de rações da Cooperativa) sofrendo, desta forma, tributação de ICM.

## SOBRAS DISTRIBUÍDAS

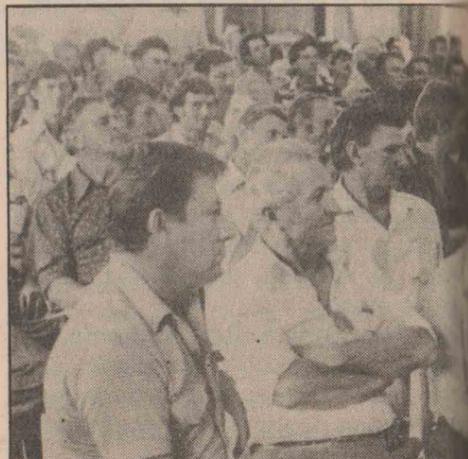
Na destinação das sobras, que alcançaram 7 milhões, 855 mil e 216



Nesta assembléia apenas os representantes tiveram direito a voto

cruzeiros, foi decidido distribuir este valor entre os associados (veja matéria sobre o assunto).

Outro dos itens foi a eleição e posse do novo Conselho Fiscal, que sofreu uma renovação de 2/3 de seus integrantes. Permaneceram no Conselho Dair Fischer, de Ajuricaba, (como membro efetivo) e Álvaro Darci Contri (como suplente). Os novos conselheiros efetivos são Aquilino Bavaresco (de Tenente Portela) e Antônio Bandeira (de Ajuricaba). Os suplentes são ainda Alceno Elvino Wolmer (de Chiapetta) e Rui Adelino Raguzzoni (de Dom Pedrito). A escolha destes novos integrantes foi feita entre os próprios representantes de cada uma das unidades que teriam vaga aberta no Conselho. Esta forma de composição do Conselho foi adotada a partir de 1979, depois da primeira eleição de representantes. Foi entre os elementos eleitos, de acordo com a proporcionalidade do número de associados por unidade, que saíram os conselheiros eleitos na Assembléia daquele ano. Depois, tanto no ano passado como neste, apenas hou-



Antes da Assembléia os representantes fizeram

ve renovação de Conselho Fiscal de acordo com as exigências legais.

## PREÇOS

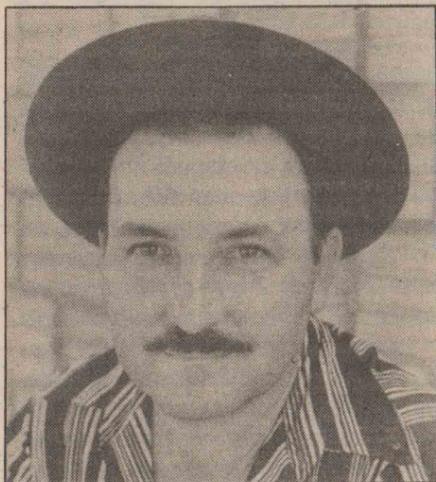
A parte final da Assembléia, dedicada a discussão de assuntos gerais, girou fundamentalmente em cima de problema preço. Vários representantes fizeram colocações no sentido de que a Cooperativa apresentava para a soja valores mais baixos do que alguns comerciantes e mesmo outras cooperativas. Esta questão foi mais

## O tempo vai dizer se isto serve para todos nós

Dos 189 associados presentes à Assembléia, 113 eram representantes. Foi em conjunto, porém, que decidiram que apenas os representantes poderiam votar os assuntos em discussão, isto seguindo inclusive a decisão tomada no Seminário Central de Associados realizado antes da última eleição de representantes, em dezembro do ano passado. No final da Assembléia ouvimos o depoimento de quatro associados que não eram representantes, dando sua opinião sobre como foi a reunião e como sentiam o fato de apenas participarem da Assembléia, com direito a voz, mas sem direito a voto.

“Com a assembléia sendo por conta dos representantes, agora precisamos esperar para ver se isto é bom ou é ruim. Temos que ver primeiro, que é só uma experiência. Eu não me lembro de ter faltado nenhuma

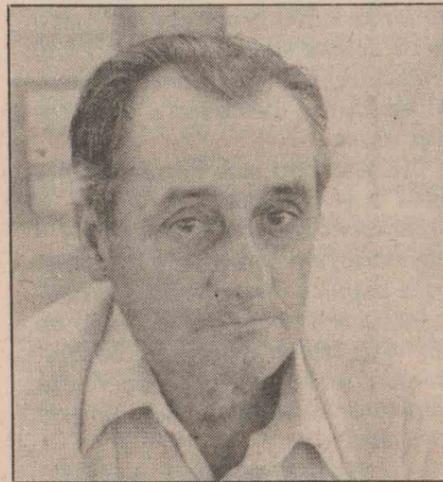
assembléia até hoje e acho que continuo vindo mesmo com só os representantes votando. O associado tem prazer em vir na assembléia, de também dar suas sugestões aos representantes e ver eles aqui defendendo



Fiorindo Luiz Picolli

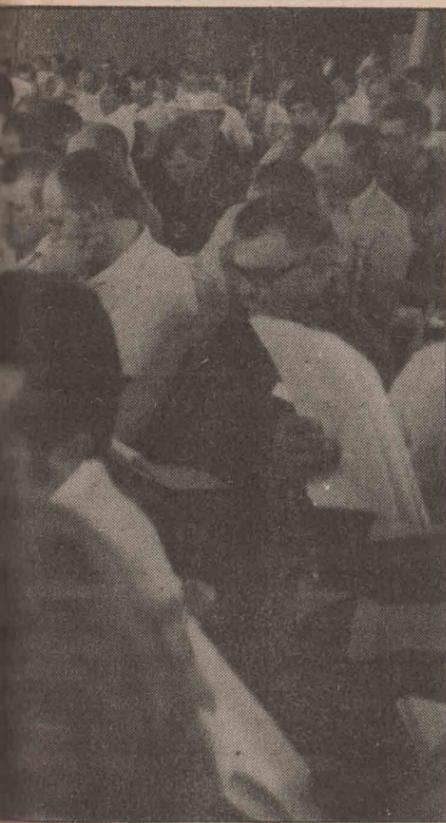
elas”. Fiorindo Luiz Picolli — Linha 3 Oeste, Ijuí.

“Só às vezes que eu falhava nas assembléias, mas achei bom do jeito que foi, de só representante votar. Discutindo antes



Roberto Alfredo Golle

nos núcleos, a gente sabe mais o que está acontecendo e como vai ser a Assembléia. Os representantes sabem votar mais, porque muitos dos associados são atrasados demais”. Roberto Alfredo Golle, Linha 2



na reunião

levantada por representantes da Região Pioneira, onde existe uma concorrência maior em torno do produto soja. Durante a discussão foi comentado que estes preços praticados pela Cooperativa são preços reais, formados a partir de condições de mercado analisadas com toda seriedade. É um preço, como frisou o presidente Ilgenfritz, igual para todos associados e que é pago para qualquer quantidade de produto. Não é um preço meramente político.

Oeste — Ijuí.

“Nestas alturas pouco influi o associado vir na Assembléia. Eu era um que faz uns quantos anos que venho. Vale para ver só a participação dos representantes depois das reuniões nos núcleos. Pelo que se vê eles já vêm prontos da Cotrijuí. A gente vê que eles estão muito de acordo com a Cotrijuí, enquanto o associado está vivendo sérias crises. Esta estrutura do poder está instalada há pouco tempo e vamos ver se para o futuro melhora. O que tem acontecido é que a Cotrijuí está crescendo muito e no interior a situação do associado não é essa. Até acho que veio pouca gente aqui por causa exatamente dos representantes, que de começo não está havendo ainda muito entendimento entre os associados, os representantes e a cooperativa. Vamos ver no futuro se melhora”. Ari Bruno Garros — Linha 11 Leste — Ijuí.

“Em mais de 20 anos que sou sócio da Cooperativa, falhei só na Assembléia. Eu já sabia que era Assembléia de represen-

## Assumir os riscos

De manhã, antes da Assembléia, acontecera uma reunião só de representantes. Ela foi convocada exatamente para retomar a discussão sobre a forma de condução da Assembléia. E as posições sobre o assunto eram diferentes de região para região. Apenas os representantes de Ijuí se manifestaram contra o direito de voto, nesta Assembléia, ser unicamente para os representantes. Waldemar Michael fazia a seguinte colocação:

— Pregamos aos quatro ventos que não se tiraria da Assembléia o direito ao voto. Seria uma atitude precipitada.

Já Armino Holzer justificava esta posição, lembrando que “tirando o direito de voto dos demais associados, os representantes assumem uma responsabilidade muito grande”.

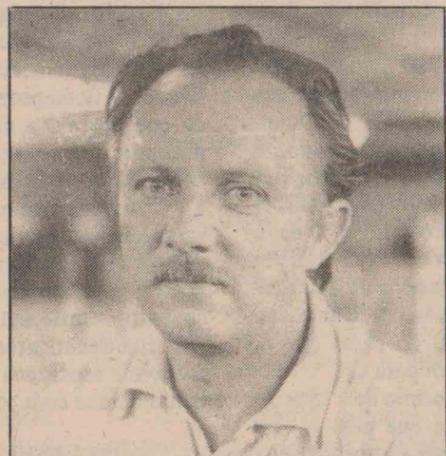
### DUAS RAZÕES

A posição de Ijuí é perfeitamente compreensível, pois por ser neste município a sede da Cooperativa, é muito mais fácil a participação dos associados da localidade na realização das assembleias.

Entretanto, foi exatamente a dificuldade de todos associados participarem ativamente de uma discussão aprofundada durante as assembleias, que mais motivou o surgimento do sistema chamado estrutura do poder. Atuando em regiões diferenciadas e bastante distantes umas das outras, torna-se quase impossível a participação dos associados através de um sistema tradicional. Daí o surgimento da estrutura do poder e das eleições de representantes. Sob este ponto de vista também é plenamente justificável a posição defendida pelos representantes das demais unidades. João Telló, de Tenente Portela (município distante 150 quilômetros de Ijuí), dizia o seguinte:

— Quando se tratou de formar a Estrutura do Poder, foi conversado com a base e pedido se os associados dariam aos representantes o direito de tomar as decisões. Em Tenente Portela foi tomada a posição de que, dado a distância, os associados escolhiam homens para representantes em que confiavam, pessoas dignas de trazer as opiniões, e nestas oportunidades votariam os representantes.

tantes, mas não sabia que só eles iam votar. Achei uma coisa justa, pois fomos nós que elegemos os representantes. E não tem mais outros meios de fazer uma assembleia. Só se alugava uma granja para reunir os 20.000 associados. Nesta assembleia achei bonita



Ari Bruno Garros

Angelo Sichinel, de Rio Brillhante, no Mato Grosso do Sul, lembrava que “nós nem pedimos para ser candidato. Antes de se vir até aqui fizemos reunião com os associados. Creio que eleitos os representantes, se for tirada a oportunidade de eles atuarem, fica até chato”. Por Santo Augusto quem se manifestou foi Ido Marx Weiler:

— Cada um de nós representa 150 associados. É muito maior a representatividade do que se os associados viessem isolados. Esta modificação é altamente válida, porque toda área de ação da Cotrijuí está aqui legitimamente representada.

### VIVÊNCIA

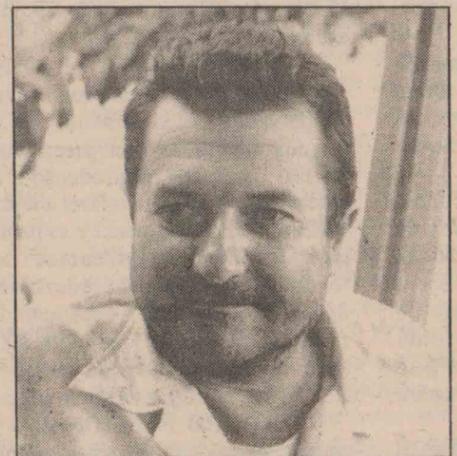
Já seu Francisco Farinha, de Dom Pedrito, apenas temia que esta posição acabasse sendo uma faca de dois gumes, que pudesse prejudicar não só a estrutura do poder, mas a própria vida da Cooperativa. Ele perguntava, inclusive, se era ou não legítimo este posicionamento.

Foi aí a vez do presidente Ruben Ilgenfritz da Silva lembrar que este sistema não foi ainda introduzido no próprio Estatuto Social da Cooperativa. Isto também porque, conforme decisões do Seminário Central, apenas depois de vivenciar na prática do dia a dia, na realização das assembleias, esta mudança que recém começa a ser implantada, é que se poderá saber se ela é válida ou não. Em 1983, inclusive, deverá ser realizado um plebiscito para decidir pela implantação definitiva do sistema. Lembrou Ruben:

— Na verdade sem riscos não se faz nada. É importante lembrar que a decisão de apenas os representantes votarem seria válida apenas nesta assembleia. E a Assembléia é soberana para decidir se isto serve ou não serve para esta ocasião. Se um grupo de associados não concordar com esta proposição, ela não poderá ser posta em prática.

No final das discussões, o assunto foi aprovado pelos representantes. Inclusive o pessoal de Ijuí — depois de uma reunião em separado de cada unidade — decidiu votar com os demais representantes. A justificativa é que não adiantava apenas esta unidade manter um ponto de vista completamente discordante das demais.

a discussão da turma. Houve muito debate e muita pergunta antes de ir para aprovação. E também teve muita discussão na base antes da Assembléia, e decerto eles levaram as idéias da base”. Balduino Leopoldo Bandeira — Linha 23 — Ajuricaba.



Balduino Bandeira

## As sobras nas mãos dos associados

Depois de exatamente cinco anos, as sobras do exercício da Cotrijuí serão mais uma vez distribuídas entre os associados. Os 7 milhões, 855 mil e 261 cruzeiros serão rateados entre os associados que comercializaram seus produtos com a cooperativa durante o exercício. Esta distribuição será proporcional ao valor que cada associado integralizou durante o período que vai de 1º de março a 31 de dezembro do ano passado. Isto deverá dar, aproximadamente, Cr\$ 30,00 por cada Cr\$ 1.000,00 de capital integralizado.

A destinação das sobras líquidas do exercício sempre tem sido um dos assuntos mais discutidos durante as Assembleias. Também este ano, caso os representantes não tivessem chegado a uma conclusão sobre o que fazer com estas sobras durante a reunião que fizeram antes da Assembléia, o assunto também iria provocar muito debate. E, por sinal, provocou bastante discussão na reunião feita pela manhã.

Uma das propostas, apresentada por representantes do Mato Grosso do Sul, era destinar as sobras para o Fundo de Reserva. Este Fundo, que já recebe por lei 10 por cento das sobras líquidas, destinasse a cobrir eventuais prejuízos da Cooperativa.

Já representantes de alguns municípios da Região Pioneira sugeriram que este dinheiro fosse aplicado na área de saúde, permitindo, quem sabe, investimentos específicos nas obras dos hospitais da Cooperativa. Outros representantes, porém, defenderam a idéia de distribuir na conta-corrente dos associados o valor das sobras à disposição da Assembléia.

Os que defendiam esta posição usavam o argumento de que “o associado quer sentir que a Cooperativa é sua, quer ver algum dinheiro na mão para se motivar mais”. Até chegou a ser colocado que muito associado pode querer desviar sua produção se, mais uma vez, não acontecer esta distribuição das sobras. Quem era a favor da distribuição ainda lembrava que mesmo sendo muito pouco o que cada associado vai receber, este dinheiro pode ser um novo incentivo nesta época em que mais uma frustração da safra é dada como certa.

Depois de discutirem bastante o assunto — coisa que levou perto de 45 minutos até se chegar a uma solução — os representantes decidiram levar à Assembléia a proposta de distribuir a pequena quantidade colocada à sua disposição. É natural que uma parte do tempo das discussões foi tomado exatamente pelas considerações sobre o valor que restou para distribuir.

Este assunto voltou a ser abordado na parte da tarde, durante a Assembléia propriamente dita. Naquele momento, o presidente da Cooperativa, Ruben Ilgenfritz da Silva colocava que logicamente era possível a Cooperativa mostrar no balanço um resultado maior:

— Bastava ter pago Cr\$ 5,00 a menos pelo saco de soja, para que esta sobra chegasse a Cr\$ 50 milhões. Mas onde está a melhor posição: pagar menos pelo produto, não prestar serviços, ou deixar uma sobra maior no encerramento do exercício? Nossa posição tem sido a de que a maior remuneração está nos serviços que a Cooperativa presta durante todo ano e não nos números finais do balanço.

# O QUE SE FEZ NO ANO

O relatório do Conselho de Administração recorrou, quais as principais atividades desenvolvidas na Cotrijuf durante os 10 meses do exercício:

**SOJA** — O recebimento elevou-se em mais de 100 por cento em relação ao ano anterior. As regiões Pioneira e Dom Pedrito entregaram neste exercício 352.728 toneladas de produto, contra 284.946 toneladas em 1979. A região de Mato Grosso do Sul que havia entregue 107 mil toneladas no ano anterior, entregou 243.544 toneladas.

**TRIGO** — As entregas de produto no Rio Grande do Sul foram menores (93.000 toneladas em 1979 contra 82.661 toneladas em 80), isto como consequência da frustração da safra. Já no Mato Grosso do Sul as entregas chegaram a 53.979 toneladas (aumento de 18%), totalizando 136.240 toneladas, contra 138 mil toneladas em 1979.

**ARROZ** — Das 16.066 toneladas recebidas em toda área de ação no ano de 79 houve um aumento de 131 por cento em comparação ao recebimento do último exercício. As entregas totalizaram 37.126 toneladas, sendo que apenas no Rio Grande do Sul chegaram a 28.323 toneladas.

**MILHO** — Foram recebidas 4.448 toneladas no Rio Grande do Sul e 2.609 toneladas no Mato Grosso do Sul. Foi necessário adquirir o produto de outros estados para manter a produção da Fábrica de Rações.

**LÃ** — O produto sofreu a influência do período restrito de 10 meses considerado no exercício, já que a safra normal acontece de julho a julho. No ano anterior foram recebidos 1.165.000 quilos e neste exercício foram entregues 893.217 quilos. A Cotrijuf entregou 211.480 quilos de lã para industrialização na Cooperativa de Lãs Vale do Uruguai Ltda. (da qual participa como associada), contra os 80.865 quilos no ano anterior.

**PECUÁRIA DE CORTE** — Devido as alterações de mercado pela insuficiência de preços, assim como a redução de dois meses no exercício, foram abatidas 22.262 cabeças, contra as 33.417 abatidas em 1979.

**LEITE** — Dentro do programa de diversificação de culturas, a pecuária leiteira vem apresentando constante crescimento, principalmente entre os pequenos produtores, o que é altamente positivo. O produto entregue atingiu a média mensal de 1 milhão, 916 mil e 738 litros, enquanto em 1979 esta média foi de 1 milhão e 55 mil litros. Foi construído um posto de recebimento de leite em Ajuricaba, com capacidade para 7 mil e 800 litros. Dando continuidade ao repasse de animais, foram repassadas 461 vacas leiteiras aos associados.

## HORTIGRANJEIROS

**Produção de Semente de Cebola** — o programa atingiu um volume de 800 quilos, quantidade suficiente para atender a demanda do quadro social.

**Alho** — esta cultura experimentou considerável expansão, proporcionando à Cooperativa um recebimento de 200 mil quilos de produto, quantidade significativa considerando-se ser uma cultura em fase de implantação. A comercialização foi dirigida aos mercados de São Paulo e Goiânia.

**Excedentes** — De forma semi-artesanal e partindo dos excedentes de comercialização, a industrialização de frutas e hortaliças teve boa evolução no período, atuando em duas linhas básicas: produção de doces em pasta (schmier) e produção de conserva de pepino e cebola.

**Entrepasto Hortigranjeiro** — teve um desempenho satisfatório face a participação de 800 associados no processo produtivo.

**Silvicultura** — o desempenho foi altamente significativo, principalmente na Região Pioneira, onde foram distribuídas cerca de 800 mil mudas de eucaliptos, 70 mil mudas de erva-mate e 30 mil mudas de diversas espécies nativas florestais e frutíferas.

**FORAGEIRAS** — com o desenvolvimento da pecuária, especialmente a de leite na Região Pioneira, o plantio de forrageiras vem ganhando destaque ano após ano. No período foi firmado um contrato com a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos, para o fornecimento de cerca de 6.000 toneladas de aveia em grão, colaborando desta forma para a criação de um mercado interno promissor e evitando a evasão de divisas, pois essa forrageira convencionalmente é importada.

**Centro de Treinamento Cotrijuf** — os trabalhos realizados no CTC foram conduzidos dentro da filosofia

de diversificação da produção. Foram cultivados 93 hectares para a multiplicação de sementes básicas com culturas anuais. Na área de experimentação e pesquisa foram conduzidos 44 experimentos sobre forrageiras, fertilidade e conservação de solo e terminação de novilhos precoces. Na área de piscicultura foram introduzidas duas novas espécies, a nilótica e a carpa-espelho, com excelentes adaptações. Também nesta área tiveram continuidade os trabalhos de produção de alevinos para distribuição entre os associados, e a realização de 3 cursos procurando melhor orientar os piscicultores.

**Estação Meteorológica** — em convênio com a Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul e com o Ministério da Agricultura foram instaladas duas estações meteorológicas, no CTC e na unidade de Dom Pedrito.

**Ovinocultura** — o grande evento nesta área foi a introdução da tosquia australiana, que alcançou amplo sucesso. Este processo deverá ser ampliado significativamente no próximo período.

**INDÚSTRIA DE ÓLEO** — Industrializamos em nossas indústrias um volume de 60 mil e 952 toneladas de soja durante o período, contra um total de 45 mil 903 toneladas em 1979. A produção de farelo aumentou de 158 mil 775 toneladas em 1979 para 255 mil 056 toneladas. Para a Cotriexport, que importou soja em regime de draw-back, industrializamos 90 mil e 696 toneladas de grãos e mandamos industrializar por terceiros 38 mil 184 toneladas.

**INDÚSTRIA DE RAÇÕES** — Considerando-se a média mensal verificaremos que houve um acréscimo na produção. Se em 1979 produzimos uma média de 785,3 ton. no exercício em estudo a produção elevou-se para 847,3 ton./mês.

**CAPITAL SOCIAL** — Com a reinstauração da quota de capital sobre a soja na Região Pioneira e a correção monetária sobre o capital integralizado, constatamos um aumento de 151%, cujo valor passou de Cr\$ . . . . . 151.459.479,19 para Cr\$ 381.057.230,89. Destaque-se que neste total está incluída a Correção Monetária num montante de Cr\$ 34.633.541,04.

**DEPARTAMENTO DE CRÉDITO** — O sistema de financiamento repassado no exercício em exame cresceu em volume monetário, muito embora tenha havido um decréscimo em área e número de contratos. Por um lado houve uma redução na área de plantio do trigo. Por outro, alguns produtores passaram a ser financiados diretamente pelo banco e, outros resolveram plantar com recursos próprios. Contando com o apoio e o respaldo financeiro das instituições de crédito, foram repassados no exercício Cr\$ 1.883.926.532,15 para uma área de 216.053 hectares e um número de contratos que somou 13.387. No ano anterior haviam sido elaborados 19.286 contratos para uma área de 373.221 hectares num valor repassado de Cr\$ 1.318.684.000,00.

**QUADRO SOCIAL** — Apesar de apresentar um ritmo de crescimento mais lento, o quadro associativo da cooperativa continua em expansão com um aumento de 1.106 novos sócios. Com este ingresso, o corpo social passou a ser de 19.398.

**ATIVO FIXO** — Os investimentos restringiram-se àquelas obras essenciais e prioritárias. Tal política foi adotada em virtude das sucessivas frustrações de safras e a mudança da política financeira, que retirou a quase totalidade dos subsídios agrícolas. O percentual de crescimento, de 56% no ano de 79, baixou para 44% neste exercício.

**ABASTECIMENTO E CONSUMO** — De acordo com a filosofia de unir produtores e consumidores através da venda por intermédio da Cooperativa, bem como a venda de insumos com preços compatíveis, visando minimizar os custos de produção e consumo, o setor vem apresentando um apreciável crescimento. Com uma estrutura melhor adequada e expandindo o número de lojas e supermercados, procura-se chegar cada vez mais perto do corpo social para reduzir seus gastos na aquisição de bens de consumo e produção. As vendas do ano anterior somaram Cr\$ 1.084.298.000,00 ao passo que no exercício em apresentação aumentaram para Cr\$ . . . . . 2.365.392.195,00 resultando um acréscimo de 118%.

**QUADRO FUNCIONAL** — Em que pese as crescentes necessidades da estrutura organizacional e a diversificação da produção, conseguimos reduzir o aumento

do quadro funcional através de um remanejamento e reestruturação administrativa. Se no ano anterior ocorreu um aumento de 566 funcionários, no exercício que encerramos foram admitidos somente 299 novos empregados.

**ASSISTÊNCIA SOCIAL** — Foram renovados os convênios com as UNIMEDs de Ijuí, Dom Pedrito no RS e Dourados no Mato Grosso do Sul, no sentido de melhor atender aos associados, dependentes e funcionários e dependentes. Por solicitação dos próprios associados a Cooperativa, ampliou seu atendimento médico Hospitalar. Adquiriu, em Ijuí, o prédio do Motel Rian para implantação de uma Casa de Saúde que está em fase de acabamento e disporá de 40 leitos. Em obras a ampliação em mais 34 leitos, no Hospital Bom Pastor em Santo Augusto. Também está sendo concluída a tramitação dos papéis de doações espontâneas dos Hospitais Coronel Dico e de Coronel Barros com 38 leitos e Vila Jóia com 13 leitos, para a nossa Cooperativa.

**COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO** — As principais atividades desenvolvidas por este setor durante o exercício, foram:

a) Com associados:

1 — Estrutura do Poder — Discussão e aprofundamento sobre o tema, culminando com a segunda eleição dos Representantes.

2 — Assessoria sobre o Confisco da Soja — A equipe de Comunicação e Educação prestou assessoria aos Sindicatos de nossa área, bem como à Comissão de Agricultores, prestando informações técnicas.

3 — Saúde-Previdência — Se procurou encaminhar reivindicações dos produtores e assessorar os Sindicatos sobre o encaminhamento das questões levantadas, especialmente referentes à Cooperativa.

b) Atividades de Integração — Participação em diversas reuniões com o Departamento Técnico, Ceca e IEP, no sentido de definir atribuições das instituições e setores envolvidos no trabalho.

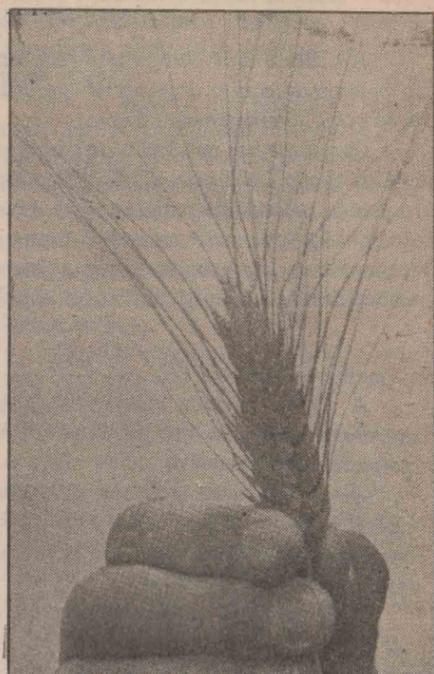
c) Atividades com Senhoras e Filhas de Associados — Trabalho desenvolvido junto a 37 núcleos na região Pioneira onde foram desenvolvidas as seguintes atividades: Preparo e conservação de alimentos, higiene e saúde, educação e assuntos referentes a Cooperativa.

d) Seminário com Funcionários — No decorrer do exercício foram realizados 10 Seminários com funcionários.

**CONCLUSÃO** — Contando com a progressiva e decidida participação do nosso quadro associativo, principalmente na busca da institucionalização da estrutura do Poder, e em que pese as elevadas dificuldades financeiras por que passa o nosso país, conseguimos manter um dinâmico desenvolvimento para atendermos os nossos associados dentro daquelas necessidades básicas. Seja através dos Conselhos de Produtores, seja pela participação efetiva dos Representantes ou ainda pela entrega de seus produtos na cooperativa, o quadro social vem, paulatinamente, crescendo na cooperação e no entendimento da filosofia que rege o cooperativismo. Nestes quase 24 anos de existência muito foi feito e estamos conscientes de que muito ainda há por fazer. No entanto, devemos sempre nos adaptar às contingências das mutações sócio-econômicas e políticas do país e, porque não dizer, internacionais. Justamente nestes momentos de crise e de dificuldades para o sistema é que aparecem os atravessadores e exploradores que, aproveitando-se da situação econômica precária dos produtores, procuram adquirir o fruto de seu trabalho a preços incompatíveis como a realidade. Já ficou provado cabalmente em diversas ocasiões de que nossa força reside na nossa união. É necessário portanto, que nos mantenhamos cada vez mais coesos na defesa de nossos próprios interesses.

Ao encerrarmos este relatório, a par dos nossos agradecimentos ao quadro social e funcionários, pela sua dedicação e colaboração em prol do desenvolvimento de nossa Cooperativa, desejamos expressar o nosso reconhecimento às autoridades federais, estaduais e municipais, aos estabelecimentos de crédito oficiais, particulares e de economia mista, aos nossos clientes e fornecedores, esperando contar com todos na continuidade de nossa jornada.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



# E AGORA, PLANTAR O QUÊ?

"Quem de nós, de sua consciência, pode dizer ao agricultor para plantar isto ou aquilo? Quem de nós terá força para dizer ao agricultor que não plante trigo se existir crédito fácil para esta cultura, enquanto para as outras existir dificuldade de financiamento?"

A colocação, que surge mais como um verdadeiro desabafo, é do agrônomo Paulo Roberto da Silva, gerente do Departamento de Planejamento e Projetos da Cotrijuí. E é uma colocação que não é apenas dele, mas de praticamente todos os integrantes do Departamento Técnico da Cooperativa. Suas palavras surgiram durante uma reunião de vários técnicos com o Cotrijornal. Nesta reunião nós pretendíamos definir melhor o conteúdo da matéria que estamos publicando sobre as opções que existem para culturas de inverno. Afinal, o que pode o agricultor plantar com uma certa margem de segurança? Trigo? Aveia? Centeio? Cevada? Colza? Linhaça? Alho? A cada ano, quando se aproxima a época de plantio, a mesma pergunta está na cabeça da grande parte dos produtores.

Na verdade, os técnicos estão se posicionando contra este tipo de pensamento. É bem como diz o João Valmir Cezimbra Lopes, coordenador do projeto de Contabilidade Agrícola da Cooperativa:

— Temos que ver a propriedade como um todo e não fazer um planejamento de inverno ou de verão. E isto nós fizemos até agora, analisando inclusive o resultado das safras de verão e de inverno, planejando as safras de verão e de inverno.

## PLANEJAMENTO

O Paulo Roberto complementa, dizendo que o que se pretende não é es-

tabelecer um planejamento por culturas, mas sim um planejamento por propriedade. Já o Renato Borges de Medeiros, diretor-técnico da Cooperativa, explica um pouco mais, afirmando que passou a época de procurarmos culturas alternativas para o inverno:

— Devemos procurar culturas que nos ajudem a ocupar a terra no inverno, que componham um sistema de produção.

O Luiz Volney de Matto Viau, o agrônomo que mais está envolvido com a introdução da colza na região da Cotrijuí, também faz uma colocação para clarear melhor o assunto:

— Não se procura culturas substitutivas para o inverno, mesmo porque se nós achássemos esta cultura, não seria recomendável apenas o seu plantio. Com isto estaríamos apenas implantando uma nova monocultura, e daqui algum tempo estaríamos discutindo o mesmo assunto. Mesmo a colza não é uma cultura para substituir qualquer outra planta desta época. Ela deverá ocupar um espaço, mas no máximo de 20 por cento de qualquer propriedade. Deverá existir um espaço para ela. Mas também não só para ela e nem em todas as propriedades.

## EROSÃO

Para Renato a grande luta dos técnicos, em conjunto com os agricultores, será controlar a erosão do solo. E este problema não será superado apenas com o plantio de uma cultura que apresente — o que tem se mostrado difícil — bons resultados na lavoura. O controle da erosão, segundo ele, vai depender de um sistema integrado de produção. E o que é este sistema integrado?

— É se adotar métodos que aumentem a potencialidade de produção na

propriedade. Um sistema que esteja integrado ao meio-ambiente e ao homem.

Como exemplo, o Renato fala da necessidade urgente de se adotar a rotação de culturas, ocupando uma boa parte da propriedade com pastagens. O caso, como ele conta, é que todos nós nos acostumamos a pensar em duas safras por ano: soja no verão, trigo no inverno. E há até quem esteja pensando em fazer três safras na mesma terra: milho, soja e trigo. Isto é explorar de uma maneira muito brutal o solo, esperando, no menor espaço de tempo possível, conseguir a maior renda possível. Neste ponto, o Renato lembra uma experiência que ele observou na Austrália, onde esteve estudando por quase dois anos:

— Lá os produtores plantam dois anos de trigo e deixam a terra coberta com pastagens por outros dois anos. Este sistema de produção é o resultado de uma pesquisa séria, integrada ao meio, e que tem mostrado resultados muito positivos.

## UM MESMO RUMO

Existe um outro ponto que também merece bastante atenção. De nada adianta, por exemplo, existir uma cultura que seja uma alternativa para a lavoura. É preciso que tudo caminhe visando a mesma coisa, tanto a pesquisa, como o crédito, a assistência técnica e até mesmo a procura de mercado. Do que serve uma cultura ter mercado se não tiver bons resultados na lavoura? E de outro lado, o que adianta ser uma alternativa agrônômica, isto é, que apresente bons rendimentos, se não existe como comercializá-la? Isto sem contar o aspecto do crédito, que da maneira como vem sendo distribuído entre os produtores, tem proporcionado o plantio de culturas que o próprio meio ambiente não tem mais condições de permitir um resultado satisfatório.

O certo é que os anos estão demonstrando que a produção de grãos —

trigo, aveia, centeio, cevada, linhaça, etc — não tem sido muito feliz em boa parte do território do Rio Grande do Sul. Mais frustra a produção do que dá. Ao mesmo tempo, os produtores já estão acostumados a observar que não existe problema nenhum na produção de massa verde durante o inverno. Até a fase de espigamento a lavoura está bonita, bem crescida. A partir daí, o tempo não tem ajudado a produção.

## TENDÊNCIA

É por esta razão que os técnicos estão enxergando uma tendência, que promete ser uma saída para esta situação: reduzir a produção de grãos, que ficaria restrita a pequenas áreas, e aumentar o plantio de pastagem. Desta forma, as propriedades teriam melhores condições de produzir leite, ou carne, tanto de porco, como de gado, como de galinha ou de peixe.

É claro que esta mudança não vai acontecer de uma hora para a outra. E nem obedecerá os mesmos passos em todas as propriedades. Dentro de características próprias, do homem e da propriedade, serão buscadas estas alternativas. Primeiro, é claro, grande parte dos produtores precisarão terminar de pagar as dívidas que a produção de grãos esteve trazendo durante estes anos todos. Num curto espaço de tempo será o próprio grão quem pagará estas contas. Mas nem por isto se deveria deixar de iniciar a mudança na propriedade. Sem grandes investimentos, sem maiores sofisticações.

Se todo um sistema de produção tem conduzido até hoje a este estado de coisas — que parece ter deixado os produtores num beco sem saída — nada impede que a busca de mudanças não comece a acontecer. Quem sabe já neste inverno.

# COLZA

A colza é uma das culturas que mais interesse tem despertado entre os produtores. A previsão, pela disponibilidade de semente, é que sejam cultivados 50 mil hectares nesta safra, em todo Rio Grande do Sul. É uma considerável ampliação na área de cultivo, que atingiu no ano passado 2 mil hectares.

O preço fixado para a colza é de Cr\$ 1.672,00 o saco. Este valor também é considerado em todos os cálculos de custeio para a formação da lavoura.

O mais difícil no cultivo da colza é o manejo da lavoura, ainda não bem esclarecido pela pesquisa. É uma cultura em experiência e, por isto, a recomendação é que a lavoura não ultrapasse 20 por cento da área de qualquer propriedade.

A Colza é uma cultura que vem sendo pesquisada com o objetivo de sua utilização como alternativa de inverno.

Com base nos resultados de pesquisas obtidos desde 1974 pela COTRIJUI, pelos resultados oficiais de pesquisa e na experiência adquirida pela assistência técnica, foram elaboradas as recomendações para o cultivo dessa oleaginosa em nossa região.

## 1. Escolha da Área:

A Colza prefere solos profundos, bem drenados e com boa fertilidade. Não tolera solos mal drenados.

Áreas infestadas com invasoras devem ser evitadas, pois a Colza é sensível à competição com estas ervas nos primeiros estágios de desenvolvimento.

Recomenda-se seguir as determinações da análise de solo para elevar o pH para a faixa de 5,5-6,0. Também deverá ser elevado o nível de fertilidade, com a aplicação de fósforo e potássio, seguindo as mesmas recomendações feitas para a soja.

## 2. Preparo do Solo:

Devido ao pequeno tamanho da semente, o solo deverá estar bem preparado para proporcionar uma boa germinação. Deve-se evitar a semeadura da Colza em solos compactados, pois isto dificultará o desenvolvimento do sistema radicular da planta.

No momento do plantio o solo deverá ter um bom teor de umidade para favorecer a germinação uniforme da semente.

## 3. Adubação:

Para o cultivo em solos corrigidos, recomenda-se a seguinte adubação:

Aplicação na base de 250 kg/ha de uma fórmula com alta quantidade de fósforo, em virtude da Colza ser exigente quanto a este nutriente.

Para um bom desenvolvimento da lavoura recomenda-se a aplicação de 60 kg de uréia por hectare.

## 4. Semeadura:

A Colza deve ser semeada preferencialmente de 15 de maio até 15 de junho, empregando-se 5 a 7 kg de sementes por hectare.

O espaçamento entre fileiras de 18 centímetros tem proporcionado os melhores resultados.

A semeadura deve ser realizada o mais superficial possível, ficando a semente coberta por uma camada de terra de aproximadamente 1 centímetro.

A semeadura pode ser realizada com

a mesma semeadeira utilizada para o plantio do trigo.

Para aumentar o volume a ser semeado, pode ser misturado fosfato natural ou adubo na proporção de 1 kg de semente para 3 kg de adubo, dependendo do tipo de semeadeira.

No momento do plantio há necessidade de um operador permanecer mexendo a mistura (semente + adubo) para se obter uma boa distribuição da semente na lavoura.

Esta operação deve ser feita com um pedaço de pau ou com a própria mão.

## 5. Controle de Plantas Daninhas:

O produtor deverá evitar cultivar Colza em áreas muito inçadas, pois não se tem informações sobre o emprego de herbicidas no controle de ervas daninhas em lavouras de Colza. Em áreas com grande infestação de nabiça, deve ser evitado o seu cultivo quando não se tiver condições de eliminar esta planta daninha manualmente.

## 6. Controle de Pragas e Moléstias:

Tem-se observado a ocorrência de lagartas e pulgão na cultura da Colza.

Observar a incidência de inimigos naturais que auxiliam no controle dessas pragas. Quando houver necessidade de controle químico, observar as recomendações sobre manejo integrado de pragas, utilizando produtos de baixa toxicidade para abelhas e inimigos naturais.

Uma planejada rotação de culturas, aliada ao emprego de sementes de boa procedência, auxilia no controle das moléstias.

## 7. Colheita:

A maturação da Colza ocorre nos meses de outubro e novembro. Como os fru-



A recomendação é que se plante colza num máximo de 20 por cento da propriedade

# Aprender o manejo

Na safra passada foi a primeira vez que Ari Maffi, proprietário de 110 hectares em Braga, plantou colza. Ele gostou dos resultados da lavoura, muito melhores do que os do trigo. Mesmo assim acha que não dá para arriscar o plantio em áreas muito grandes. Ari explica porque tem esta opinião:

— A colza é um pouco prejudicial para a soja, que atrasa um pouco a planta. Primeiro demoramos para regular a semeadeira e depois eu tive problemas de inço e me incomodei bastante com isto. Mesmo gradeando mais uma vez a terra,

pois tive que replantar a área onde tinha plantado soja, inçou de novo a colza. Com plantio direto pode melhorar. Outro problema é que a colza é de debulha fácil e precisa máquina boa para colher, pois seca a vagem e a palha ainda está verde.

Apesar de todos estes atrapalhos que encontrou na cultura, o seu Ari planta colza de novo este ano:

— Mesmo que o trigo desse bem no ano passado, coisa de uns 20 e poucos hectares, a colza ainda renderia mais. A diferença é que o trigo pode ser plantado mais no cedo. A colza me deu um custo de Cr\$ 50 mil de financiamento, o que é bem mais barato que o custo do trigo. Vai menos semente por hectare e não foi preciso aplicar nada, enquanto no trigo bateu fede-fede. Não se notou geadas, praga em nada. Mas também minha lavoura fica num dos lugares mais altos de Braga. Deu para colher 197 sacos líquidos num 8,5 a 9 hectares de planta.

O seu Ari é da opinião de que o melhor é ir trocando de cultura a cada ano, fazendo uma rotação na terra e experimentando as opções que se tem para a lavoura. Os problemas da colza, por exemplo, ele pensa que com o tempo podem ser superados. É só uma questão de conhecer melhor a cultura, testando práticas diferentes, aprendendo melhor seu manejo.

tos da Colza quando maduros se abrem com facilidade, provocando a debulha das sementes, a colheita se apresenta como a operação mais importante no cultivo dessa oleaginosa. É fundamental conhecer o ponto de colheita para evitar perdas que poderão ser acentuadas, comprometendo os rendimentos.

Recomendamos iniciar a colheita quando os frutos da parte superior da planta começarem a apresentar debulha natural. A Colza não deve ser colhida com teores acima de 20% de umidade. Abaixo de 10% de umidade as perdas são muito grandes.

## Regulagem da Máquina:

a) Regulagem do Molinete: velocidade do molinete a menor possível e em posição alta.

b) Cilindro: a rotação do cilindro deve ser inferior a usada para colheita de soja.

c) Ventilador: como a Colza é um produto muito leve, deve-se usar o mínimo possível de rotação no ventilador.

## 8. Armazenamento:

A Colza não deve ser armazenada com teores acima de 9,5% de umidade, para evitar o aquecimento da massa de grãos, ocasionando queima das sementes reduzindo o teor de óleo. Logo, toda a Colza com teor de umidade superior a 9,5% deve ser imediatamente secada e ventilada. No caso de produto destinado a semente a temperatura do secador não deverá exceder a 35°C.

## 9. Manejo do Solo Após a Colheita da Colza:

Para que a Colza não se transforme numa planta daninha de outras culturas, recomenda-se movimentar o solo após a germinação das sementes que caíram ao solo por ocasião da colheita. O ideal seria realizar esta operação alguns dias após uma chuva.

## 10. Rotação de Cultura:

A Colza poderá ser repetida na mesma área de cultivo somente após um intervalo mínimo de 3 (três) anos. Outras espécies, dentro de um bem planejado sistema de rotação de culturas, deverão ocupar a área durante este intervalo.

## 11. Assistência Técnica:

Considerando que a Colza é uma cultura nova em nossa região, há necessidade de uma efetiva assistência técnica aos produtores que irão cultivar essa oleaginosa.

Para os produtores com experiência da cultura, recomendamos que a área cultivada não deva ultrapassar aos 20% do total da área agricultável de sua propriedade.

Este artigo é do agrônomo Luiz Volney de Mattos Viau, do Departamento Técnico da Cotrijui.

# AVEIA

O plantio de aveia para a produção de grãos é uma coisa recente na região da Cotrijuí. A primeira vez em que isto aconteceu foi no ano passado, quando a Cooperativa fechou um contrato para o fornecimento de produto com a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos. A produção de semente também vinha acontecendo em pequena escala. Desta forma, as informações que se tem sobre o comportamento da cultura são ainda restritas.

As aveias branca e amarela podem ser cultivadas tanto para o pastoreio como para a produção de grãos. Já a aveia preta não tem mercado para grão. As variedades mais conhecidas são a Suregrain e Epecoen (branca); Coronado e Estanzuela 1095 A (amarela) e Comum RS e Argentina (preta). Na produção de grãos da safra passada, os melhores resultados foram obtidos com o plantio da amarela Coronado e da branca Suregrain.

A época de plantio vai de 15 de abril a 15 de julho. Se a intenção é permitir também pastoreio, o plantio deve ser mais no cedo. Para a produção de semente recomenda-se um plantio mais tardio. As quantidades de semente são de 80 quilos por hectare nos casos de aveia branca ou amarela, e 60 a 70 quilos para aveia preta.

Normalmente esta planta, em função de ventos e chuvas, sofre acamamento. É por isto que os técnicos recomendam um ou dois pastoreios

controlados antes de se fazer a colheita do grão. Os animais devem ser retirados da pastagem quando a planta ficar com 10 ou 15 centímetros de altura, aproximadamente no final do mês de agosto.

Em função do acamamento, muitos produtores usam o mínimo de adubo, mesmo que a potencialidade da planta fique bastante aumentado com adubações semelhantes às realizadas na lavoura de trigo.

A produção de sementes chega a 800 quilos por hectare na aveia preta. A aveia branca e amarela produzem normalmente em torno de 1.000 quilos por hectare. Em anos com clima favorável e adubação conveniente, a produção pode chegar até 3.000 quilos. Quando destinada unicamente a pastoreio, as aveias brancas e amarela produzem de 20 a 30 toneladas de massa verde por hectare. A aveia preta produz de 15 a 25 toneladas. Quando destinadas, além de pastoreio, à produção de grãos, a massa verde fica reduzida pela metade.

Suas exigências de solo e clima são muito semelhantes às do trigo. O peso específico mínimo, exigido para comercialização, é de pH 50. A aveia tem preço mínimo de Cr\$ 21,06 o quilo para este específico de 50.

O mercado para grãos é uma realidade, ainda mais quando se sabe que o Brasil importa grande parte do quilo que é consumido internamente. O maior problema é qualidade do grão, inferior ao produzido no exterior, especialmente o da Argentina.

# LINHAÇA



Aos poucos estão voltando as lavouras de linhaça

Há anos atrás a linhaça foi uma planta muito cultivada no Rio Grande do Sul. Sua cultura foi abandonada com o ressurgimento do trigo, e também por diversos problemas de moléstias. Agora, aos poucos, estão sendo refeitas algumas lavouras de linhaça, com relativa facilidade de colocação no mercado. É natural que se a oferta do produto for grande, a tendência é tornar mais difícil a comercialização e, conseqüentemente, reduzir o preço. No ano passado, o saco da linhaça recebeu um adiantamento de Cr\$ 1.500,00 na Cotrijuí.

A pesquisa, segundo informa-

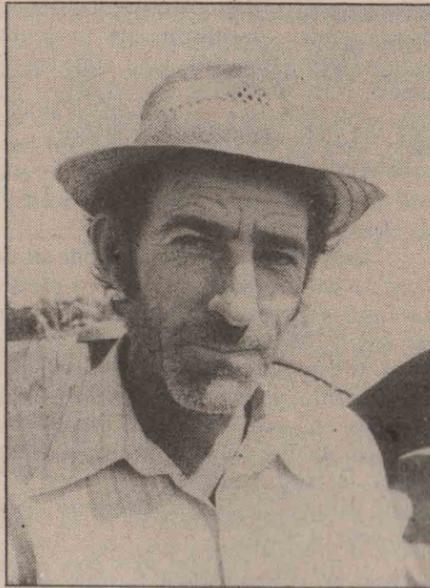
ções da Embrapa — Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — recomenda a rotação mínima de três anos com outras forrageiras de inverno, já que a linhaça pode enfrentar problemas com doenças fúngicas.

O preparo da terra para o plantio da linhaça é semelhante ao do trigo. A época de plantio é o mês de junho, com a utilização de 40 a 50 quilos de semente por hectare. A adubação recomendada pela Embrapa é de 200 quilos por hectare da fórmula 8-28-20. A produtividade média se mantém em torno de 900 quilos por hectare.

## O problema é qualidade

Até o ano passado o seu Albino Saggin, de Esquina Chiusa — em Santo Augusto — só plantava aveia para pastagem, colhendo apenas o suficiente para garantir semente para a safra seguinte. Ano passado, porém, ele foi um dos muitos produtores que plantou aveia visando comercializar o grão. Sua propriedade, de 80 hectares, é quase toda própria para trabalhar com máquina.

De 30 hectares de planta, dividido entre as variedades Epecoen (aveia branca) e Coronado (aveia amarela), deu para co-



lher perto de 30 toneladas. Só da Coronado ele tirou 12 mil quilos de 20 sacos de planta. Seu Albino é quem conta:

— A Coronado foi que produziu melhor. A Epecoen, mesmo dando em quantidade, teve pH muito ruim, pagando então só Cr\$ 5,00 o quilo.

Ele plantou esta aveia em áreas onde o trigo tinha problema de mal-do-pé, uma doença que não afeta a aveia. Para ele, que tinha mais experiência com a variedade Epecoen e aveias comuns — usadas unicamente para pastagem — esta é uma planta que não gosta muito de tempo de chuva:

— A aveia é um problema maior quase que o trigo quando o tempo é de chuva. Agora, se corre seco, pode dar uma boa safra. Em ano que dá normal, paga a pena plantar aveia. É planta que uso pouco adubo e dá bom rendimento. Sou da opinião que se é para plantar trigo em terra que tem problema, então é melhor plantar aveia.

Negócio de planta de inverno é uma coisa que não está nada fácil, conclui o seu Albino:

— A gente até não sabe o que vai fazer. Não sendo esta aveia, o que é que o cara vai plantar? A colza, por exemplo, a gente aqui não conhece muito. Já vi alguma lavoura e fiquei também em dúvida. De aveia, acho que não dá para arriscar plantar a área toda. Mas até a metade da área dá para pensar.

## A despesa não é alta

Os cunhados Armindo Holzer e Milton Brudna, proprietários de 280 hectares na região de Mauá, em Ijuí, não têm o que se queixar do plantio de linhaça que fizeram dois anos seguidos. O Armindo é quem conta:

— A lavoura vale pela despesa que não é tão alta. Só usamos a semente e o combustível para preparar a terra. A linhaça não precisa de terra muito forte, mesmo que adubando dizem que produz mais ainda. Nós plantamos linhaça por duas razões: o trigo não dá mais e tam-

bém para se fazer uma rotação de culturas, que diz que ela elimina doenças da terra.

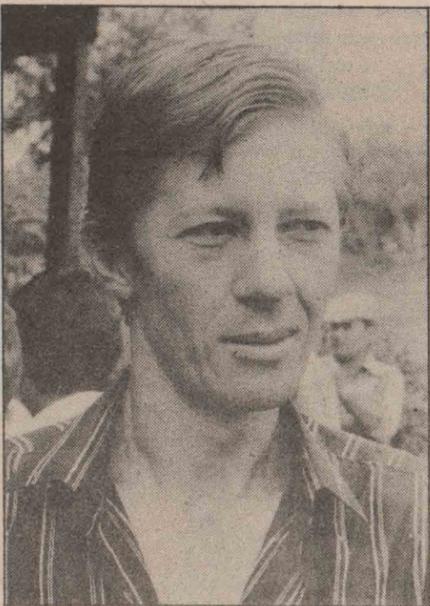
Na safra passada os dois cunhados semearam 80 hectares de linhaça — isto ainda considerando uma área plantada na lavoura do pai de Armindo. A colheita deu em média 18 sacos por um de planta. No ano de 79 eles tinham plantado 40 sacos, colhendo no final 400 sacos de produto.

Além da linhaça eles também plantaram no ano passado, um pouco de trigo e de sorgo granífero. Para a próxima safra eles já andam pensando em repetir a linhaça, plantar também um pouco de aveia e talvez uns 30 hectares de trigo. Fala o Armindo:

— Tudo vai depender dos valores de custeio. Estamos aguardando o VBC para ver se plantamos mesmo o trigo.

Da linhaça o Armindo ainda conta que mesmo não sendo muito boas as perspectivas de comercialização para este ano — pelo menos são as informações que ele tem recebido — é uma cultura que não corre tanto risco de frustrar com o clima:

— Dizem os mais antigos que nos anos em que chove muito ela não dá tão bem. Mas como não dá também muita despesa a gente também não corre tanto risco no inverno. O caso é que tudo, a gente vê, tem problemas de clima. Aqui se precisa achar outras maneiras de ocupar a terra.



# TREMOÇO

A grande finalidade do tremoço está na incorporação de sua massa verde para adubação. Algumas variedades melhoradas — chamadas de doce — são usadas na alimentação humana e animal. A Cotrijuí está desenvolvendo experiência no Centro de Treinamento com estes tremoços doces, que ainda não têm semente à disposição para comercializar. As variedades atualmente existentes contêm um tóxico que não permite seu uso na alimentação.

As espécies em cultivo são de tremoço branco e amarelo. O tremoço azul, bastante cultivado em regiões do Peru, também está recentemente sendo testado. A época de plantio vai de 15 de abril até junho. Pode ser ainda plantado em julho, mas isto atrasará o plantio do milho e da soja.

A recomendação é que se use para o branco 60 quilos de semente por hectare quando a finalidade é produção de grãos, mantendo um espaçamento de 80 centímetros entre plantas. Para incorporação, usar 80 quilos e espaçamento de 50 centímetros. Do amarelo, usar 30 quilos no caso de semente e 40 quilos para adubação com espaçamentos idênticos ao do tremoço branco. Neste ponto, o Rivaldo Dhein, agrônomo da Cooperativa, faz uma observação:

— É temeroso aumentarmos a produção de semente de tremoço por um problema de mercado. Ano passado a Cooperativa recebeu 900 toneladas de semente, que foram colocadas no Paraná e em outras cooperativas da região. Para este ano mais gente estará produzindo semente e, portanto, o mercado estará reduzido.

A sugestão do Rivaldo é que cada produtor destine apenas uma pequena área para a produção de semente, pois do contrário a Cooperativa não conseguirá absorver toda produção.

Uma prática recomendada pelos técnicos é a inoculação da semente, o que pode aumentar em até 90 por cento — segun-

do dados da pesquisa — a produção de massa verde.

A maioria dos produtores usa o mínimo de adubação, ou até nem usa. Já o Rivaldo recomenda a aplicação de quantidades de adubo semelhantes às do trigo, o que aumenta bastante a produtividade da planta:

— Há também um aspecto no tremoço, que muita gente desconhece. O único enriquecimento em termos de nutrientes, que ele traz ao solo é o Nitrogênio que absorve do ar. Isto porque ele é uma leguminosa — como a soja — e tem em suas raízes umas bactérias que têm a propriedade de absorver o Nitrogênio. Ele traz também das camadas mais superficiais, os nutrientes (como fósforo e potássio) que estão em camadas mais profundas, colocando-os em disponibilidade para outras plantas. Na verdade, além do Nitrogênio, o tremoço nada mais faz do que devolver ao solo o que retirou do solo. E esta é a grande propriedade da adubação verde.

Uma observação que não pode ser esquecida pelos produtores é que o plantio sucessivo de tremoço e soja trará mais cedo ou mais tarde, problema para uma das culturas. É que as duas são leguminosas, sujeitas, portanto, aos mesmos tipos de doenças e pragas. A recomendação é não plantar por mais de dois anos soja em cima de tremoço. O ideal é plantar milho, que será muito enriquecido com o Nitrogênio absorvido pelo tremoço.

O tremoço também sofre com a geada. O tempo muito úmido favorece o aparecimento de pragas — como a broca, trips e broca das axilas — que podem ser controladas com a aplicação de inseticidas. Já uma doença, ainda não bem identificada pelos técnicos, pode também limitar a produção. Acredita-se que ela seja transmitida por restos de cultura e pela semente, o que deve obrigar o tratamento desta semente antes do plantio.

# CENTEIO

A produção de centeio tem sido pouco expressiva na região onde atua a Cotrijuí. As áreas cultivadas são destinadas principalmente para pastagens ou produção de semente. O mercado para grãos, por sinal, é bastante pequeno. Isto mesmo sendo o centeio um produto que pode ser destinado tanto ao consumo humano como animal.

Mesmo no caso do pastoreio, os produtores preferem o cultivo da aveia, apesar do centeio ser uma planta mais rústica e mais resistente aos desastres do clima do que a própria aveia, o trigo ou a cevada. Uma das variedades mais cultivadas, chamada Crioula, é plantada há vários anos no Rio Grande do Sul, e já conseguiu se adaptar razoavelmente bem ao clima. As outras variedades existentes são a Abruzzi e a Dom Henrique Inta. Esta última variedade é a que mais problemas tem apresentado. Em anos ruins — com muita chuva e geada — ela não produz praticamente nada.

A época de plantio vai de 15 de maio a 15 de junho. Seu desenvolvimento é um pouco mais precoce que o da aveia, podendo também ser aproveitada tanto para o pastoreio como para a produção de grãos. Quando a área se destinar à produção de grãos, recomenda-se o plantio um pouco mais tarde. Isto porque, como explica o agrônomo Rivaldo Dhein, quanto mais tempo a planta permanecer no solo, maiores são os riscos



que ela corre. E isto vale não só para o centeio, mas também para a aveia, cevada, trigo, etc.

Para a produção de grãos recomenda-se o plantio de 60 quilos de semente por hectare. Já para o pastoreio, a quantidade de semente é maior: cerca de 80 quilos por hectare. Como adubação o ideal é empregar quantias semelhantes ao trigo, em torno de 250 quilos por hectare.

O rendimento de grãos varia em torno de 1.000 quilos por hectare, podendo chegar até 1.500 quilos. A massa verde do centeio pode alcançar de 15 a 25 toneladas por hectare.

O preço mínimo do centeio é Cr\$ 21,06 o quilo.

## Recuperar terra doente

No tempo em que não se conhecia máquina, e que todo trabalho da lavoura era feito com o boi, o seu Eugênio Wagner, de Maurício Cardoso, em Chiapetta, já plantava tremoço. Depois enterrava para melhorar a terra onde iria plantar batata-doce, batatinha. O seu Eugênio lembra que o adubo químico fez os agricultores esquecerem do tremoço, pois era muito mais fácil aplicar o adubo, sem contar que também os resultados apareciam mais ligeiros. Ele foi um dos muitos agricultores que, por esta razão deixou de lado o tremoço.

Há dois anos, porém, ele se deu conta de que a terra está muito doente:

— Tanto adubo químico só pode ter feito mal. E na careza que ele está, o agricultor não tem mais condições de comprar. E tem ainda os juros, que são muito altos, e depois da gente pagar o custo da planta sobra muito pouco ou até nada.

Foi assim que ele resolveu plantar tremoço outra vez, pensando em recuperar a terra. E diz mais:

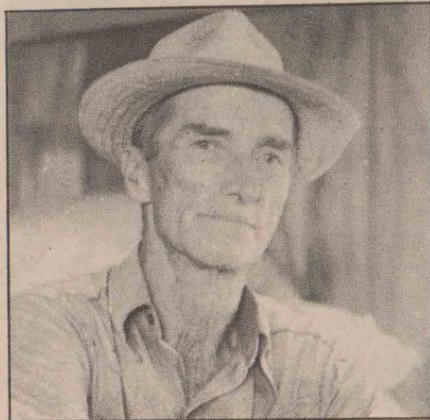
— Cada um devia plantar o tremoço, que depois de bem enterrado evita erosão, recupera o solo, e a água não corre tão fácil.

Seu Eugênio até já sentiu os resultados deste trabalho: onde tinha plantado tremoço a planta não sentiu tanto os efeitos da seca, além de ter nascido mais vi-

çosa, verde e resistente, como nas áreas onde não tinha tremoço. Ele tem plantado pouco — 3 hectares dos 44 de sua propriedade — isto porque no primeiro ano de plantio foi difícil de achar semente:

— No ano passado eu plantei um pouco cedo demais e com isto a planta não produziu também muita semente. Plantei em maio e colhi só 30 sacos. Quem plantou mais tarde, lá por junho, teve mais sorte.

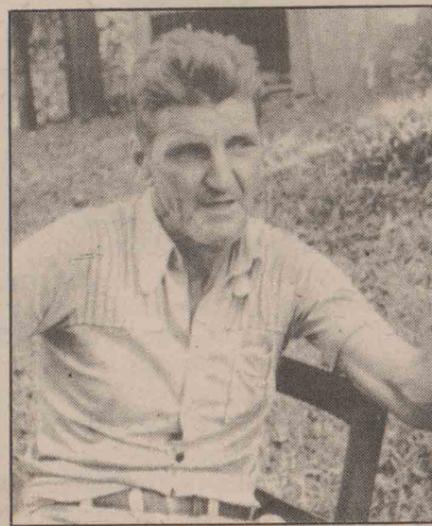
Este ano ele vai plantar estes 30 sacos de semente, com a intenção de incorporar quase toda área. Só um pequeno trecho ele pretende deixar para a produção de semente própria.



## É a planta mais rústica

O centeio é uma planta que o seu Ano Reinaldo Schwabb cultivava há tempos. Ele tem 67 hectares de terra na localidade de Águas Brancas, no município de Braga, onde está adotando o sistema de plantar quase que só para o consumo da família e da criação. Então ele planta centeio, aveia e azevém para o pastoreio das vacas e um pouco de trigo.

Até hoje, como ele conta, sempre plantou um pouco mais de trigo. Agora,



porém, depois de cinco anos seguidos de frustração, não quer nem saber mais de conversa. Vai plantar só uma bolsa para o gasto.

O centeio é uma planta que ele planta cada ano um pouco. Tem vez em que colhe bastante e, em outras, não tira nem a semente:

— Quando o tempo ajuda ela rende bem e dá gráuda. Esta última safra eu plantei duas faixas, com mais ou menos 2 sacos. O centeio veio bonito, mas choveu muito na época da floração. Depois estiou e o grão meio chochou. Mesmo assim deu relativamente bem, se colheu uns 45 sacos.

Seu Ano nunca vendeu o centeio. Um pouco ele deixa para o gasto da casa (para o pão), outro tanto para semente e grande parte para misturar na ração dos animais. É ele quem conta:

— Já tive muitas vezes pensando que se tivesse outras culturas além do trigo, do centeio e estas todas que se conhece, podia ser melhor. Mas no inverno nada dá seguro. Estamos agora experimentando produzir mais leite, que é uma opção. Também seria outra coisa de se fazer engordar uns terneiros, mas também não muitos, que não se está aparelhado.

## Regula com o trigo

Mesmo sendo a cevada uma planta mais cheia de problemas que o trigo, o seu Claudionor Nogara, de Formigueiro, em Augusto Pestana, tem encontrado mais compensação no plantio da cevada do que no próprio trigo.

Há anos que o seu Claudionor tem plantado cevada nos seus 150 hectares de terra. Só num ano — há duas safras atrás — ele plantou financiado:

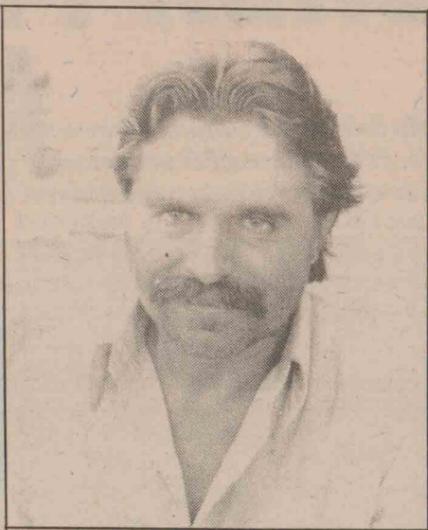
— Naquele ano não deu nada. Nem cevada, nem trigo, nem nada. Pesteou tudo. Ano passado, em 10 hectares de planta, consegui colher 10 sacos por um, um resultado melhor que o do trigo.

O que não ajuda na cevada, segundo ele, é o preço. Recebeu Cr\$ 6,00 de adiantamento, o que não paga a despesa da planta. Ele está esperando a liquidação do produto, pois só com estes Cr\$ 6,00 se fosse para pagar despesas de frete e de máquina não iria sobrar nada daquilo que conseguiu colher.

O único problema que até hoje ele sentiu na cevada foi o de geada, que liquida com tudo. No mais, tem compensado mais que o trigo, pois nunca precisou pulverizar contra praga nenhuma. É uma planta que regula bastante com o trigo, conforme ele conta, pois “só é um pouquinho mais ligeira, tendo uma diferença de poucos dias prá completar o amadurecimento”.

Seu Claudionor acha que o melhor é o agricultor plantar de tudo um pouco, “pois se um não dá o outro pode se salvar um pouco”. Ele, por exemplo, plantou no ano passado além do trigo e da cevada um pouco de aveia, de azevém e de linhaça. O melhor resultado, segundo ele, foi o do azevém:

— Em produção deu 30 sacos de 25 quilos por hectare, com um adiantamento de Cr\$ 16,00 por quilo. O segundo me-



lhor resultado foi a aveia, que plantei a amarela Coronado e deu para colher 20 por hectare.

Este ano ele pensa em reduzir o plantio do trigo e não plantar a linhaça. Mesmo rendendo bastante — na base de 25 sacos por um de planta — deu algum problema na colheita: “ela enleia muito na máquina.”

“O caso”, como ele conta, “é que o produto, qualquer um, não dá mais como primeiro. O inverno mudou bastante e nada mais produz direito. No meu ver também não está certo este crédito que faz plantar. No meu ver, com estas verbas que eles dão, podia se pensar pelo contrário: dar menor verba e pagar melhor pelo produto. E isto para qualquer produto. Do jeito que está indo, com os preços dos lubrificantes, do diesel, do adubo, subindo quase cada uma vez por mês e o produto uma vez por ano, não vai dar mais para plantar. Isto está muito mal”.

## ALHO

A lavoura de alho é uma cultura ideal para as pequenas propriedades, onde exista bastante mão-de-obra disponível. Todas as fases da cultura, desde o plantio até a limpeza e classificação do produto, são manuais. Daí a recomendação técnica de plantar no máximo um hectare com alho, caracterizando assim uma atividade que vai complementar os rendimentos nas pequenas propriedades.

A época de plantio vai do mês de março a metade de maio, usando 40 quilos de semente por hectare. A colheita inicia em outubro, novembro. A média de produção, em anos com boas condições de clima, varia de 1.500 a 2 mil quilos por hectare.

As variedades em cultivo são a Amarante, Gaúcho e Portela. Existem ainda muitas variedades crioulas que podem apresentar bons resultados em produção e qualidade. Muitas destas, por sinal têm potenciais maiores do que as variedades distribuídas comercialmente. No caso do plantio destas variedades nativas a recomendação dos técnicos é que o produtor procure um parecer que ateste sua capacidade de produção.

O plantio deve ser feito em áreas onde não exista problema de alagamento. Os melhores resultados são obtidos com o encanteiramento da muda e o uso de matéria orgânica (como o esterco) para aumentar os níveis de fertilidade do solo. A cultura deve ser mantida no limpo, livre da invasão de ervas daninhas, com o uso de capina.

O alho é atacado por algumas doenças, como a ferrugem e a alternaria (conhecida como mancha branca), que podem reduzir a produção e comprometer a qualidade. Estas doenças são um problema maior em anos de muita umidade. As pragas também podem ser um problema se não controladas a tempo. Este é o caso do ataque do *trips*, um inseto bastante pequeno, que nem sempre é visto a olho nu pelo produtor.

O preço do alho é muito influenciado pela qualidade do produto. Ele tem um preço mínimo, de Cr\$ 118,00 o quilo para o produto gráudo do tipo 2. Ele é classificado em 5 divisões (florão, gráudo, médio pequeno e miúdo). O preço pode baixar até perto dos Cr\$ 40,00 para o produto de qualidade inferior.

## CEVADA

A cevada é uma planta com cultivo pouco expressivo na região. Isto se deve, em parte, às dificuldades de adaptação ao clima existente, pois ela se mostra tão ou mais suscetível que o trigo às pragas e doenças. Mesmo assim, ela não deixa de ser, ao lado de outras culturas, uma alternativa de plantio para a estação.

Todas as práticas de cultivo são muito semelhantes às do trigo. Na verdade não existe muita pesquisa em relação à cevada. Um dos poucos trabalhos existentes é da Embrapa — Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. São os técnicos desta entidade que fazem as seguintes recomendações:

Época de plantio: de 25 de maio a 30 de junho, com a semeadura de 225 plantas aptas por metro

quadrado. A adubação recomendada é de 300 quilos de adubo por hectare (mesma fórmula do trigo).

Um lembrete, que vale tanto para a cevada, como para o centeio e trigo, é o de durante no mínimo dois anos fazer um pousio ou rotação de culturas com aveia, tremoço, colza ou pastagens de inverno. A cevada também não deve ser cultivada durante dois anos após trigo ou centeio.

O uso da cevada é restrito à elaboração do malte usado na fabricação de cervejas. Para o produto de qualidade — com germinação mínima de 92 por cento — não existe muito problema de comercialização. O Brasil inclusive importa muita cevada para manter a produção de cerveja do país. O preço mínimo para este ano é de Cr\$ 28,50 o quilo.

## Lavoura de pequeno

“O meu amor é no alho”, conta a dona Olívia Neuberger, que junto com o marido, o seu Albino, planta alho toda sua vida. E ela gosta de plantar, “porque sempre tem uma venda. Gosto da lida, que a gente se acostuma com ela. O mais difícil é mesmo o plantio e a carpida, que estraga bastante as mãos. Mas isto se acostuma”.

Este vai ser o quarto ano que os Neuberger, donos de 17,4 hectares na localidade de Paraíso, em Augusto Pestana, vão plantar alho para comercializar com a cooperativa. O plano é plantar uns 25 quilos por conta e mais uns 100 quilos de semente financiada. Nunca eles usaram uma área tão grande — vai dar mais de um hectare — com esta planta. E a razão é que confiam no alho como uma forma de conseguir um melhor resultado financeiro na sua pequena propriedade. Também querem plantar linhaça e cevada e um pouco de trigo para o gasto, pois como diz seu Albino, “o trigo só está atirando a gente para trás”.

Dona Olívia explica que compensa plantar o alho, “que rende bastante em comparação pela terra que ele pega”. Mas também ela faz um outro comentário:

— Se nós ia contar mão-de-obra, nunca que se ia plantar o alho. Dá muito mais trabalho que outra planta. Para plantar a gente pega ajuda de diaristas. Mas a colheita e a limpeza nós dois fizemos sozinhos, com a ajuda de uma irmã minha. Tem vantagem também que a terra não fica perdida numa época muito boa de plantar a soja.

O seu Albino é quem ficou bastante animado com a cultura depois que visitou, junto com outros associados, uma região produtora de alho em Santa Catarina. Lá ele aprendeu muita coisa, como colher quando o alho ainda está meio verdolengo, querendo começar a dobrar a palha. Assim não dá muito alho de refugo:

— Aqui o alho não dá melhor por causa da terra e do clima. Lá em Santa Catarina é uma terra mais escura, que dá melhor.

Os Neuberger plantam também um alho crioulo — como a Primavera — que geralmente eles têm produzido melhor que as variedades Portela, Gaúcho e Amarante. Este alho crioulo eles conhecem há anos e não se queixam do seu rendimento na lavoura.



# O PREÇO DE CADA PLANTA

Quem plantar trigo nesta safra vai precisar colher no mínimo 866 quilos por hectare (ou perto de 14,5 sacos) para pagar o custeio de formação da lavoura e cobrir as despesas de juros, Proagro, assistência técnica e também os descontos que incidem sobre a produção. Este dado é do Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí, que analisou, cultura por cultura, o custo de formação das lavouras e de todas as despesas que o agricultor terá que pagar.

Para a colza a produtividade necessária é de 709 quilos (ou 11,8 sacos). No linho é preciso colher 549 quilos (pouco mais de 9 sacos); no tremoço são 588 quilos (9,8 sacos). A colza tem o preço de Cr\$ 27,87 o quilo. O linho e o tremoço têm seu valor estimado em Cr\$ 31,00 e Cr\$ 26,00, respectivamente.

A produção de aveia em grão deve chegar no mínimo a 570 quilos (9,5 sacos); a de cevada em 582 quilos (9,7 sacos), a de centeio em 650 quilos (10,4 sacos); a de azevém para semente em 587 quilos (9,8 sacos); a de alho nobre em 1.738 quilos e de alho precoce em 1.021 quilos.

Este trabalho do Departamento de Estudos Econômicos foi dividido em duas tabelas. A de número 1 mostra que a cultura mais cara para ser formada é a de alho, que vai exigir Cr\$ 138.100,00 para o alho nobre e Cr\$ 78.700,00 para o precoce. Mas também é a que pode proporcionar — se o tempo correr bem — o melhor resultado em um hectare de planta. O alho nobre pode deixar ao produtor uma margem de renda (depois de pagas todas as despesas) de Cr\$ 31,47 o quilo. O precoce pode render até Cr\$ 55,49.

A segunda lavoura em custo é a do trigo, que deverá receber um Valor Básico de Custeio de Cr\$. . . . 17.800,00 para a faixa de produtividade de 1.000 quilos por hectare. É preciso observar que não está considerado nesta tabela o fato de que os grandes e médios produtores não receberão seu VBC integral, mas sim respectivamente 60 e 80 por cento. Caso o produtor conseguir efetivamente colher os 1.000 quilos por hectare, ainda lhe sobrá uma margem de Cr\$ 4,48 por quilo (ou 288,80 por saco). Na colza esta margem pode chegar a Cr\$ 9,70 (ou 582,00 por saco). Na aveia a Cr\$ 10,33 por quilo (ou 619,80 por saco) e assim por diante, como mostra a tabela 1.

É preciso observar porém, como salienta o João Walmir Cezimbra Lopes, que foi quem fez o estudo, que não se considerou a remuneração do produtor e a depreciação

Um estudo mostra o custo de produção de algumas culturas de inverno e qual a produção necessária para cobrir os gastos de cada planta. Estas informações podem servir como um ponto de apoio aos produtores ainda em dúvida sobre diversas lavouras

CULTURAS	TRIGO	COLZA	AVEIA	CEVADA	LINHO	TREMOÇO	CENTEIO	AZEVÉM	ALHO NOB	ALHO PREC
DESPESAS	Cr\$/ha	Cr\$/ha								
RECEITAS:	29.000	33.444	17.901	19.950	27.900	23.400	14.742	10.000	260.260	177.450
1. Financeiras:										
— Juros (45% a.a.)	4.005	3.010	1.868	2.655	2.604	2.364	2.220	2.478	1.074	17.706
— PROAGRO (3%)	374	281	174	248	243	221	207	231	2.900	1.653
— Assist. Técn. (1%)	125	94	58	83	81	74	69	77	967	551
SUB-TOTAL	4.504	3.385	2.100	2.986	2.928	2.659	2.496	2.786	34.941	19.910
2. TAXAS E/OU CONTRIB.:										
— FUNRURAL (2,5%)	725	836	448	499	698	585	369	250	6.506	4.436
— Capitalização (3%)	870	1.003	537	599	837	702	442	300	7.808	5.323
— Quebra técnica (0,5%)	145	167	90	100	140	117	74	50	9.109	6.211
— Impurezas (± 0,5%)	145	167	90	100	140	117	74	50	9.109	6.211
— Umidade (± 0,5%)	145	167	90	100	140	117	74	50	—	—
— Secagem (± 2%)	580	669	358	399	558	468	295	200	—	—
— Custeio (0,5%)	145	—	—	—	—	—	—	—	—	—
— F.D.P.T. (0,2%)	58	—	—	—	—	—	—	—	—	—
SUB-TOTAL	2.813	3.009	1.613	1.797	2.513	2.106	1.328	900	32.532	22.181
3. TOTAL (1 + 2)	7.317	6.394	3.713	4.783	5.441	4.765	3.824	3.686	67.473	42.091
4. V.B.C.	17.800	13.376	8.300	11.800	11.570	10.511	9.864	11.000	138.100	78.700
5. TOTAL GERAL (3 + 4)	25.117	19.770	12.013	16.583	17.011	15.276	13.688	14.686	205.573	120.791
6. PROD. NECESSÁRIA (kg)	866	709	570	582	549	588	650	587	1.738	1.021

OBS: Para o alho, Quebra Técnica e Impurezas corresponde a 7%.

CULTURAS DE INVERNO	TRIGO	COLZA	AVEIA	CEVADA	LINHO	TREMOÇO	CENTEIO	AZEVÉM	ALHO NOB	ALHO PREC
RUBRICAS	Cr\$/ha	Cr\$/ha								
Semente	2.400	350	1.600	1.820	1.980	1.680	1.400	512	48.000	36.000
Fertilizantes	5.786	7.262	4.179	5.786	2.423	3.635	4.079	5.653	28.992	9.229
Defensivos	2.000	1.061	480	980	1.050	980	480	620	1.777	1.777
Trabalhos culturais	5.314	2.803	1.291	2.260	4.217	2.260	2.205	2.260	44.501	23.774
Colheita	2.300	1.900	750	1.956	1.900	1.956	1.700	1.955	14.830	7.900
1. TOTAL DO CUSTEIO (Cr\$/ha)	17.800	13.376	8.300	11.800	11.570	10.511	9.864	11.000	138.100	78.700
2. TOTAL DAS DESPESAS (Cr\$/ha)	7.317	6.394	3.713	4.783	5.441	4.765	3.824	3.686	67.473	42.091
3. CUSTO TOTAL (Cr\$/ha)	25.117	19.770	12.013	16.583	17.011	15.276	13.688	14.686	205.573	120.791
4. RECEITA/ha	29.000	33.444	17.901	19.950	27.900	23.400	14.742	10.000	260.260	177.450
5. MARGEM BRUTA/ha	3.883	13.674	5.888	3.367	10.889	8.124	1.054	(4.686)	54.687	56.659
6. PREÇO/kg	29,00	27,87	21,06	28,50	*31,00	*26,00	21,06	*25,00	118,30	118,30
7. PROD. MÉDIA REGIÃO (kg/ha)	1.000	1.200	850	700	900	900	700	400	2.200	1.500
8. PROD. MÉDIA ESTADO (kg/ha)	780	900	900	840	660	780	900	600	1.500	1.200
9. PROD. NECESSÁRIA (kg/ha)	866	709	570	582	549	588	650	587	1.738	1.021
10. MARGEM BRUTA —(cr\$/kg)	4,48	19,29	10,33	5,79	19,83	13,82	1,62	(7,98)	31,47	55,49

OBS: (\*) Preço estimado

ção das máquinas neste estudo. Desta forma, a margem de rendimento é bem menor e, em alguns casos, até nem existe. Outra observação que ele faz é que no azevém não foi considerada a receita de produção de massa verde para o pastoreio. Se levou em conta apenas a produção de semente.

### AS DESPESAS

Na tabela de número 2, este estudo apresenta todas as despesas

que vão incidir sobre a produção. Ela primeiro apresenta a receita bruta de cada cultura. No trigo, por exemplo, ela é de Cr\$ 29.000,00, pois o estudo considerou (veja a tabela 1) uma produtividade de 1.000 mil e o preço mínimo, que chega a Cr\$ 29,00 por quilo.

Desta receita começam a ser descontadas as despesas. Os juros de 45 por cento ao ano (consideran-

do, no caso, a concessão de custeio para os mini e pequenos produtores) o Proagro, de 3 por cento, e a assistência técnica, de 1 por cento, que tem seu custo incluído no projeto para a liberação do VBC. As outras despesas são as de taxas e contribuições (Funrural, capitalização, quebra técnica, impureza, etc.) Na última linha da tabela aparece a produção necessária para cobrir todo o custo da lavoura.

# APRENDENDO A LIDA

A idéia que boa parte dos associados tem na cabeça, quando se fala em criar peixes, é de que é uma coisa muito simples, bastando apenas construir um açude, encher de água e largar lá dentro alguns filhotes de traíras, carpas, de jundiás... e depois só esperar a criação crescer. É claro que não é bem assim que deve proceder qualquer pessoa que pense em ingressar na piscicultura. Por sinal esta idéia bastante errada está sendo, aos poucos, mudada através de orientações técnicas e de cursos. Apesar da lida do peixe ser uma coisa bastante simples, "assim como criar galinhas ou porcos", como comenta o Nilo Rubem Leal da Silva, engenheiro florestal do Departamento Técnico da Cotrijuí, Ijuí, ela também requer uma certa técnica, que vai desde a escolha do terreno para a construção do açude, até a alimentação dos peixes.

Tentando orientar os associados que andam lidando com peixes ou então aqueles que estão se interessando pela piscicultura, é que a Cotrijuí vem oferecendo a esse pessoal cursos de orientação. Só neste ano mais de 100 associados e suas esposas, estiveram ouvindo os técnicos da Cotrijuí falar sobre espécies mais apropriadas para a região, técnicas de construção de açudes, de taipas, sobre alimentação, fertilidade e fluxo da água, povoamento do açude...

## AS TÉCNICAS DOS AÇUDES

O próprio Nilo, que foi um dos organizadores do curso, conta que um dos assuntos que mais despertou interesse no pessoal, se refere as técnicas de construção de açudes:

— É preciso ter bastante cuidado na hora de construir o açude. Até o terreno deve ser muito bem escolhido. Além disso, os açudes devem ser construídos com comportas de nivelamento e saída da água do

fundo e nunca com comportas que permitem a saída da água da superfície do açude.

Aquela água que fica depositada bem no fundo do açude, mais perto do lodo, é uma água que pode ser chamada de "água morta", pois dizem os técnicos que ela é muito pobre em oxigênio. Enquanto que a água da superfície é rica em oxigênio e considerada a melhor para o desenvolvimento dos peixes, pois é considerada "viva" pela sua riqueza em algas e outros organismos úteis para a alimentação dos peixes.

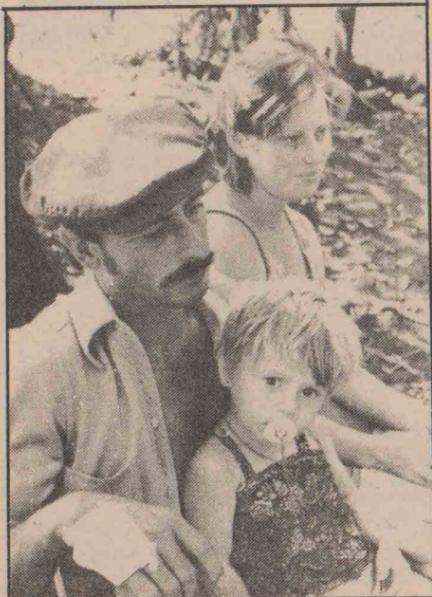
Tanto o pessoal meio que desconhece certas técnicas de construção de açudes, que o seu Emídio Costa da Silva, da Linha Iracema, em Chiapetta, diz que não sabia que a construção de um açude precisava de técnica. O seu Emídio fazia muito tempo que andava querendo lidar com peixes, mas sempre faltava tempo e incentivo. Depois que, junto com a esposa, ficou um dia todo lá no CTC ouvindo as explicações dos técnicos, é que o seu Emídio chegou em casa e já deu jeito de mandar fazer um açude, bem como os técnicos recomendam.

## O TRATO DOS PEIXES

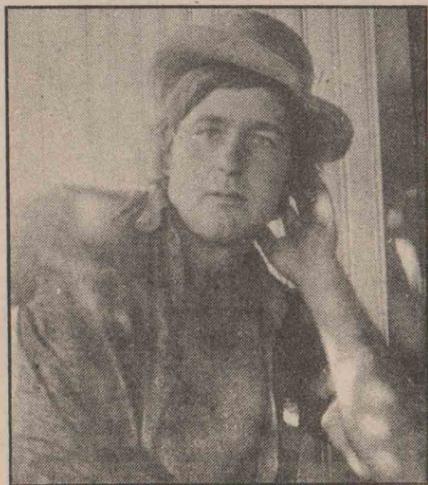
A novidade, para Emídio, não foi só o açude:

— O trato prós peixes foi a maior surpresa prá mim. Sempre achei que era largar o peixe no açude e deixar crescer. Nem sabia que o esterco dos porcos ou das galinhas, podia servir de alimento e muito menos ainda que peixe precisava ser alimentado todo o dia.

O trato diário dos peixes, e isso foi muito bem recomendado durante o curso, é fundamental para o associado obter um bom rendimento. Também aí entra outro aspecto, que é a questão da fertilização da água. Durante o curso, assistido por associados da Região Pioneira, o Nilo e o Adroaldo Hartmann — técnico agrícola — falaram muito na questão da tal de fertilidade da água. Se a água for fértil em plancton —



Emídio da Silva: não sabia do trato



Erani Bandeira: coisa por aprender



Ruben Lorenzon: sem mistério

pequenos organismos vegetais e animais que se criam dentro dessa água — boa parte da alimentação diária dos peixes estará garantida.

Os técnicos deixaram bem claro que a água só deverá ficar boa para o desenvolvimento dos peixes quando estiver de cor esverdeada. Essa cor só é dada pela colocação de adubo orgânico ou químico dentro do açude. Também a quantidade de peixes a ser colocada no açude vai depender muito dessa fertilidade da água, do fluxo que entra e sai, pela área do açude e também pela alimentação diária.

Além da utilização do esterco do porco, o Nilo recomendou muito o uso de resíduos da lavoura de soja, milho, trigo, sorgo, mandioca, batata, abóbora... para fazer uma composição de ração. E o Nilo ensinou como o produtor pode aproveitar melhor estes resíduos:

— Todos esses ingredientes, ou parte deles, devem ser colocados dentro de um tacho, misturados e fervidos. Depois de pronto é só colocar tudo dentro de um cocho, construído a uns 50 centímetros abaixo do nível superior da água. Esse cocho serve para evitar que o alimento se misture com o lodo no fundo do açude.

## NÃO PRECISA SER GRANDE

Os técnicos recomendam muito aos associados quanto ao tamanho dos açudes, pois quando são grandes demais, acabam prejudicando o manejo dos peixes na hora de esvaziar. Diz o Nilo:

— Quem tem açude grande demais, passa muito trabalho e ainda tem certo prejuízo na hora da despesca — quando se seca o açude para retirar o peixe —. Nessa hora, o nível da água baixa demais e como são muitos peixes, acabam morrendo no meio do lodo. Já se o açude é pequeno, o produtor pode muito bem fazer toda a despesca só com a mão-de-obra familiar.

Tanto isso é certo, que o seu Rubem Lorenzon, Esquina Pinhalzinho, em Tenente Portela, anda pensando em ampliar a sua criação, aumentando um açude grande, para depois dividi-lo ao meio. O seu Rubem, que já lida com peixes há mais de dois anos e tem três açudes, conta que aprendeu muita coisa no curso:

— O curso foi muito bom, apesar de que criar peixes não tem

"mistério nenhum". Uma coisa que aprendi — ao contrário do que muita gente pensa — é que um açude não precisa ser tão grande e nem tão fundo para que dê um bom rendimento.

Diz o seu Rubem, que um açude tendo uns dois metros de fundura já está bom. Depois é só cuidar o manejo para que seja bem feito e encarar as coisas com seriedade. Ele até faz questão de contar que o seu interesse pelos peixes vem "desde piá".

— Já naquele tempo eu andava sonhando em ter um açude com peixes, mas tudo bem organizadinho, dando comida todos os dias e não só de vez em quando.

## NOVAS ESPÉCIES

O curso também trouxe muito conhecimento de criação de peixes ao seu Erani Bandeira, da Linha 24, Ajuricaba. O seu Erani trabalha com peixes há mais de um ano, mas se inscreveu no curso, porque acreditava que tinha muita coisa por aprender. No dia certo, lá estavam ele e a dona Loecir ouvindo as recomendações. O seu Erani já tem açude na propriedade, mas diz que se tivesse de construir outro, ia ser bem diferente. Ele até conta que não é nada fácil de lidar com o açude que construiu, pois não tem comportas e fica trabalhoso encher outra vez logo após o esvaziamento.

— De tratamento de peixes eu já sabia alguma coisa, mas acho que o pessoal deve continuar dando esses cursos, principalmente orientando sobre novas espécies.

As espécies mais recomendadas para a região foi outro assunto bem discutido durante o curso. Segundo os técnicos, entre as espécies que melhor se adaptam pela região estão a carpa alemã, a carpa espelho que ainda está sendo experimentada em açudes do CTC, com excelentes resultados, e a carpa comum, que por andar bastante refinada e apresentando baixo rendimento, deverá ser substituída nos próximos anos. Ainda o pessoal técnico recomenda a nilótica e o jundiá. E para quem quiser criar peixes para pesca recreativa, a traíra.

Para melhor proteger os açudes contra água envenenada das lavouras, os técnicos recomendaram o plantio de grama, árvores frutíferas ou ainda a construção de terraços em volta dos açudes.

Realidade de Barreiro – Ijuí						
Área em ha	Famílias	Pessoas	hectares	ha/pessoa	Cultura de verão	Cultura inverno
Até 12,5	26	83	190,5	2,3	160	100
12,5 a 25	17	57	323	5,9	270	170
25 a 50	09	39	311	8,0	280	200
+ de 50	07	28	729	26	600	450
<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>207</b>	<b>1.563,5</b>	<b>7,5</b>	<b>1.310</b>	<b>920</b>

Outros dados	
– famílias sem terra: 22 com 82 pessoas	– moças de 12 a 20 anos: 24
– assalariados permanentes: 08	– moças com mais de 20 anos: 07
– assalariados temporários: 08	– rapazes de 12 a 17 anos: 16
– arrendatários ocupam 147 ha.	– rapazes com mais de 17 anos: 25
– outras pessoas que moram com as famílias: 15	– Total de pessoas: 327
– casais até 30 anos: 19	– Ha por pessoa: 4,7
– casais de 31 a 50 anos: 34	Máquinas e carros
– casais com mais de 50 anos: 28	– tratores: 36
– crianças até 12 anos: 78	– automotrizes: 07
	– caminhões: 08
	– carros: 36
	– ha/trator: 43,4.

Realidade de Linha Jacicema – Pejuçara						
Área em ha	Famílias	Pessoas	Hectares	ha/pessoa	Cultura verão	Cultura inverno
Até 12,5	05	21	36	1,7	22	14
12,5 a 25	06	37	114	3,1	58	40
25 a 50	06	29	229	7,9	180	70
+ de 50	09	69	2.289	33,2	1.848	810
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>156</b>	<b>2.668</b>	<b>17,1</b>	<b>2.135</b>	<b>934</b>

Outros dados	
– assalariados permanente: 15	– moças de 12 a 20: 20
– assalariados temporários: 34	– moças com mais de 20 anos: 09
– arrendatários ocupam 453 ha.	– rapazes de 12 a 17 anos: 19
– casais até 30 anos: 01	– rapazes com mais de 17 anos: 26
– casais de 31 a 50 anos: 11	Máquinas e carros
– casais com mais de 50: 14	– tratores: 47
– crianças até 12 anos: 25	– automotrizes: 19
	– caminhões: 13
	– carros: 16

# INDO ATRÁS DA REALIDADE

A localidade de Barreiro – em Ijuí – tem 81 famílias e uma população de 327 pessoas vivendo em 1.563 hectares de terra. Ali existem 36 tratores e sete automotrizes. Com estas máquinas – mesmo operando com capacidade ociosa – e apenas 50 pessoas é possível tocar as safras do ano inteiro. Descontando as 78 crianças do Barreiro, em que atividade ficam envolvidos os outros 199 moradores do local? E que futuro podem esperar os jovens de Barreiro se a média de hectares por pessoa mal chega a 4 hectares?

Constatações como estas e perguntas deste tipo estão aparecendo na cabeça dos jovens, não só de Barreiro, mas de várias localidades de alguns municípios próximos a Ijuí. Elas surgem quando uma pesquisa, que estes mesmos jovens andaram fazendo nos últimos seis meses, começa a ser discutida nas localidades.

## O PROBLEMA SENTIDO

A idéia da pesquisa surgiu durante um encontro de lideranças rurais realizado no ano passado no Centro de Treinamento da Cotrijuí. Todo encaminhamento do trabalho

e das discussões esbarrava sempre num ponto: terra. E os jovens, mesmo sentindo que um dos maiores problemas era terra – a falta de uma certeza de continuar na terra, de um dia ter acesso a um pedaço de terra – chegavam a conclusão que não conheciam a realidade da situação fundiária de sua própria localidade.

Eles organizaram então um modelo de pesquisa e saíram a campo conversar com a vizinhança. Em alguns lugares um jovem sozinho precisou fazer todo trabalho. Em outros, toda comunidade auxiliou. E agora, nos dias 11 e 12 de março eles voltaram ao CTC para analisar os dados da pesquisa.

Aqui estamos mostrando quatro quadros: as realidades de Barreiro, Pontão Santo Antônio (Catuípe), Linha Jacicema (de Pejuçara), Linha São José e parte de As Brancas (Chiapetta). Outras localidades, como Esquina Santo Antônio (Vila Jóia), Rincão do Tigre (Ijuí), Três Vendas e Ilha Grande (Catuípe), também fizeram uma pesquisa semelhante. E os dados são muito parecidos de um lugar para o outro.



Estes jovens, de diversos municípios da região, estão coordenando o trabalho da pesquisa em suas localidades

MUITA GENTE, POUCA TERRA

Há muita gente e pouca quantidade de terra para cada um. Os jovens que participaram do encontro concluíram que existe a má distribuição de terra, o que acaba causando sérios problemas para a sociedade (como o desemprego e a marginalização). Eles viram também que existe muita máquina. E isto não é um bom sinal, quando se sabe dos preços dos combustíveis, dos adubos, das sementes e dos defensivos, e se sabe que há muita gente vivendo no interior.

Um dos problemas também, segundo eles, é que os agricultores que tem pouca terra não podem produzir de tudo um pouco pensando em vender. Não existe mercado para muitos desses produtos, alguns não tem preço e ainda falta muita infra-estrutura de recebimento e comercialização de tudo quanto é produto que sai da terra.

DIFICULDADES E SUGESTÕES

A pesquisa não se restringiu a ver a situação fundiária. Ela também fez um levantamento de problemas e de sugestões. Entre os problemas mais sentidos estão exatamente a falta de terra, o alto custo da produção, os juros altos, o baixo preço dos produtos e a má comercialização, a falta de assistência médica e previdenciária, a má distribuição da renda, a educação dos filhos, a inflação e alto custo de vida, a má política agrícola, a falta de crédito fundiário, a erosão dos solos.

As sugestões levantadas são: fazer uma reforma agrária, conseguir financiamento para comprar terra, achar saídas junto aos sindicatos, acabar com as multinacionais, plantar sem adubo, conscientização da realidade, exigir mais recursos para atendimento pelo Funrural, melhorar o preço dos produtos, congelar o preço dos insumos, etc.

DEVOLUÇÃO

Atualmente estes jovens estão iniciando um trabalho de devolução da pesquisa. Estão reunindo mais jovens e também os adultos de suas localidades, para analisar em conjunto as informações recolhidas. De pouco adiantaria apenas levantarem dados e não discutirem o assunto e procurar saídas comuns para problemas comuns.

Eles organizaram também uma comissão para dar continuidade ao trabalho. Pensam, inclusive, em ampliar ainda mais esta pesquisa. A sugestão é que outros jovens também iniciem uma tarefa semelhante. Como ponto de partida existem estes quadros sobre a realidade de algumas localidades que podem servir de modelo para quem se interessar pelo trabalho. Em qualquer dúvida, pedem que entrem em contato com alguns dos sindicatos de trabalhadores rurais que fazem parte da regional de Ijuí (que são o de Ijuí, Catuípe, Ajuricaba, Tupanciretã, Augusto Pestana, Ajuricaba, Cruz Alta, Chiapetta, Santo Augusto, Pejuçara, Panambi e Condor).

Realidade de L. São José e parte de As Brancas — mun. de Chiapetta

Área em ha	Famílias	Pessoas	Hectares	ha/pessoa	Cultura inverno	Cultura verão
Até 12,5	09	40	89	2,2	77	52
12,5 a 25	13	65	253	4,0	122	218
25 a 50	10	49	346	7,0	230	294
+ de 50	02	08	127	21,5	99	116
<b>Total</b>	<b>34</b>	<b>162</b>	<b>860</b>	<b>5,3</b>	<b>503</b>	<b>705</b>

Outros dados

- famílias sem terra: 01
- assalariado permanente: 01
- arrendatários: 07
- casais até 30 anos: 09
- casais de 31 a 50: 20
- casais de mais de 50: 13
- crianças até 12: 51
- moças de 12 a 20 anos: 21
- moças com mais de 20 anos: 03
- rapazes de 12 a 17 anos: 21
- rapazes com mais de 17 anos: 15
- outras pessoas que moram com as famílias: 04

Máquinas e carros

- tratores: 25
- automotrizes: 03
- caminhões: 03
- carros: 17
- 34,4 ha/trator

Realidade de Pontão Sto. Antônio — Catuípe

Área em ha.	Famílias	Pessoas	Hectares	ha/pessoa	Culturas de verão	Culturas inverno
Até 12,5	27	125	216	1,7	195	55
12,5 a 25	19	95	379	3,9	296	141
25 a 50	13	100	523	5,23	452	240
+ de 50	4	36	283	7,86	380	180
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>356</b>	<b>1.401</b>	<b>3,93</b>	<b>1.323</b>	<b>616</b>

Outros dados:

- famílias sem terra: 17 com 53 pessoas.
- assalariados permanentes: 06
- assalariado temporário: 01
- arrendatários ocupam 260 ha.
- outras pessoas que moram com as famílias: 01
- casais até 30 anos: 23
- casais de 31 a 50: 35
- casais com mais de 50 anos: 21
- crianças até 12 anos: 114
- moças acima de 12 anos: 45
- rapazes acima de 12 anos: 50

Máquinas e carros:

- Tratores: 38
- caminhões: 07
- automotrizes: 08
- carros: 36
- 37 ha por trator



**COTRIEXPORT**  
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

INVESTIMENTO EM SEGURO, SEJA INCÊNDIO, VEÍCULOS, ROUBO, VIDA, ACIDENTES PESSOAIS E OUTROS, REPRESENTA TRANQUILIDADE CONTRA AS INCERTEZAS DO DIA-A-DIA.

A COTRIJUÍ ATRAVÉS DE SUA CORRETORA DE SEGUROS, PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES E ASSISTÊNCIA TÉCNICA.

Em Ijuí: Rua das Chácaras 1513 — fone 332-1914 ou 332-2440 ramal 364  
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 5º andar - fone 33-50-32

## Congeladores comerciais Prosdócimo

**Maior espaço interno, maior durabilidade, maior facilidade de limpeza, melhor assistência técnica.**

**Frio envolvente**

Revolucionário processo de frio envolvente. Serpentina de cobre envolve todo o tanque interno. Este sistema de refrigeração foi especialmente construído para trabalhar em condições tropicais.

O congelador Prosdócimo pode vir regulado para congelar (-18°C) ou para funcionar como refrigerador (+3°C)

Gabinete externo com chapas de aço tratadas contra a ferrugem

Tampas em diversas alternativas para maior versatilidade de utilização. Tampas frontais em aço.

Rede Nacional de Assistência Técnica Prosdócimo, com dezenas de oficinas autorizadas. Prosdócimo é o único congelador brasileiro com cobertura técnica em todo o território nacional.

Isolamento com 7 cm de espuma de poliuretano injetado (padrão internacional).

cc - 17/432  
380 litros

Tanque interno em chapa de alumínio gravado ou chapa galvanizada que evita completamente a ferrugem.

cc - 18/316  
310 litros

Dreno interno. Facilita a limpeza e escoamento da água do degelo.

cc - 19/222  
220 litros

Tampas Superiores Flip Top.

cc - 20/420  
415 litros

Montados sobre rodízios para facilitar a locomoção.

cc - 17/430  
380 litros

Grade e motor móveis, facilitando a limpeza e a manutenção.

cc - 19/220  
220 litros

Pés de porcelana

cc - 18/314  
310 litros

cc - 21/160  
160 litros

Congeladores Prosdócimo, o máximo em tecnologia tropical.

Escolha o modelo de sua preferência numa das LOJAS COTRIJUÍ

## BNCC na Cotrijuí

Um posto de serviço do BNCC (Banco Nacional de Crédito Cooperativo S/A) foi inaugurado dia 18 de março junto à sede administrativa da Cotrijuí, em Ijuí. Toshio Shibuya, presidente do órgão, esteve presente à solenidade de inauguração.

O posto vai funcionar nos moldes de uma sub-agência, tal como já acontece com as instalações do Banco do Brasil na Cotrijuí. Ele facilitará o depósito de dinheiro e cheques movimentados diariamente no setor de consumo, o pagamento da folha dos funcionários, e as demais funções desta instituição bancária.

Nos atos de inauguração, Toshio Shibuya destacou a política adotada pelo Banco, de investir em cooperativas de pequenos produtores, onde comprovadamente existe maior necessidade de recursos. Segundo ele, a aproximação física do Banco à Cooperativa cumpre o desejo de "unir o tirocínio em-



Toshio Shibuya

presarial com a nossa vontade de construir".

Ruben Ilgenfritz da Silva, presidente da Cotrijuí, lembrou que hoje existe no sistema cooperativo a retomada de uma posição quanto à necessidade de capitalização própria. Afirmando que "nos faltou maturidade para entendermos a necessidade de movimentarmos um capital próprio e não de terceiros".

## A visita do Comando



No dia 24 de março estiveram visitando a Cotrijuí 25 oficiais do Alto Comando da 16ª Brigada de Infantaria Motorizada, que compreende as unidades do Planalto Médio e Missões. Os oficiais, liderados pelo general Pedro Luis de Araújo Braga, vieram conhecer a Cooperativa e o trabalho que ela desenvolve na região.

Eles foram recepcionados pelo presidente Ruben Ilgenfritz da Silva e pelo vice-presidente, Arnaldo Oscar Drews. O presidente Ilgenfritz fez uma exposição do organograma da

Cotrijuí e das áreas de produção onde ela atua. Ele ainda comentou o desenvolvimento do processo de participação do quadro social na vida da Cooperativa e fez um histórico do crescimento da Cotrijuí. Neste aspecto ele lembrou o sistema de capitalização empregado na Cooperativa, ressaltando que no último exercício os associados capitalizaram mais do que nos 24 anos de existência da Cooperativa. E isto não só em função de entrega de produção, mas também por se ter adotado o sistema de correção do capital integralizado.

**Projetos de  
Construção**

**Medições de Terra  
Loteamentos Urbanos**

**IVO MACAGNAN**

Engenheiro Civil - CREA 20175  
Rua 7 de Setembro, 483, ao lado da CRT - IJUÍ  
Fone 332-1695

## Uma feira de artigos baratos

Junto a seção de consumo da Cooperativa, na unidade de Ijuí, foi instalada uma Feira de Artigos. Seu principal objetivo é comercializar mercadorias com preços mais acessíveis para os consumidores. Os artigos não são os mesmos à venda nas diversas seções da loja de confecções, mas sim mercadorias compradas especialmente para esta Feira de Artigos.

Mário Dhein, gerente da loja e do supermercado na Unidade de Ijuí, é quem explica:

— Esta Feira de Artigos não é uma liquidação, pois ela está em funcionamento permanente, e sempre com renovação de estoques. Os artigos são mais simples e baratos, comprados especialmente nas indústrias para vendermos nesta Feira.

Um segundo objetivo da Feira é permitir a comercialização de produtos artesanais feitos pelos associados, como crochês, costura, tricô, etc. A intenção é aproveitar a mão-de-obra existente no quadro social da Cooperativa, permitindo, assim, mais uma fonte de renda para as famílias rurais.

A Feira inicialmente estará funcionando apenas em Ijuí, como uma nova experiência do setor de consumo. Existe a possibilidade de, no futuro, ampliar esta seção também para as demais unidades.

"O movimento", como comenta o Mário Dhein, "tem sido excelente, maior inclusive que o registrado na grande maioria dos postos no interior".



Artigos  
mais  
simples  
e baratos

## Pró-várzea: recursos para mais 10 mil hectares

O Pró-várzeas — Programa de Aproveitamento Racional de Várzeas Irrigáveis — receberá uma injeção de recursos de Cr\$ 400 milhões para sua aplicação na região Centro-Oeste do país.

O programa, que vem sendo desenvolvido pela Empeaer — Empresa de Pesquisa e Assistência Técnica e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul — será ampliado com esta verba, esperando-se a incorporação de mais 10 mil hectares ao processo.

Os recursos liberados têm prazo de cinco anos para pagamento, com dois de carência, e 45 por cento de juros anuais. A verba será repassada pelas cooperativas, Banco do Brasil e bancos particulares para empregar em sistematização do solo, construção de canais de drenagem e irrigação, barragens, diques, estruturas e bombeamento, localização e acompanhamento das obras, etc.

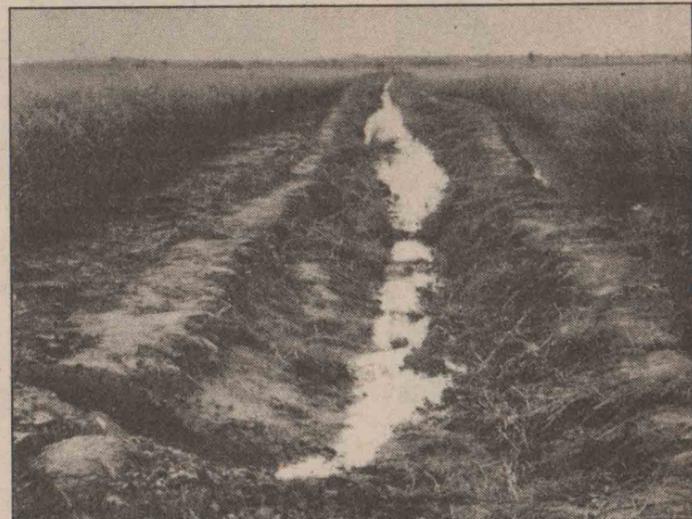
### MÁQUINAS

Grande parte das melhores várzeas do estado do Mato Grosso do Sul são de pequenas e médias propriedades, sem

condições de adquirir máquinas para as obras iniciais. Os produtores também não têm interesse em comprar maquinaria utilizando crédito a juros de mercado. Para solução desse problema conta-se com algum equipamento de empresas particulares, com a formação de patrulhas mecanizadas por cooperativas ou empresas privadas.

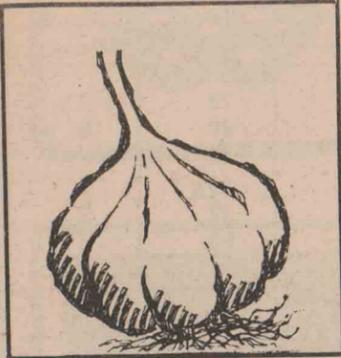
O Pró-várzeas há muito vem sendo reivindicado para o Mato Grosso do Sul e esta inje-

ção inicial de recursos pode ser considerada um bom sintoma. Mas não se pode esquecer que, na conjuntura atual, com os elevados juros para a compra de máquinas, irá favorecer mais quem já está no setor de várzeas irrigadas. Este recurso propiciará mais um aumento de áreas onde já se pratica o sistema de irrigação. Poderá acontecer, contudo, a incorporação de mini-áreas, com a irrigação feita por pequenos proprietários.



Grande parte das várzeas são de pequenas e médias propriedades

# LAVOURA NO MÊS



## ALHO

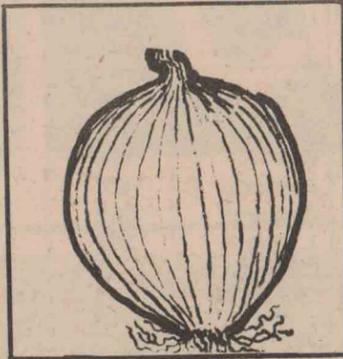
A distribuição da semente de alho teve início em meados do mês de março e continuará em todas as unidades durante o mês de abril. O financiamento de repasse para o alho, para minis e pequenos produtores, poderá ser efetuado através do departamento técnico, sendo que a quantidade de 50 quilos é o mínimo financeiro.

A cultura tem no seu plantio uma das mais importantes operações. É importante preparar bem a terra, e de preferência utilizar matéria orgânica (esterco) na área a ser utilizada. Esta aplicação deverá ser de no mínimo dois quilos por metro quadrado. A adubação química deve ser orientada pelo departamento técnico, pois algumas variedades como o Portela, se desenvolvem melhor em solos fracos. Nesse caso, doses muito elevadas de adubo poderiam prejudicar a qualidade da produção.

O encarteiramento é uma recomendação valiosa, para que se obtenha um produto de melhor qualidade. Isso porque se no final da lavoura, lá por outubro ou novembro, o tempo for muito úmido, os canteiros manterão a área cultivada mais seca. Assim o alho terá menor tendência a perfilhar, o que prejudica seriamente o seu valor comercial.

## CEBOLA

As sementeiras de cebola estão em franco desenvolvi-



mento das plantas, pois a temperatura elevada é favorável ao crescimento da cebola. Mas para isso é preciso que se tome cuidados de manter a umidade em condições adequadas, sendo necessárias uma ou duas regadas por dia, pela manhã e à tarde, molhando bem o solo.

O transplante da cebola na Região Pioneira é iniciado nesse período (abril e maio). O solo onde a cebola será plantada deve ser bem preparado e adubado. O corte das raízes pode ser feito, sendo preciso também que se corte parte das folhas. Estas duas operações não trazem benefício maior à planta, mas favorecem o transplante e deixam as raízes melhor colocadas.

As sementes de cebola Baía Periforme, produzidas e distribuídas pela Cotrijuí, apresentaram alguns problemas de germinação em determinados lotes. Este problema já foi contornado pela substituição dessas sementes por outro lote de qualidade assegurada.

## HORTALIÇAS DIVERSAS

Os meses de março, abril e maio são os de maior trabalho na horta doméstica. É nesse período que tradicionalmente



são cultivadas a maior parte das plantas da horta. As sementeiras devem ser efetuadas de acordo com as recomendações divulgadas na edição anterior do Cotrijornal.

O transplante das plantas da horta apresenta melhor índice de pegamento se for realizado em dias nublados e com boa umidade no solo. Se não houver essas condições é melhor esperar um pouco para realizar o transplante, que deve ser efetuado na melhor situação e tenha sucesso.

Os canteiros definitivos, ao contrário das sementeiras, devem ser bem adubados com matéria orgânica, podendo-se utilizar de três a quatro quilos de esterco por metro quadrado. A irrigação dos canteiros é importante, observando-se que a terra deve ficar bem molhada até a profundidade das raízes da planta. Frequentemente parece que a terra está bem molhada, quando na verdade somente tem umidade numa fina camada superficial.

As espécies que podem ser cultivadas agora são estas: repolho, rabanete, rúcula, agrião, cenoura, beterraba, radiche, alface, almeirão e couves, entre outras.

## Plantio de frutíferas

Como está se aproximando a época do plantio de mudas de árvores frutíferas o pessoal do Departamento Técnico da Cotrijuí está dando algumas orientações quanto à abertura das covas. A cova deverá ter 60 centímetros de boca por 60 centímetros de profundidade. Os técnicos recomendam que a terra de dentro da cova seja substituída por uma outra, rica em matéria orgânica, como a terra do mato, ou então por uma mistura de esterco curtido com terra de boa qualidade.

A abertura da cova deve ser feita com uns 60 dias de antecedência, para que a matéria orgânica fique bem curtida e não venha prejudicar ou queimar as raízes da muda.

Outra recomendação é quanto à distância entre uma cova ou outra. O pessoal técnico diz que entre uma cova e outra, a distância tem de ser de no mínimo quatro metros.

## MUDAS

Os associados interessados em adquirir mudas frutíferas para a formação de pomares, deverão encaminhar seus pedidos, de preferência até o dia 22 de abril próximo. Os pedidos poderão ser feitos em todas as Unidades da Região Pioneira e também na Unidade de Dom Pedrito. O preço da muda frutífera é de Cr\$ 55,00.

Os pedidos de mudas de erva-mate, eucalipto, bem como de espécies nativas, poderão ser encaminhadas até o final do mês de maio.

## A receita dos agrônomos

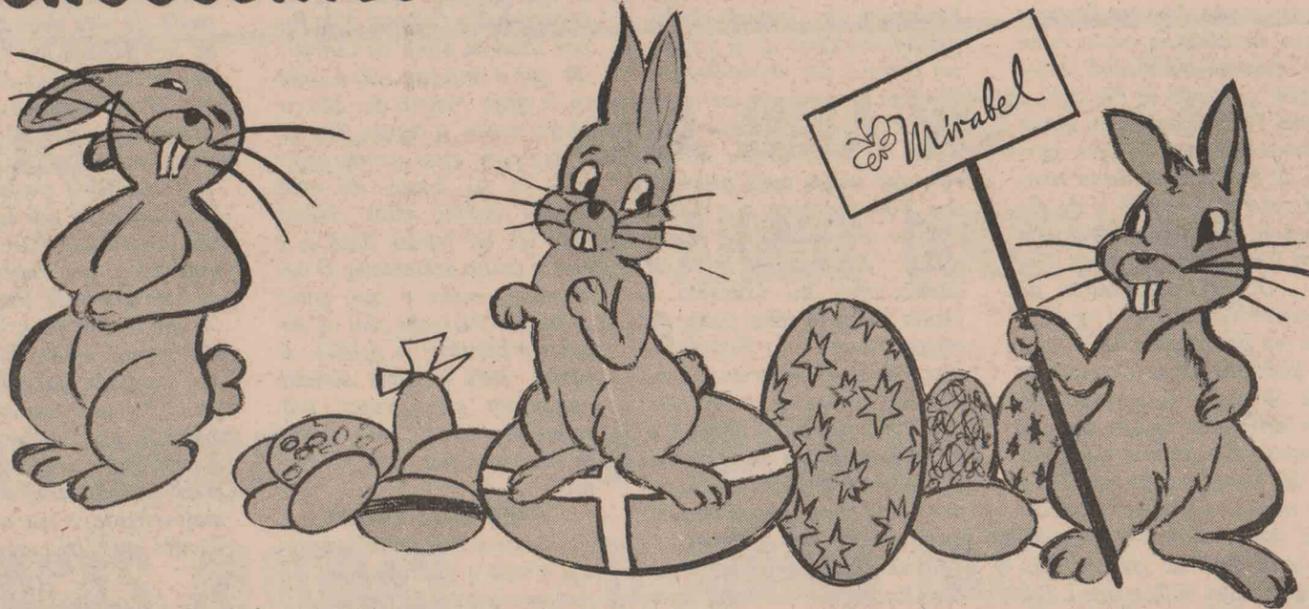
Os agrônomos de Ijuí, Augusto Pestana e Ajuricaba tomaram uma decisão que irá contribuir bastante, daqui pra frente, para que os defensivos agrícolas tenham um uso mais disciplinado. Eles estiveram reunidos em Ijuí, no dia 9 de abril, quando a associação da categoria elegeu sua nova diretoria. Nesse encontro ficou decidida uma atuação mais efetiva dos profissionais, com o objetivo de superar todas as deficiências da legislação que trata dos venenos de controle das pragas e doenças da lavoura.

Segundo Hélio Pohlmann, agrônomo da Cotrijuí, que passou a presidência da entidade para seu colega Décio Deonísio Detoni, a partir de agora eles mesmos é que tomarão a iniciativa de racionalizar o uso de defensivos. Isso quer dizer que os agrônomos criarão algumas regras em seus municípios

(Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana), para que os venenos mais tóxicos deixem mesmo de ser utilizados. E os outros, não tão perigosos, terão uma recomendação de uso mais cuidadosa.

Isso vai funcionar através de acordos da associação com o Banco do Brasil e as empresas do setor. Com o banco, os agrônomos tentarão fazer com que os venenos brabos deixem de ser financiados. E com as firmas, tratarão da comercialização dos produtos. Vai ser feita uma lista dos defensivos considerados mais nocivos, e os agrônomos assumirão um compromisso de evitar a recomendação desses químicos. Assim, segundo o Pohlmann, poderão ser contornadas as indefinições das leis que tratam desse assunto, apesar de já terem sido emitidos mais de 20 documentos a respeito da comercialização e utilização desses venenos.

# ALÔ GAROTADA! O COELHINHO DA PÁScoa ESTÁ INSTALADO NO MERCADO DA COTRIJUI, COM OS DELICIOSOS CHOCOLATES MIRABEL



## Combate à peste suína

Durante dois dias, 9 e 10 de abril, Ijuí serviu de local para o encontro dos médicos veterinários ligados às Delegacias Veterinárias Regionais de Palmeira das Missões, Tupanciretã e Ijuí. No encontro, que contou com a participação do diretor do Departamento de Produção Animal da Secretaria da Agricultura, José Augusto Müller, aconteceu o lançamento do Programa de Combate a Peste Suína e a reativação do Subcentro de Pesquisas Veterinárias de Ijuí, que passou a contar com o trabalho de dois médicos veterinários, Antonio Guilherme Gomes e Rosane Machado.

Desde o início da semana, vacinadores credenciados pela Inspetoria, estão aplicando vacinas em suínos (ao preço de Cr\$ 15,00) no interior dos municípios de Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana.

# SECA: MENOS SOJA, MENOS LEITE, MENOS FEIJÃO

Quem diria que, depois das chuvas até exageradas do início do verão, a lavoura seria novamente ameaçada por uma seca? A estiagem atingiu a soja, as pastagens, o feijão. Secou açudes e só deixou escapar, por muito pouco, a safra de milho. Na Região Pioneira da Cotrijuí, as piores conseqüências dessa seca podem ser notadas em Tenente Portela, que está, aliás, na área do Estado mais atingida pela falta de chuvas.

A seca começou mesmo a apertar pela metade de março, quando as precipitações foram rareando. Mas em Portela no início daquele mês já era possível prever a estiagem. O agrônomo Celestino Dalmolin acredita que a quebra da safra de soja pode chegar a 40 por cento, e por enquanto o número de pedidos de Proagro fica em torno de 30. Um número pequeno, mas que não mostra a realidade da seca no município, pois foram muitos os produtores que formaram parte da lavoura com recursos próprios.

Só os agricultores e técnicos como Sérgio Alberto Didoné, que percorre de vez em quando as áreas mais atingidas, é que sabem mesmo dizer como foram os estragos da seca em Portela. Em algumas localidades, os produtores não viram chuva de verdade durante mais de 40 dias, e até hoje o que há naqueles lados é garoa ou alguma bomba d'água passageira. Há no interior do município lugares onde o pessoal tem inclusive que andar muito a pé, para conseguir água para consumo da casa, pois muitos riachos e córregos secaram.

## PRECOSES ESCAPARAM

No resto da Região Pioneira, a situação é menos grave, mas também vai provocar uma boa quebra na safra da soja, atingindo principalmente as variedades do tarde. E o estranho é que no ano passado faltou chuva para as variedades precoces. A situação se inverteu, e vai prejudicar boa parte da safra, pois quase a metade das lavouras foi formada com soja semi-tardia e tardia, que têm colheita em abril e início de maio.

Este ano, na Região Pioneira, 11,99 por cento das áreas foram ocupadas pela soja de variedades precoces; 4,77 por cento com semi-precoces;

34,81 por cento com plantas de ciclo médio; 31,20 por cento, semi-tardias; e 17,23 por cento com tardias. Foram salvas da seca as lavouras formadas mais do cedo. As outras estão bastante comprometidas, e agora — mesmo que chova — pouca ou nenhuma melhora vão apresentar.

Por enquanto, fica difícil de se prever a quanto andar a quebra da soja deste ano, por causa das variações de município para município. Mas para o caso da produção de leite, os prejuízos já podem ser bem medidos. Segundo o veterinário Otaliz de Vargas Montardo, do departamento técnico da Cotrijuí, os criadores de gado leiteiro enfrentam problemas sérios com as pastagens atingidas pela seca.

## MAIS DE 40 POR CENTO

Otaliz lembra que essa é uma época em que, normalmente, acontece redução na produção, mas nem tanto como agora. A produção geralmente se mantém estável de outubro a janeiro, e depois começa a cair, para se recuperar por volta de junho. Este ano, a recuperação só deverá acontecer lá por julho ou agosto, pois a estiagem não permite que os produtores comecem a formar as pastagens de inverno. Quer dizer que, desta vez, além da queda na produção acontecer mais cedo, a recuperação vai ficar para mais tarde.

Entre janeiro e junho do ano passado, comparando um mês com o outro, a quebra na produção foi de 40 por cento. Este ano, com o problema da seca, deverá ficar bem acima disso, diz o Otaliz. É a partir de agora, de abril, que vai se notar melhor a redução no que vem sendo produzido, e isso já pode ser notado em Ijuí, onde a entrega foi de 37.014 litros dia 1º de abril, e caiu para 33.185 já no dia 10.

Segundo Otaliz, vão poder amenizar a situação os criadores que possuem reservas de forrageiras. E, ano a ano, vai ficando provada cada vez mais a necessidade de se garantir a alimentação do gado no inverno, pois as quebras na produção nessa época acontecem em função das deficiências de pastagens, num período em que os animais mais precisam de alimento.

## O sol queimou tudo

No município de Tenente Portela, onde a seca deixou os maiores estragos na Região Pioneira, isso aconteceu exatamente numa área de bastante mata. Localidades como Jaburiti, Esquina Jaboticaba, Jaboticaba, Cotovelo do Parisinho e Linha Tigre ficaram sem chuva durante dezenas de dias, apesar de próximas de uma enorme reserva florestal e do rio Uruguai, quase na fronteira com Santa Catarina.

O seu José Duarte, de Capoeira Grande, que também fica por perto, mora há 14 anos na localidade, e tem certeza de que ali chove bem menos do que em outras regiões onde já plantou. Ele formou a lavoura de 20 hectares com soja de ciclo médio, e a planta ficou 33 dias sem um pinga d'água, durante a fase de crescimento. Mesmo assim colheu uns 1.200 quilos por hectare. A sorte, segundo ele, é que a terra não foi adubada, porque senão o sol

queimaria ainda mais o solo e a soja.

## TEM EXPLICAÇÃO?

Para o seu Erwes Gessy Rodrigues, do Cotovelo do Parisinho, é mesmo de se perguntar porque não chove por ali. "Eu até já perguntei aos agrônomos se não vale essa idéia deles, de que a chuva só não vem nas zonas mais desmatadas. Aqui tem mato por todo o lado, e mesmo assim a seca é maior, diz ele, que mora há quatro anos no Cotovelo e planta numa ladeira perto da reserva florestal do Turvo. Erwes acha que colheu uns 12 sacos por hectare em quatro hectares onde plantou o Braga. Ele diz que este ano a chuva andou por perto, prós lados da Argentina, mas quase nunca chegou ao Cotovelo.

O guarda florestal Argenor Rodrigues Ferreira, que cuida da reserva do Turvo e também planta, tem um tempo de 20 anos de moradia no Co-

tovelo do Parisinho e diz com certeza que aquele é um lugar de seca braba. Ele também não sabe porque isso acontece, mas o engenheiro florestal Nilo Ruben Lean da Silva, da Cotrijuí, diz que a estiagem não acontece de graça. Mesmo que não conheça muito a região, Nilo diz o que pode estar acontecendo: — As zonas de mata atraem mesmo mais chuvas. Mas ali há muito declive, a área é muito acidentada. O que acontece então é que talvez as frentes frias que vêm da Argentina peguem o declive de costas. Não há uma barreira que segure essas frentes e provoque as chuvas, e então a massa fria passa por cima das matas.

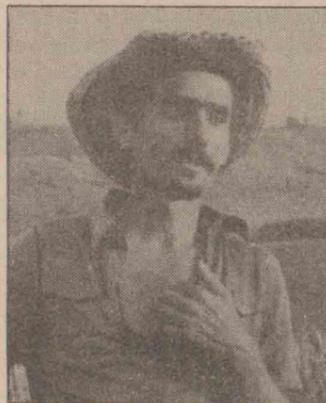
## EXPERIMENTANDO

Mas a seca também arrasou a soja e pastagens em outros municípios da Região Pioneira. Em Vila Jóia, o seu Izidro Fiorin acha que perdeu 30 por cento da soja de ciclo mé-

## AS CHUVAS DE FEVEREIRO E MARÇO

UNIDADES	FEVEREIRO		MARÇO	
	Chuvas (mm)	Dias de chuva	Chuvas (mm)	Dias de chuva
S. Augusto	132	11	75	3
Vila Jóia	211	11	89	5
Ijuí	191	6	25	2
Ajuricaba	92	6	40	2
Chiapetta	262	10	42	2
T. Portela	264	12	54	3
C. Bicaco	90	7	55	3

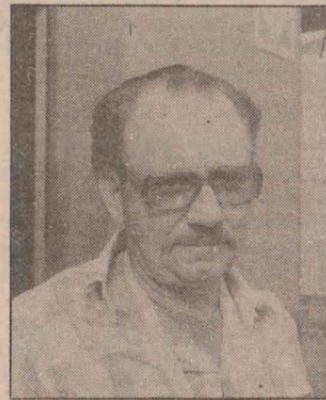
A tabela mostra que é grande a diferença, principalmente no número de dias de chuva, de fevereiro para março. Mas é preciso considerar, principalmente no caso de Tenente Portela, que essas amostragens foram colhidas nas cidades. Muitas vezes, as chuvas não chegaram ao interior dos municípios. Para que se possa ter uma idéia da situação, comparando esses dados, a médias de chuvas em Ijuí em fevereiro, de 1964 a 1977, foram de 155 milímetros, e de 122 em março. Em Santo Augusto, de 1970 a 1977, as médias foram de 106 milímetros em fevereiro, e de 131 em março.



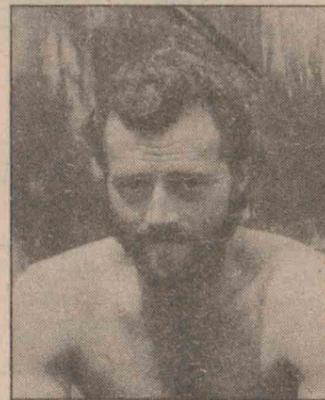
Erwes: andou por perto



José Duarte: 33 dias sem chuva



Izidro Fiorin: nada de precoce



Orestes de Zorzi: menos leite

dio e 80 por cento da tardia, pois não plantou nada da precoce. Ele tem 120 hectares no Rincão dos Machado, em Santo Ângelo, mas a terra está bem em cima da divisa com Tupanciretã, e por ali a chuva também foi escassa. Ele vem plantando da soja mais do tarde, e no ano passado até experimentou a tal variedade UFV-1, que não é recomendada para a região, e colheu 80 sacas para três plantadas.

A UFV-1 é soja do tarde, e o plantio foi por conta. Este ano, a variedade floresceu bem, mas ficou sem vagem, apesar de bem adubada. Dizendo que "o que era pra dar já deu", pois não espera muito da soja tardia, seu Izidro faz uma indagação: "Por que têm acontecido tantas variações climáticas? Nos últimos anos essas variações aumentaram, acontecem mais amíde, e esse descontrolo tem que ter uma explicação".

## MENOS LEITE

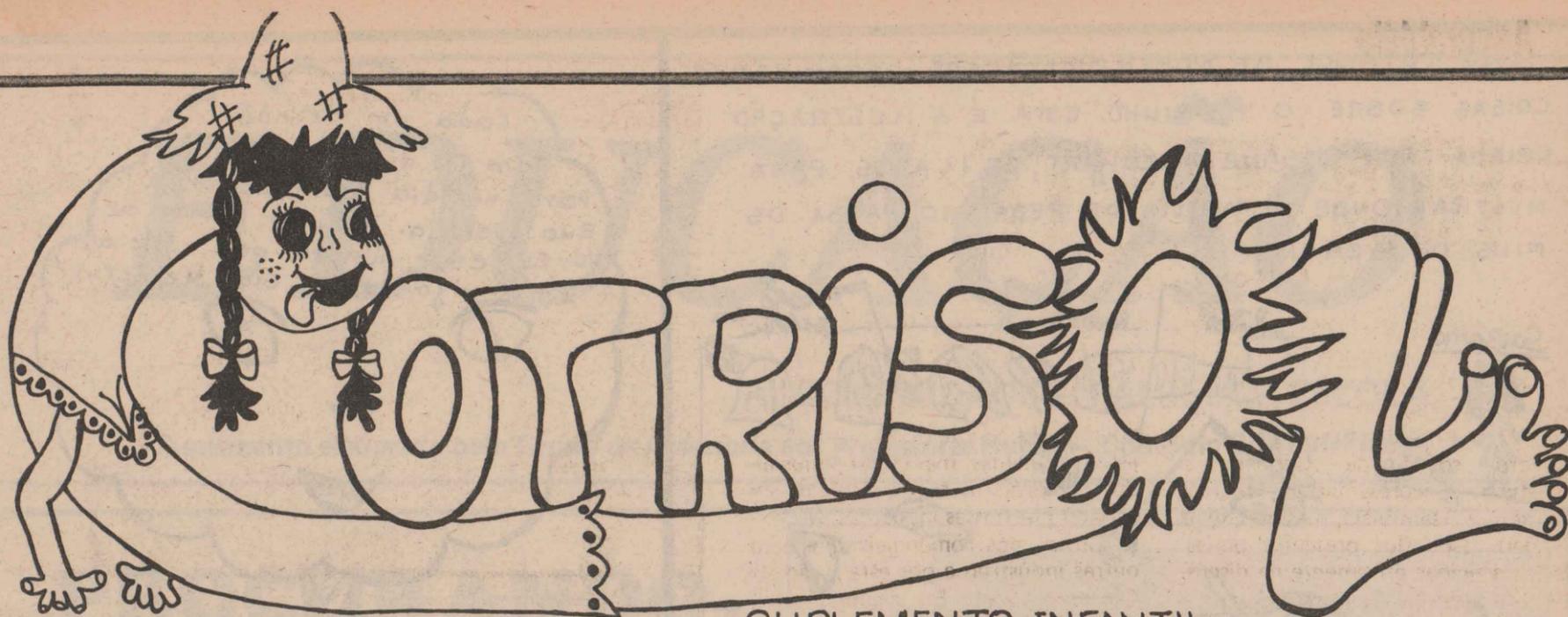
Em Rosário, Augusto Pestana, há bons exemplos de



Argenor Ferreira: seca braba

que a estiagem ameaça ainda a produção de leite. Orestes de Zorzi, capataz da propriedade do seu Giovanni Stragliotto, notou que a produção diária de 10 vacas, que era de 120 litros, foi caindo e chegou a 95 litros no dia 10 de abril.

Segundo Orestes, o capim italiano, dos cinco hectares ocupados pelas vacas, sofreu muito com a seca, pois a última chuva boa havia acontecido na localidade no dia 14 de março. "Se não fosse o pouco de farelo que nós temos, para remediar, o fracasso seria maior", conta ele.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

## Alô amiguinhos!

O que mais nos causa satisfação, é receber as cartas de vocês, pois as mesmas nos animam a continuar.

Neste mês recebemos contribuições dos seguintes coleguinhos:

Moacir Portolan, Elton José Portolan, Maristane Steiernagel e Rosane Arenhard, todos de Ijuizinho, Augusto Pestana. Aliás Augusto Pestana sempre se faz representar muito bem em todos os Suplementos do COTRISOL.

Clair Ladwig da Linha Santo Antônio, e Clóvis Sartório de Cambará, ambos também de Augusto Pestana, mandam suas contribuições.

Ajuricaba também participa: Cláudio Cortes Bueno de Barro Preto, enviou para o COTRISOL uma peça de teatro. Vamos publicá-la, pois poderá servir de subsídio nas Escolas. É bom salientar que teatro deveria fazer parte dos programas escolares.

Marilei Lorenzoni, que mora na Vila Coronel Barros - Ijuí, escreve pela 2ª vez para o COTRISOL.

A Marilei reclama que da primeira vez que escreveu, seu nome saiu errado e foi trocado o nome da localidade em que reside. Pedimos desculpas por este equívoco, e continue escrevendo, e reclamando quando algo não estiver de seu agrado.

De Dourados - Mato Grosso, recebemos a carta de Flávia Kroth. É gostoso saber que o COTRISOL vai para tão longe e é lido por vocês. Oxalá, outros coleguinhos se animem a escrever! Continue participando.

Marli Pezzeni, de Redentora, enviou um bonito desenho, relacionado com a história que o COTRISOL publicou no mês de setembro.

Jane T. Penno nos escreve dizendo que gostou muito que sua sugestão foi publicada e que continuará escrevendo para o COTRISOL. Ela mora em Humaitá - RS.

Agradecemos a todos e esperamos estar contribuindo pelo menos um pouquinho no crescimento de vocês.

Um abraço.



## PÁSCOA ?

### PÁSCOA NÃO É COELHO - É PASSAGEM

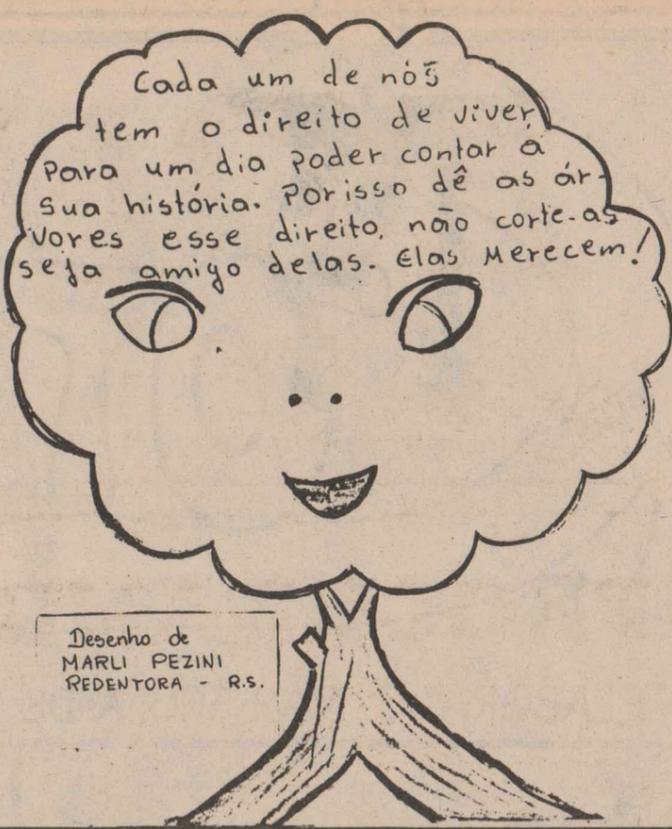
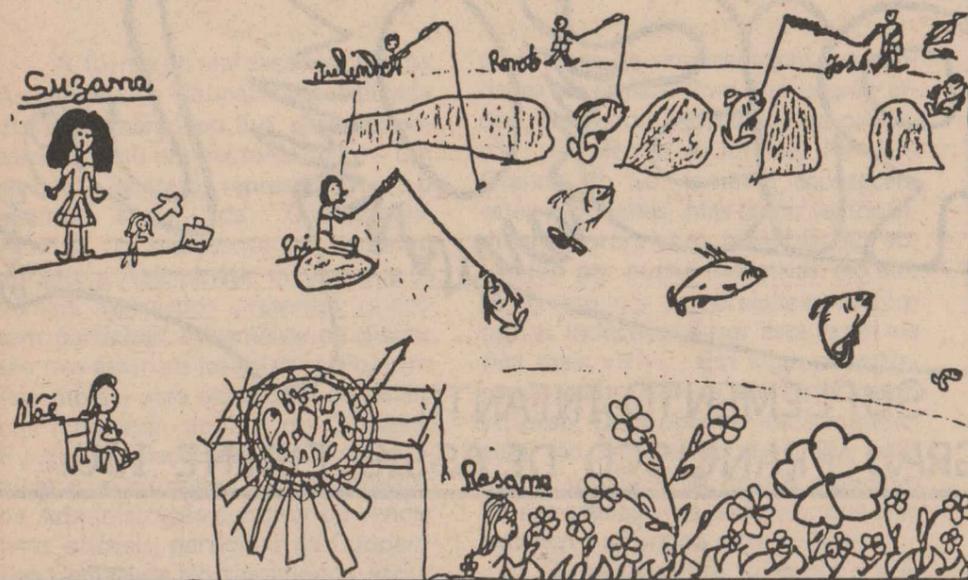
Páscoa, como Passagem, acontecerá quando você:

- na simplicidade e na constância, perceber seus valores e livremente assumir a evolução de sua própria vida;
- cultivar suas capacidades na perspectiva de encaminhar um novo processo histórico, onde a vida e a justiça possam florescer em todos os homens;
- em meio à massa dos oprimidos, oferecer uma nova e radical proposta de vida, assumindo o preço da liberdade conquistada;
- na perspicácia do seu saber, convencer os outros, pelo testemunho da própria vida, que a hora é de luta e . . .

Porque Páscoa é Passagem:

- da dependência, da alienação, para a liberdade dos emancipados;
  - da sofrida massa da maioria injustiçada, para um povo livre e respeitado;
  - do poder das mãos manchadas do pequeno grupo dos privilegiados, para as mãos de quase todos que sangram seu longo cativeiro;
  - da mesquinhez e covardia dos que se entrincheiraram em si mesmos, para as alegrias do ser globalizado;
  - dos complicados artifícios do jogo sujo da vida e dos homens, para a simplicidade e desarmamento interior dos que nada têm a perder.
- Para você, o Convite: deixe aos tolos o perseguir os erros, agilize e proporcione Soluções! Com senso crítico e muita fé, ajude a construir a história de todos nós!

NO COTRISOL DE NOVEMBRO VOCES LERAM VÁRIAS COISAS SOBRE O PEDRINHO. ESTA É A ILUSTRAÇÃO CRIADA POR ROSANE ARENHART, DE 11 ANOS, PARA MOSTRAR ONDE A FAMÍLIA DE PEDRINHO PASSA OS FINS DE SEMANA.



# Hoje não trabalhamos

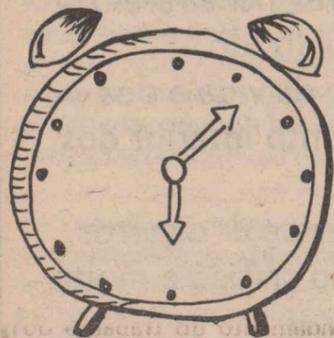
(Peça de teatro)

## Cena I

**Menina** – Quem inventou o trabalho, Ao meu ver, fez muito mal!  
**Menino:** – É mesmo! o trabalho cansa! Não dá prazer, afinal!  
**Menina** – O meu trabalho é o estudo. Mas, hoje estou resolvida. Chega! Não estudo mais O resto de minha vida.  
**Menino** – Boa idéia! Eu também não! Nunca mais trabalharei! Em passeios e folguedos Vou levar a vida de rei!  
**Menina** – Quem quiser que faça o mesmo E agora, para começar Vamos dar uma voltinha?  
**Menino** – É um sorvetinho tomar! Eu conheço um sorveteiro. Que trabalha por aqui.  
**Menina** – E tem sorvetes gostosos?  
**Menino** – Se tem! Manga, abacaxi... Sorveteiro, sorveteiro!  
**Menina** – Onde se terá metido?

## Cena II

**Sorveteiro** – Alguém me chamou?  
**Menino** – Chamamos!  
**Menina** – Um sorvete bem servido!  
**Sorveteiro** – É, mas hoje, eu não trabalho



**Menino e menina (juntos)** – Mas por quê? Que aconteceu?  
**Sorveteiro** – A moça que faz sorvete Hoje não quis trabalhar.  
**Menino e menina** – Nós vamos falar com ela! E haveremos de arranjar!

## Cena III

**Menina** – Ó moça que faz sorvete!...  
**Moça** – Quem me chama?  
**Menina** – Nós! E então? Por que não trabalhar hoje?  
**Menino** – Também na vadição?  
**Menina** – Por que não fez os sorvetes?  
**Moça** – Não pude, não houve trem?  
**Menino** – Ora essa!...  
**Moça** – ... O maquinista não foi trabalhar também!  
**Menino** – Vamos procurá-lo. Vamos!

## Cena IV

**Maquinista** – O que é que há? O que é?  
**Menino** – Hoje você não trabalha?  
**Maquinista** – Não posso: torci o pé!  
**Menina** – Chame o médico!  
**Maquinista** – Eu chamei, mas ele...  
**Menino** – Já sei! Não vem!...  
**Menina** – Não vem? Com certeza o médico não trabalha hoje também!  
**Menino** – O doutor! Doutor responda!

## Cena V

**Médico** – Que aconteceu, meus meninos?  
**Menino** – Não vai trabalhar doutor?  
**Médico** – Ó, a culpa não foi minha. Foi do meu despertador! Que tem ele? (leva o relógio ao ouvido)

Está parado!  
 Não tocou prá me acordar!  
 (sacode o despertador)

## Cena VI

**Despertador** – Ai, seu doutor! Tenha pena!  
 O senhor vai me quebrar!  
 Cuidado com os meus ponteiros!  
 Assim vai escangalhar! (doutor solta-o).  
**Médico** – Porque não está trabalhando?  
**Despertador(chorando)** Ai, coitadinho de mim!...

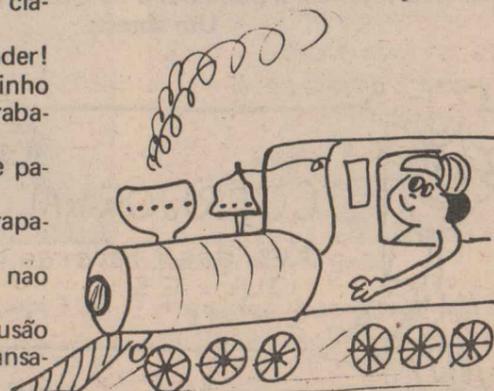
(canta)  
 Sou um pobre relógio,  
 Estou sempre a trabalhar,  
 Desde o dia em que fui feito  
 Vivo as horas a marcar:  
 Tic, tac, tic, tac.  
 Mas hoje acordei cansado,  
 E pus-me a pensar assim:  
 – Vou parar só um pouquinho,  
 Que ninguém repara em mim!  
**Médico (zangado)** – Por isso eu perdi a hora!

**Maquinista (acusador)** – E não tritou do meu pé!  
 Eu não saí com trem,  
 E nem podia, não é?  
**Moça** – Sem trem não fui trabalhar  
 Nem os sorvetes fazer!  
**Sorveteiro** – E sem sorvetes, é claro!  
 Eu não podia vender!  
**Médico** – Veja só o meu relógio  
 Se o mundo todo trabalha.  
 Um trabalhador que pare,  
 Aos outros logo atrapa-lha.

**Despertador** – Desculpe-me eu não sabia.  
 Que ia causar confusão  
 Porém fiquem descansados

Que, não vou parar não!  
 (canta)  
 E as horas bem certinhas  
 Com prazer eu vou marcar,  
 Esperando o sol nascer  
 Para todos despertar  
 Priim! Piriirriiiiiiiiiim!  
 (Todos dão-se as mãos e cantam a melodia).  
 Ah! Eu entrei na roda  
 Nesta roda do trabalho  
 Vamos cantar a uma voz  
 O trabalho é agradável,  
 Quando não estamos sós!  
 Trabalhadores bem unidos,  
 Bem feliz o coração  
 O trabalho rende mais  
 Quando há colaboração.  
**Despertador (para os meninos)** – Vocês não querem entrar na roda?  
**Menino** – Eu quero sim!!  
**Menina** – E eu também!  
 Quem inventou o trabalho, a meu ver...  
**Todos** – Fez muito bem!  
 (cantam)  
 Trabalhadores bem unidos,  
 Bem feliz o coração.  
 O trabalho rende mais  
 Quando há colaboração.  
 Fim.

Claudio Côrtes Bueno – 13 anos – 6a. série – Barro Preto – Ajuricaba.



ESCREVA O NOME DE CADA FIGURA NA DIREÇÃO INDICADA PELA SETA. VEJA O EXEMPLO.

Colaboração de:  
ELTON PORTOLAN  
AV. Pestana

### CAÇA-PALAVRA

PROCURE NO GRUPO DE LETRAS AO LADO OS NOMES INDICADOS ABAIXO DOIS JÁ FORAM MARCADOS

- ÂNCORA
- TAMBOR
- MAÇA
- SERROTE
- SOL
- VACA
- BOLO
- CORUJA
- CAMISA
- JACARÉ

X	H	M	B	C	A	R
T	A	R	M	I	X	T
M	N	O	I	C	I	S
M	O	B	O	R	T	E
B	C	O	S	I	E	R
O	O	V	A	C	A	R
R	R	A	C	T	H	O
N	T	N	I	E	B	T
J	A	S	A	T	O	E
A	M	O	N	R	L	A
C	B	A	C	T	O	U
A	O	S	O	P	O	R
R	R	T	R	S	E	T
E	I	M	A	Ç	A	G
O	D	A	J	E	R	C
C	O	R	U	J	A	A
N	S	T	E	I	N	M
S	R	C	M	B	O	I
O	M	A	H	A	C	S
L	L	J	L	A	R	A
I	E	C	A	J	H	O

Colaboração de  
MOACIR BORTOLAN  
IUIZINHO - Aug. Pest.

### Bilhete enigmático

ESCREVA O QUE DIZ O BILHETE E MANDE p/ Cotrisol

H NO

AJUDE A ABELHINHA CHEGAR NA FLOR PARA TIRAR O NECTAR E FAZER O NOSSO MEL DELICIOSO!

CONTRIBUIÇÃO DE MARILEI LORENZONI  
VIA COL. BARROS - IUI -

### ATENÇÃO!

RECEBEMOS UMA CARTA DE MIRAGUAI, ASSINADA POR AMILTON L. MENEZES. ELE É DIRETOR DE UM CLUBINHO DE CRIANÇAS. SOLICITA A DIVULGAÇÃO DO MESMO E CONVIDA OS INTERESSADOS PARA PARTICIPAR.

O "CLUBE DOS JUVENIS" TROCA CORRESPONDÊNCIAS, SELOS, POSTAIS, CALENDÁRIOS, ... E ELABORA UM JORNALZINHO - O JORNAL "O GROTINHO", EDITADO MENSALMENTE, EM QUE SÃO PUBLICADOS CONCURSO DE DESENHOS, HISTÓRIAS, ADIVINHAÇÕES, SORTEIOS DE QUATRO VIOLÕES POR MES, HUMOR, CRUZADAS, E MUITO MAIS PARA VOCES.

SE DESEJAREM MAIORES INFORMAÇÕES ESCREVAM PARA:  
AMILTON LUIZ MENEZES  
CLUBE DOS JUVENIS  
C.P. 98540 - MIRAGUAI - RS



# Lazer com habilidade

Nos dias de chuva, ou de frio, ou ainda à noite muitas vezes, vocês ficam sem saber o que fazer.

Mamãe geralmente não deixa brincar dentro de casa. Ela diz que tudo fica "bagunçado". Mas como toda criança gosta de ação, não gosta de ficar parada, o COTRISOL, sugere a confecção de alguns jogos. São bem fáceis de fazer:

**Quebra-cabeça**

**Material** — cartolina ou papelão

— canetinhas ou tinta

— tesoura

**Modo de fazer.**

Faça um bonito desenho sobre a cartolina ou papelão (Procure você mesmo criar o desenho).

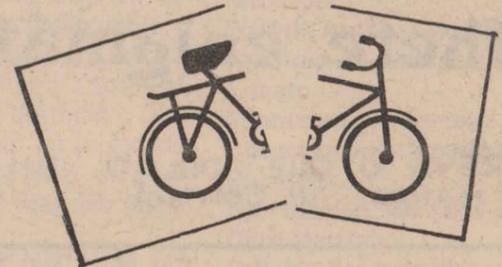
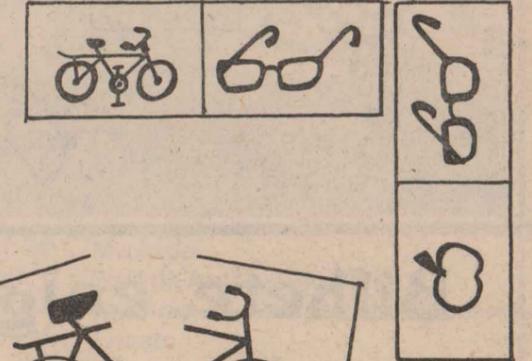
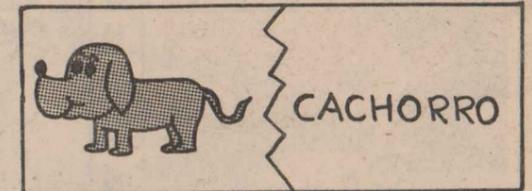
Recorte a folha em formas diferentes

Depois tente montar a figura novamente

Convide seus irmãozinhos ou coleguinhas e invente formas diferentes para jogar:

Obs: Este jogo pode ser feito ainda sobre madeira, serrando depois as partes. Fica um jogo bem mais durável.

Este tipo de jogo também pode ser feito na forma de encaixe ou dominó. Veja as ilustrações:



## Adivinhações



- 1 — O que é que tem dente mas não come, tem barba mas não é homem?
- 2 — Tem bico e não bica, tem asas e não voa?
- 3 — Sete irmãos, cinco tem sobrenome e dois não tem. Quem é?
- 4 — Qual o mês que as mulheres falam menos?
- 5 — Qual é o pássaro que voa para trás?
- 6 — Qual é a bebida cujo nome é mau conselho?
- 7 — Por que é que quando o touro está brabo ele baba?

Contribuição de Flávia Kroth de nove anos — Dourados — Mato Grosso do Sul.

- 1 — O que é que tem o corpo de ferro, tripa de fogo e barriga de alisar?
- 2 — A palavra que tem oito letras, tiram-se quatro e ficam oito?
- 3 — Quando é que os médicos tem clientes burros?
- 4 — Como é que se chamava o pai dos filhos de Zebedeu?
- 5 — O que se paga e não se vê?
- 6 — O que é quando está direito está torto e quando está torto está direito?

Contribuição de Anselmo Clóvis Sartório — 10 anos — Cambará — Augusto Pestana.

## CAÇA PALAVRA

V	B	L	U	S	A	A	B	C	X	C	M	P
X	A	B	B	T	O	U	C	A	A	T	A	O
Z	A	L	A	R	A	C	A	P	L	G	N	C
L	I	M	N	O	V	E	L	O	E	O	T	A
U	N	E	C	O	B	E	R	T	O	R	A	P
V	A	I	P	U	L	O	V	E	R	R	B	A
A	C	A	S	A	C	O	L	Ã	B	O	B	P

PROCURE E MARQUE NO GRUPO DE LETRAS DO QUADRO TODOS OS NOMES DAS COISAS QUE VOCÊ PODE FAZER COM LÃ DE OVELHA. UM NOME JÁ FOI ENCONTRADO, PROCURE OS OUTROS. É FÁCIL!...

BLUSA  
CAPA  
CAPOTE  
CASACO  
COBERTOR  
GORRO  
LÃ

LUVA  
MANTA  
MEIA  
NOVELO  
PULOVER  
TOUCA  
XALE

Colaboração de  
Maristane  
Steinragel  
12 anos

# EDUCAÇÃO

COMUNIDADE – FAMÍLIA – ESCOLA

Suplemento elaborado pelo Grupo de Assessoria aos Professores Rurais – Convênio Cotrijuí/Fidene

## PROCURANDO

“Um livro que faltava”

Por decisão da ANAI – Associação Nacional de Apoio ao Índio – Ijuí – RS está sendo publicado o livro “Procurando”. O seu conteúdo, que aborda a realidade do indígena, destina-se ao uso didático nas escolas de 1º grau. A elaboração deste material tornou-se possível pela colaboração de um grupo de professores do qual participou Nara Arzivenko, Hilário Barbian, Jaeme Luiz Callai, Marymarcia Guedes, Danilo Lazzarotto, Dulci Claudete Matte, Ligia T. L. Simonian e Paulo A. Zart. Teve ainda a participação de Jader Teixeira na montagem da capa e da menina Patrícia Simonian nas ilustrações.

“Procurando” contém numa 1ª parte, textos para serem utilizados em salas de aula de 1ª a 4ª série. Na parte seguinte, os textos destinam-se aos alunos de 5ª a 8ª séries, além de mapas indicando as localizações dos diversos povos, reduções e postos indígenas.

Os costumes, aspectos históricos, sociais, econômicos e políticos dos indígenas são os temas abordados pelos autores dos textos. Os seus autores procuram expressar uma imagem realista dos primitivos habitantes do Brasil e da situação vivida atualmente por estes povos.

Julgamos bastante oportuna esta publicação, principalmente pelo fato de colocar a disposição dos professores e alunos de 1º grau uma nova versão de uma realidade que geralmente é distorcida. Sabemos que tradicionalmente em nossas escolas o indígena é estudado a partir de uma imagem idealista, cinematográfica, americanizada, irreal. Este livro vem de fato possibilitar um estudo mais coerente deste assunto.

Para que os nossos leitores tenham uma idéia mais definida sobre o que estamos anunciando, publicamos a seguir dois textos que fazem parte desse livro.

### CAFEITÃ O MENINO FELIZ

No meio de um mato muito grande, com muitas espécies de animais e um rio cheio de peixes, havia uma pequena aldeia. As casas eram

de palha, não muito grandes. Ali vivia um povo alegre.

Todas as manhãs, quando o sol aparecia, já se via pessoas andando de um lado para outro. As crianças corriam na frente das casas e às vezes acompanhavam os grandes.

Cafeitã era um indiozinho que morava nessa aldeia. Era um menino forte, que já acompanhava o pai em algumas caçadas e pescarias, andando muito pelo mato que não tinha fim. Ele estava aprendendo a manejar o arco e a flecha e queria saber atirar tão bem quanto o seu pai.

Todos os dias Cafeitã e seus amigos brincavam no rio. Também brincavam na aldeia, fazendo lutas para medir a força e a agilidade. Em dias de festa Cafeitã apreciava as pessoas grandes a dançar e jogar. Gostava muito era de ouvir as histórias que os mais velhos sabiam contar.

O menino Cafeitã tinha muita saúde. As frutas do mato, a carne, a mandioca, o milho, faziam com que ele crescesse sadio e alegre, como todo seu povo.

Cafeitã, nesta vida que levava, era um menino feliz.

### O AVÔ CAFEITÃ

A aldeia alegre rodeada de mato, em que as pessoas viviam felizes, mudou bastante.

Cafeitã já não é mais menino. Agora é avô. É ele quem conta as histórias do seu povo. Ele conta, mas tem poucos para ouvir. As histórias que conta dizem como tudo mudou.

As crianças, já não querem ouvir o velho Cafeitã, querem ouvir rádio, e como gostam das músicas que toca! Elas que tanto gostavam de atirar com arco e flecha, de brincar com balaços e animais, agora pedem trator de plástico e bola de futebol.

Na aldeia não tem mais alegria. Festas não há mais. Muitos não lembram e nem gostam das festas e jogos de antigamente. Também não tem mais tempo de pensar em festas. Os índios agora são peões. Trabalham nas roças dos outros. Traba-

lham em roças feitas nas suas terras, que agora são dos chamados civilizados. Os “civilizados” entraram nas terras dos índios, derrubaram o mato, fizeram lavouras e construíram casas. Ali surgiram vilas e cidades, vieram as estradas e hoje até asfalto tem. Chegou o progresso para aquelas terras, mas os índios estão na miséria.

Cafeitã observa tudo isto com grande sofrimento. Quantos morreram de doenças novas depois que o homem branco chegou. Doenças que não conheciam e para as quais não tinham remédio. Muitos morreram de doenças simples porque estavam fracos.

Cafeitã não sabe o que dizer para ajudar o seu povo. Também não sabe o que fazer. Ele apenas pode contar como tudo mudou. Pode contar para aqueles que querem ouvir.

Nota: “PROCURANDO” pode ser adquirido junto a Livraria Universitária da FIDENE – IJUÍ – RS.

Informações: ANAI – IJUÍ – RS – C. Postal 560

Foto: Lygia Simonian



Esta foto ilustra a capa de “Procurando”

## NOSSA EDIÇÃO

Abril chegou. Neste período do ano já estamos no segundo mês de aulas em nossas escolas. Sabemos que muitas são as preocupações e problemas enfrentados pelos colegas professores. No sentido de fornecer subsídios para este trabalho, dedicamos este número do nosso Suplemento para questões bem relacionadas a vida escolar.

Assim, o colega Vicentini, escreveu Um enfoque sobre o Ensino de Língua Portuguesa. A Noeli preocupada com as nossas leituras elaborou Leitura na Escola – Um Problema.

Já a Lori pensou no ensino de ciências e deu uma dica aos colegas com Ciências e Realidade.

Além disso, aproveitamos para divulgar o livro “Procurando”, uma publicação da ANAI – Ijuí, e comunicar a todos os interessados o andamento do trabalho do GAPR.



O estudo não deve ser feito apenas na sala de aula, mas sim também a partir da observação

## CIÊNCIA E REALIDADE

A ciência que os professores ensinam ao aluno nas séries iniciais está ligada, normalmente, a coisas como: pires de uma árvore imaginária; mistura de água com açúcar ou com farinha; classificação dos animais em vertebrados e invertebrados ou em úteis e nocivos para o homem; conselhos como: tome banho todos os dias, escove os dentes após as refeições, coma alimentos com vitaminas e a partir disso decorar constatações que já vem prontas nos livros.

Esta maneira de ensinar ciências não permite que a criança conheça cientificamente os animais, os vegetais e o ambiente, as relações que existem entre eles e suas modificações através dos anos pelas mudanças da própria natureza ou por interferência dos homens. Ela também não consegue perceber os difíceis caminhos que os cientistas percorreram para chegar ao atual estágio do conhecimento científico e tecnológico.

Os nossos "pequenos cientistas" precisam chegar o mais perto possível do fazer ciência, mesmo não tendo condições suficientes como laboratório, livros e professores especializados. Este fazer ciência dependerá do método que nós professores vamos utilizar. Podemos optar por métodos que estudem os fenômenos separadamente ou de forma relacionada como eles acontecem na realidade.

Para estudarmos de forma relacionada os fenômenos precisamos centralizar o trabalho do aluno na ação. A ação ajuda na problematização do aluno. Ação no verdadeiro sentido, isto é, com consciência e conhecimento do que fazer. A ação terá uma relação direta no processo de aprendizagem. As experiências feitas normalmente em nossas escolas são "receitas de bolo", isto é, o alu-

no faz a mistura dos elementos ou assiste a demonstração do professor.

Nestas experiências o aluno não foi problematizado (encucado), esqueceu-se também a maneira pessoal de cada indivíduo perceber e/ou compreender o fenômeno. A partir da observação de um fenômeno concreto surgirá o problema para o aluno. Começa a busca de informações, os questionamentos, as comparações, o estabelecimento de relações e a realização de uma série de atividades para solução do problema ou surgimento de novos problemas.

A aquisição do conhecimento (1ª a 4ª séries) iniciará pela observação de fenômenos do dia-a-dia do aluno, do que existe, do que existiu, mudanças ocorridas, relações existentes, semelhanças e diferenças através de conversas, coleta de dados, informações e materiais relacionados com os seres vivos e meio ambiente, a interrelação existente entre eles e a transformação da natureza pelo homem.

A etapa seguinte se buscará em situação de laboratório (experimentação) um acompanhamento "rigoroso" dos fenômenos que acontecem de forma normal na vida do aluno. Este participa com mais cuidado e controle à cada fase do experimento. Anota dados, compara, analisa as interferências, busca novas informações, repete as atividades, soluciona os seus problemas, sistematiza o conhecimento e aplica-o em novas situações.

Neste método de trabalho, o aluno identifica o problema, procura solucioná-lo através da procura de vários conhecimentos (conteúdos) ou instrumentos. Os conhecimentos ele encontrará em livros, revistas, prof., colegas, outras pessoas. Ele vai construir o seu próprio caminho para fazer investigação científica.



## O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Levanto cedo. Trato os bichos. Como um pão. Apanho a pasta com o livro e cadernos e saio à escola.

O pai quer que eu estude. Sei que os pais de alguns colegas não têm o mesmo querer. Alguns deles acham que é perda de tempo mandar seus filhos à escola. Tem dias que também penso assim. Às vezes é chato ficar sentado ouvindo a professora falar. É chato fazer tudo o que ela manda: tema de casa, cópias, redação, contos... Mas as vezes até que é bom ir à escola. A gente escapa de ir na roça trabalhar. Também a gente dá uma jogadinha de bola na hora do recreio.

Meu pai diz que eu devo estudar para "vencer na vida". Ele não tem mais terras para me dar e também para dar aos meus maninhos. Ir trabalhar de empregado na cidade também não está fácil. O emprego não se arranja assim tão facilmente. Tem muita gente indo para a cidade e os empregos são poucos. Além disso papai diz que o empregado não está ganhando muito não.

Tudo isso me faz pensar: pra quê estou indo à escola? Às vezes penso que papai tem razão; o jeito é estudar mesmo para "vencer na vida". Mas ao mesmo tempo não consigo entender como é que estudando poderei vencer, se só tem emprego, na cidade pra quem estuda e lá o emprego está difícil! E o que seria "vencer na vida"?

Papai quando fala em "vencer na vida" sempre pensa em ter bastante dinheiro, ter casa para morar, ter carro, ter terras. Não sei se vencer seria isso; não sei mais nada. Estou confuso! Além disso fico a pensar naqueles que nem sequer vão à escola. Tenho uns quantos vizinhos que não vão. Alguns vão até 2ª ou 3ª série, depois "abandonam" a escola. Outros colegas passam de ano sempre, mesmo que não saibam nada. Como esses vão "vencer na vida"?

A introdução que fizemos poderia não ser "papo" de criança, mas

que essas idéias passam pela sua cabeça, lá isso passam.

Essa introdução nos possibilita perceber que a criança está angustiada com respeito ao seu e ao nosso trabalho na escola. As causas disso tudo são várias e sobre isso já vimos discutindo no meio rural há muito tempo. Sem nos determos a outras possíveis causas, abordaremos, hoje o trabalho em Língua Portuguesa. Como este vem sendo feito, poderá ser uma das causas do aluno não se sentir bem em aula.

O ensino de Língua Portuguesa tem andado capenga em nossas escolas. Procuramos, quase sempre, seguir um livro texto ("comunicação e expressão"), o qual traz os textos, mais exercícios de fixação e sugestões para redações. Fazemos um trabalho de leitura, preenchimento de exercícios e os corrigimos de acordo com o livro (enviado pela editora) que contém as respostas prontas. Até planejamento já vem pronto. Nós professores não precisamos pensar em nada. É só trabalhar, ou melhor, é só desenvolvê-lo.

Os exercícios que aparecem nos livros pedem mais ou menos o seguinte: "Quem é o autor do texto?"; "Quantos parágrafos tem o texto?"; "Completar as frases tiradas do texto; etc. Cada dia damos uma leitura e mandamos fazer os exercícios. O que isso tem a ver com o dia-a-dia da criança, dos pais, da sociedade em que estão inseridos e com os demais grupos sociais, ah!, isso não interessa. Para redação, já vem sugestões de títulos nos livros: "O Barco do Paulinho", "O Jangadeiro", "A Primavera", "O Dia das Mães", "A Tempestade"... É só dar o título que os alunos se lascam fazendo. Corrigi-las é fácil. É só riscar, com tinta vermelha de preferência, os erros ortográficos (os que reconhecemos como tal), os erros de acentuação e devolvê-las com uma nota. Os "bons" alunos sempre terão boas notas. Os "maus" estes não adianta nada, é só fazê-los rodar

mesmo! Não aprendem, eles são "burros"!

A linguagem que tem nos livros é a que eles têm que ler e também usar quando escrevem. Se não souberem ler e escrever de acordo com a língua "padrão", azar deles. Nós queremos que eles saibam ler e escrever. Talvez esteja aí uma das causas, dentre tantas outras, que levam a criança a não sentir na escola "o meio de vencer na vida" como foi constatado na introdução (ou como se diz por aí). Analisando-se essa forma de trabalhar Língua Portuguesa, podemos levantar uma série de questões. Esta forma não leva em consideração que existe um nº infinito de variantes Lingüísticas utilizadas pelas pessoas ao se comunicarem. Dentre essas variantes acha-se a chamada "Língua Padrão". Porém são poucas as pessoas que a dominam, quer falando, quer lendo, quer escrevendo. Contudo, a forma tradicional de trabalhar L.P. não leva em consideração essas variantes lingüísticas. Não leva em consideração que elas são eficientes na comunicação, só impõe uma variante (a padrão) que aparece nos manuais didáticos.

Vejam um exemplo de uma conversa de um aluno de 2ª série do elementar em sala de aula: — "Professora, ele apinhou uma pedra ne eu pramode eu não pegá o ariticum dele!" Nessa variante Lingüística a criança transmitiu as seguintes informações:

- a) Professora, ele (José) atirou uma pedra.
- b) José atirou uma pedra em mim.
- c) Eu (Pedro) queria pegar o ariticum.
- d) O ariticum era dele (José).

Qualquer pessoa, do seu meio entenderia que o aluno, ao fazer a frase oralmente, comunicou as idéias acima descritas. Portanto, a sua linguagem foi eficiente na comunicação.

Esse fato aconteceu numa situação "X" (pátio da escola — disputa pela fruta — briga) e também num contexto determinado. Para ampliar a narrativa estariam faltando informações, pelo menos estas não estão explícitas na sua frase, ou seja, na conversa dele. Essas informações poderiam ser buscadas no grande grupo, e consequentemente resultaria num texto com mais informações. Ou vejamos, quais seriam as informações que estariam faltando?

- e) Existia (m) pé (s) de ariticum (ns) perto da escola.
- f) Era época de ariticum
- g) As frutas eram maduras e tentadoras.
- h) As crianças na hora do recreio tiravam as frutas.
- i) E brigavam por causa das frutas.
- j) Eu levei uma pedrada.

Poderíamos, então, a partir dessas idéias surgidas no grande grupo, ordená-las de modo a formar uma narrativa formal (Língua mais aproximada da padrão):

- 1) Era época de ariticum.
- 2) Existia um pé de ariticum perto da escola.
- 3) As frutas estavam maduras e por isso eram tentadoras.
- 4) As crianças, na hora do recreio, tiravam as frutas.
- 5) Elas brigavam por causa das frutas.
- 6) Professora, José atirou uma pedra.
- 7) José acertou uma pedrada em mim.
- 8) Eu (Pedro) queria pegar o ariticum dele (José).
- 9) Levei uma pedrada.

Esse texto poderá ser trabalhado em língua portuguesa. Ele tornou-se uma narrativa quase que formal, contendo uma estrutura (o que, quando, quem, onde, como, porquê) que a criança precisa aprender. A partir dele poderíamos trabalhar outras questões de L. P., tais como o uso de pronomes (ele, eu... ). Pode-

ríamos trabalhar ortografia, acentuação, etc. Porém o que achamos mais importante é que o trabalho do professor não desconsidere a variante Lingüística utilizada pela criança e ao mesmo tempo tenha a preocupação de trabalhar a Língua Padrão. Mas para tanto poderá partir da variante lingüística utilizada pela criança.

Se assim procedêssemos, o ensino de Língua Portuguesa não seria tão chato para a criança como foi constatado na introdução. Estaríamos trabalhando o uso da Língua e não a meta-língua que seria mais para especialistas em letras.

E com ouvirmos afirmações de que é necessário preparar a criança para o futuro. Nesse sentido tem gente trabalhando o L. P. no 1º grau pensando em preparar o aluno para o 2º grau. Os do 2º grau se preocupam em prepará-lo para o vestibular. No entanto esquecemos que a criança tem uma variante lingüística (como já afirmamos anteriormente) que está sendo eficiente para ela comunicar-se. Esquecemos também que a criança está sendo e não será o homem do amanhã. Se trabalharmos o uso da Língua, falada, escrita no seu meio, estaremos possibilitando que ela entenda a língua que os outros falam e escrevem. Portanto, o importante seria deixar de lado a forma como vem sendo trabalhada a Língua Portuguesa (dando conceitos sobre substantivo, adjetivo, pronomes, verbos, frases, orações, parágrafos, conceitos sobre análise sintática externa e interna) principalmente no 1º grau e tentarmos criar formas novas de trabalhá-la. Nós juntamente com professores dos municípios de Bicaco, Miraguai e Chiapetta, estamos tentando modificar nossa maneira de proceder em sala de aula, não só na área de comunicação e expressão como em todas as áreas. Aqui nos limitamos a abordar alguns aspectos do Ensino de Língua Portuguesa. Em outra ocasião pretendemos discutir algo sobre as outras áreas.

## COMO VAI NOSSO TRABALHO

Procuramos sempre através deste suplemento informar os leitores sobre o trabalho do Grupo de Assessoria aos Professores Rurais. Ao leitor pode parecer estranho esta informação, pois trata-se de um trabalho realizado na Fidene e não teríamos porque divulgá-lo. Ocorre no entanto, que este Grupo constitui um setor organizado especialmente para desenvolver um projeto junto a professores do meio rural, em municípios da região e, por isso julgamos oportuno comunicar através deste jornal o que estamos fazendo. Também aos associados da Cotrijuí esta é uma comunicação necessária, pois este nosso trabalho faz parte de Convênio entre a Cooperativa e a Fidene.

Durante todo o ano passado realizamos um projeto de Produção de textos com os professores de Miraguai, C. Bicaco e Chiapetta. Estes textos destinavam-se a montagem de livros para serem utilizados pelos alunos de 1ª a 4ª série do meio rural.

Neste mês de março de 1981, fizemos a entrega aos professores e alunos, destes três municípios, da série CAMINHOS...

A série Caminhos... está composta de três volumes destinados para as crianças e, de um quarto volume para uso exclusivo do professor. Na nossa próxima edição estaremos publicando uma completa matéria sobre estes livros.

Neste ano de 1981, estamos trabalhando nesses três municípios, onde juntamente com os professores e Órgãos Municipais de Ensino, estamos dando continuidade ao projeto. Nesta etapa, pretendemos atingir mais diretamente a prática de sala de aula. Nesse sentido, estamos nos reunindo, discutindo, planejando e executando um trabalho prático, baseado em princípios metodológicos que levem em consideração uma realidade rural.



# UM PROBLEMA: LEITURA NA ESCOLA

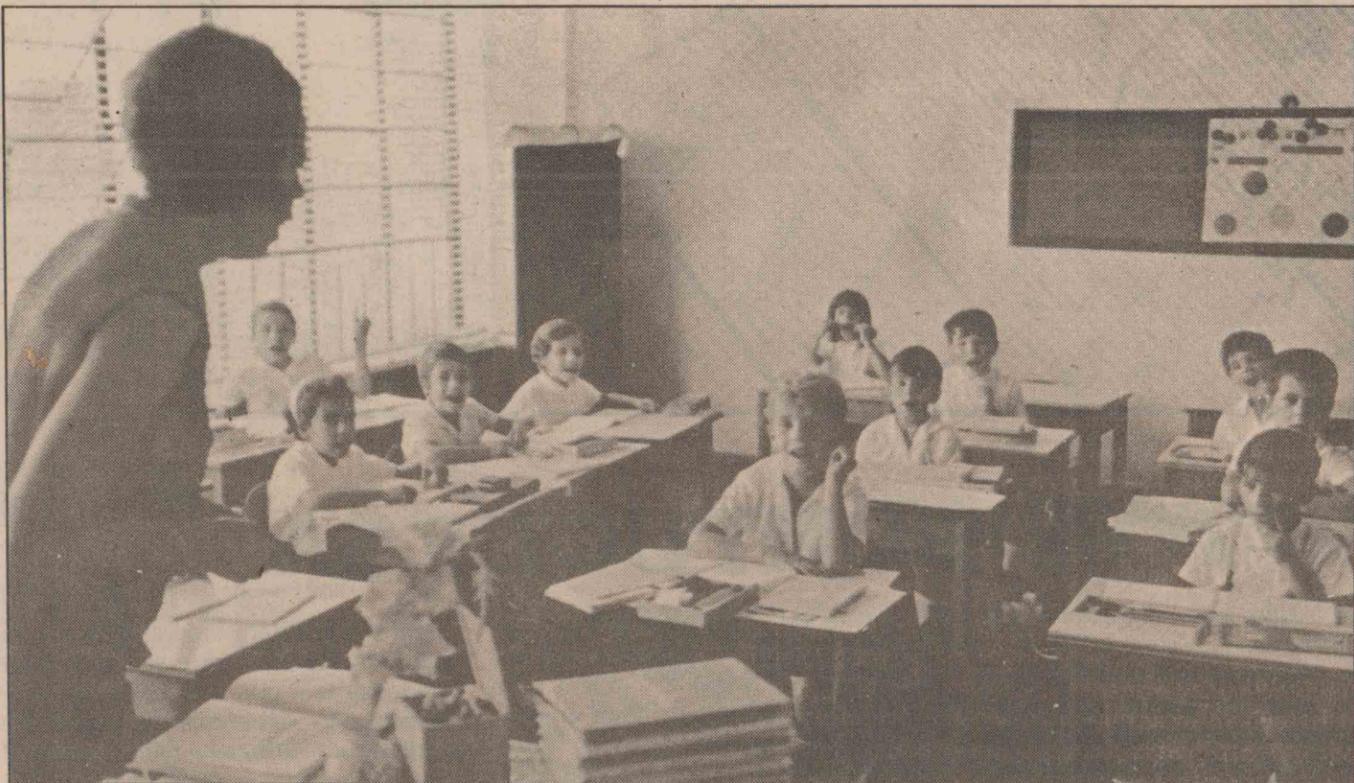
Muitas vezes o professor se encontra problematizado em sala de aula. Isso ocorre por uma série de razões: são coisas que ele precisa fazer, serviços burocráticos, domésticos, etc, porém o que mais o preocupa são os conteúdos que deve desenvolver com os alunos. Quando se pensa em conteúdo, logo também vem em mente a necessidade de uma prática de leitura visando buscar maiores informações.

Já que começamos a ver a questão leitura a partir do professor/leitor, consideramos interessante fazer algumas observações: Existem professores do meio rural ou urbano, que têm oportunidade de trabalhar em equipe, oportunizando, com isso, também a troca de idéias, de experiências sobre seu trabalho. Existem outros que trabalham isoladamente e, além da desvantagem de não ter com quem discutir seu trabalho em igual nível, soma à atividade de pedagogo, as de doméstico, enfermeiro, conselheiro e plantador. Mesmo nessa situação, — fazendo de tudo um pouco e não fazendo nada ao mesmo tempo — ao professor é solicitado constantemente a desenvolver uma prática de leitura com seus alunos, sendo que ele mesmo não consegue ler. Mas o cumprimento dessa obrigação encontra entraves, diferentes dum lugar para outro, dum realidade para outra, começando pelo próprio professor que, devido a sua situação econômica e social, não consegue levar em frente essa prática de leitura. Aí o professor, o que tem consciência disso, se angustia.

Como a educação não é só responsabilidade do professor, afirmamos sempre, mas de todo o grupo de convívio do aluno, o ideal seria que esse problema fosse também compartilhado por todos. Teríamos então pais, comunidades, membros das Secretarias de Educação, de Delegacias de Ensino encarando a necessidade da prática de leitura, não como um conteúdo obrigatório a cargo do professor, mas como um problema a ser compartilhado e que, se assumido com seriedade, resultaria em mudanças positivas no modo de ser das pessoas.

Quando abordamos determinado assunto em sala de aula, sempre temos um objetivo. Este pode não estar escrito no papel, mas pelo fato de optarmos por este assunto e não por outro, a maneira como o conduz, mostra um objetivo, um praquê.

Em se tratando de literatura infantil, precisamos ter clareza do que se quer ao trabalhá-la em sala de aula (1ª a 4ª série) ou mesmo ao indicar livros de literatura. Acontece que os textos nunca são neutros;



eles sempre contêm idéias e estas atingem a criança "fazendo sua cabeça". Necessário seria existir um processo de discussão em cima do que foi lido para que, professor e aluno, aprendam a ficar atentos para ver o que vai além da historinha contada. Não se trataria então de impedir determinadas leituras, mas sim discutir o que elas contêm.

Vamos tentar fazer uma breve análise dum trecho do livro *Reinações de Narizinho*, escrito por Monteiro Lobato autor muito lido já que possui muitas obras infantis.

"... também apresento a Princesa Anastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora e não de nascença. Foi uma fada que a projetou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barbiga de um certo peixe. Então o encanto se quebrará e ela virará uma linda princesa loura. Todos bateram palmas..."

Esse trecho é dito por Narizinho no subtítulo *O Espetáculo*. Estavam brincando de circo e precisavam apresentar uma personagem negra. A criança, que é Narizinho, tenta justificar a cor da personagem.

Podemos fazer algumas considerações sobre o que as colocações, que são do autor, deixam transparecer.

No momento em que se afirma "não reparem ser preta. É preta só por fora e não de nascença", o autor está dum maneira bastante sutil, inculcando, nos seus leitorinhos, o racismo; está impondo um conceito de beleza. Mais adiante quando diz que essa "condenação" é temporária, que quando terminar o Castigo "ela virará uma linda princesa loura", reforça mais uma vez a superioridade do branco.

Professor e aluno deveriam estar atentos para discussão sobre o contexto em que o livro foi escrito: Em que época Monteiro Lobato escreveu. A quem era destinado. Qual era o papel do negro na sociedade. São valores que merecem ser analisados, questionados mas não reproduzidos.

Noutros livros que estão por aí, fatos semelhantes acontecem. Quem não ouviu já alguma vez a história da Branca de Neve, do Gato de Botas, da Gata Borralheira? Histórias que deixam transparecer, além de outras inverdades, a de que o bem sempre vence o mal.

Estamos vendo aí que não basta incentivar o hábito de leitura, se bem que isso é importante, é necessário também que o professor saiba selecionar o que indica para seus alunos, que valores estão perpassando as historinhas que seu aluno lê. Necessário se torna um comprometimento de todos — professor-aluno-pais — Secretarias de Educação, Delegacias de Ensino, com a qualidade de suas bibliotecas, muito maior que a preocupação com a quantidade.

Teríamos aqui uma lista de livros que, acreditamos, poderiam auxiliar na prática da leitura em sala de aula. Não especificamos por série. Cabe também a quem está mais próximo do aluno diferenciar as capacidades de entendimento.

#### Lista

Se . . . Será . . . Serafina? de Cristina Porto  
 Ida e Volta de Juárez Machado  
 Domingo de manhã de Juárez Machado.  
 Clarinha da Ilha de M<sup>a</sup> Clara Machado  
 Clarinha dos Anjos de M<sup>a</sup> Clara

Machado  
 Porã de Antônio Hohlfeldt  
 Reforma da Natureza de Monteiro Lobato  
 Minotauro de Monteiro Lobato  
 Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque  
 Um menino vai para o colégio de Cyro Martins  
 O Balão Amarelo de Luália J. de Almeida Prado  
 Revolução dos Bichos de George Orwell  
 Tonico de José Rezende Filho  
 Soprinho de Fernanda Lopes de Almeida  
 Camilinha e São Jorge de Lilia Malferrari  
 Camilinha no país das cores de Lilia Malferrari  
 Papitoco de Marta M. Rezende Martins  
 Asa Curta de Gilberto Mansur  
 Flicts de Zivaldo  
 O menino maluquinho de Zivaldo  
 A mulher que matou os peixes de Clarice Lispector  
 A Arca de Noé de Vinicius de Moraes  
 Pé de Pilão de Mário Quintana  
 Negrinho do Pastoreio de Maria Tereza Giacomo  
 A viagem das estrelas de Maria Tereza Giacomo  
 A festa no céu de Maria Tereza Giacomo  
 O dilúvio de Maria Tereza Giacomo  
 Saci Pererê de Maria Tereza Giacomo  
 A origem dos bichos de Maria Tereza Giacomo  
 Os dois Papagaios de Maria Tereza Giacomo  
 Contos e Cantigas Brasileiras de Maria Tereza Giacomo  
 A fada que tinha idéias de Fernanda Lopes Almeida